

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 24
SETEMBRO 2020

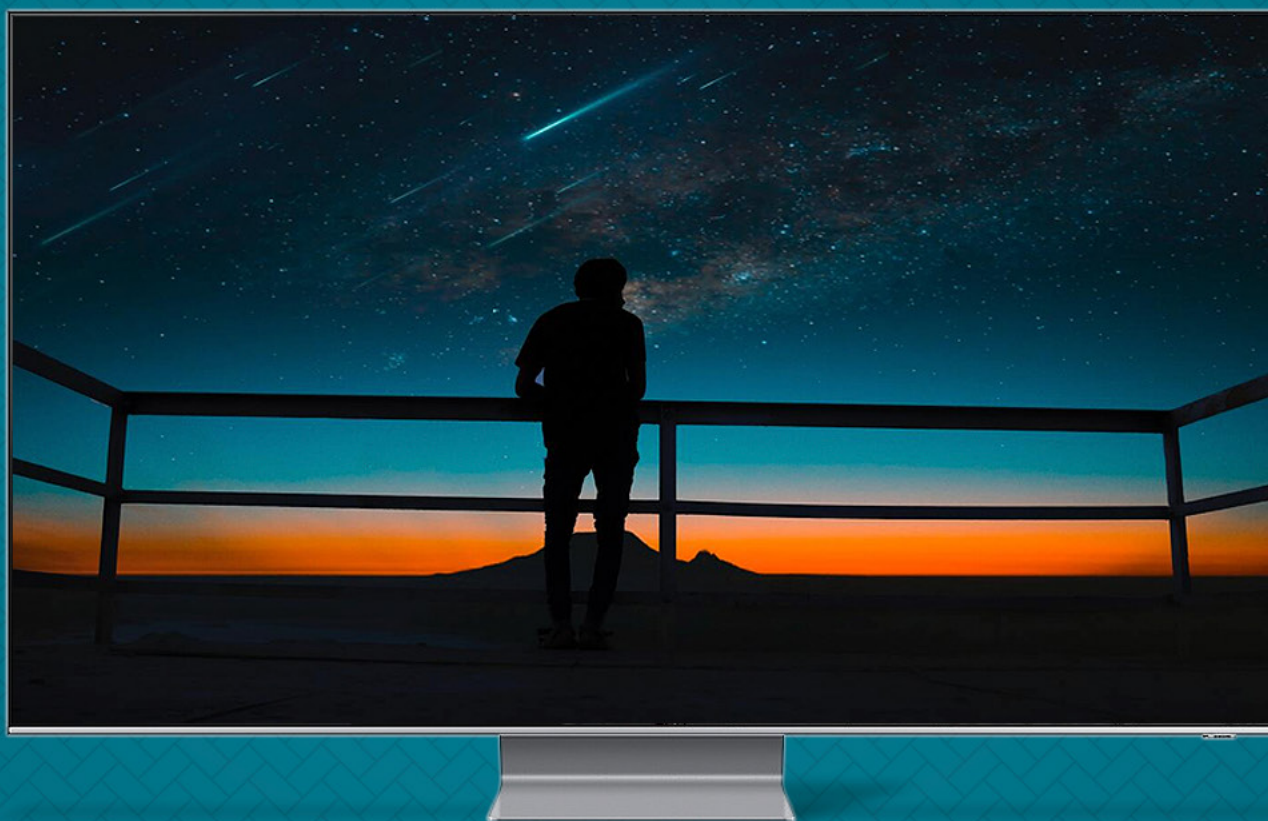
266

EDITORA
AMAG
www.clubedoaudio.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

RESOLUÇÃO E DETALHAMENTO AINDA MAIS IMPRESSOANTES

TV SAMSUNG 8K 65Q800T



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

TOCA-DISCOS MARK LEVINSON 515

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H120

CABO ANALÓGICO FEEL DIFFERENT FDIII RCA

O MAGNÍFICO

PRÉ DE PHONO CH PRECISION P1





Where Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry



ÍNDICE



PRÉ DE PHONO CH PRECISION P1

70

EDITORIAL 4

Um mundo cada vez mais
misoneísta

NOVIDADES 6

Grandes novidades das
principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 16

Novidades

OPINIÃO 18

Como escolher a melhor cápsula
para o seu toca-discos

PLAYLISTS 26

Playlists de setembro

DISCOS DO MÊS 34

Jazz, Clássico & Jazz

AUDIOFONE 43

Volume 8



78



84



96

TESTES DE ÁUDIO

70
Pré de phono CH Precision P1

78
Toca-discos
Mark Levinson 515

84
Amplificador integrado
Hegel H120

90
Cabo analógico
Feel Different FDIII RCA

TESTE DE VÍDEO

96
TV Samsung 8K 65Q800T

ESPAÇO ABERTO 106

Fato ou fake

VENDAS E TROCAS 108

Excelentes oportunidades
de negócios



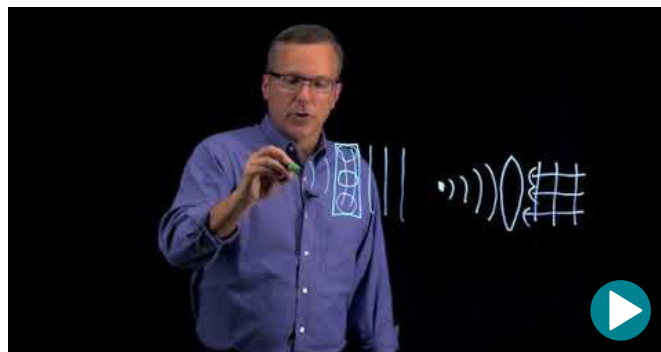
Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

UM MUNDO CADA VEZ MAIS MISONEÍSTA

A antropologia chama de “misonéismo” um medo profundo e supersticioso do novo. Pensava-se que este fenômeno ocorreria apenas com os povos primitivos, com o contato com civilizações mais avançadas, porém verificou-se que a partir do século 19 o dito “homem civilizado” reage a ideias novas da mesma maneira, erguendo barreiras psicológicas para se proteger do choque trazido pela inovação. Todo homem que tem a coragem de ser um pioneiro em sua área de atuação é vítima desse conservadorismo inato, de parte de seus contemporâneos, e muitas vezes a história nos mostrou que esses homens não só foram ridicularizados, como alguns pagaram com a própria vida por terem a coragem de mostrar novos caminhos de conhecimento e formas de aprimorar tecnologias. Lembro quando, no colegial, meu brilhante professor de Biologia, o sr. Reginaldo, nos contou os horrores que a sociedade conservadora fez com Darwin e como os médicos reagiram as ideias de Pasteur. Como todo adolescente, sonhava com dias melhores e que, com o avanço da tecnologia e novos campos de atuação, venceríamos este grau de ignorância coletiva e entraríamos no século 21 livres de todo este atraso e estupidez! Não poderia ter me enganado tanto! Pois quanto mais penetramos neste novo século, parece que certas práticas insanas não só se estabeleceram no seio da sociedade, como parecem querer nos levar novamente para a idade média ao negar, em todas as áreas científicas, avanços que nos custaram tanto alcançar. Ter que conviver com terraplanistas, criacionistas e os que se opõem às vacinas, me remete ao pesadelo do tempo da Inquisição, em que em nome de um Deus “desumano”, homens religiosos decidiam quem deveria morrer ou viver. Nunca vi nos meus sessenta e dois anos tanta virulência e tanta estupidez e, à medida que este misonéismo avança, todas as áreas são contaminadas sem nenhuma exceção.

Outro dia um leitor me perguntou se era verdade que o CD Player não pode ser considerado hi-end, já que sua resposta de frequência nos graves só desce até 35 Hz, e que o Streamer desce apenas à 40 Hz. Intrigado, perguntei aonde ele tinha visto essa informação e ele me respondeu que em um fórum hi end, aqui e lá fora! Depois de tranquilizá-lo, e mandar para ele nosso CD de Teste, que encartamos em nossa edição de março de 2.000 (com todas as frequências de 20 Hz a 20 kHz), e explicar que talvez ele não consiga ouvir abaixo de 35 Hz, por limitações em suas caixas acústicas e não pelo fato do CD-Player não responder, e acima de 16 kHz por limitações auditivas e não por alguma limitação no CD-Player, fiquei por alguns dias pensando o que leva um indivíduo a afirmar algo tão simples de ser provado que ele está errado? Ignorância, má fé... Ou

o fato dele não ter um sistema capaz de responder abaixo de 30 Hz, que o levou a esta conclusão? Espero sinceramente que seja esta última opção. Pois ao menos os que afirmam tamanha estupidez poderão um dia se desculpar (caso tenham a capacidade e humildade de fazê-lo). É o mesmo comportamento do audiófilo que não escuta diferenças em cabos ou amplificadores, e então julga que os que escutam estão se iludindo. Eu provavelmente não estarei vivo, mas não tenho dúvida alguma que os padrões de medições irão avançar tanto nas duas próximas décadas, que teremos condições não só de medir como também entender o fenômeno que ocorre na reprodução de música eletronicamente. Assim como a nanotecnologia, a neurociência, e o estudo de metamateriais nas áreas ótica, elétrica e eletromagnética, nos darão respostas e criarão novas maneiras de avaliar e desenvolver todos esses produtos. Querem um exemplo desse admirável mundo novo? Um acordo fechado recentemente entre o fabricante de caixas acústicas KEF e o grupo AMG de Hong Kong, especializado no estudo de metamateriais, desenvolveu um absorvedor de som para gabinetes e alto-falantes. O primeiro passo foi dado com a criação de um material sintético que tem a capacidade de absorver todo o som indesejado que for irradiado da parte traseira do falante, reduzindo sua distorção e diminuindo drasticamente a necessidade de absorção nas paredes dos gabinetes de caixas acústicas. O grau de revolução que este material sintético pode fornecer, certamente reescreverá a história dos falantes neste século. Isso ocorrerá se a onda de conservadorismo insano que se instalou no mundo não atrapalhar, e os que defendem que os CD-Players não podem ser considerados produtos hi-end, não julguem que falantes devem continuar sendo construídos rigorosamente dentro dos padrões do início do século 20! Para o desconhecimento sempre existe uma solução. Porém, para a estupidez humana, nenhuma! ■





NOVO ESPAÇO AUDIO CLASSIC

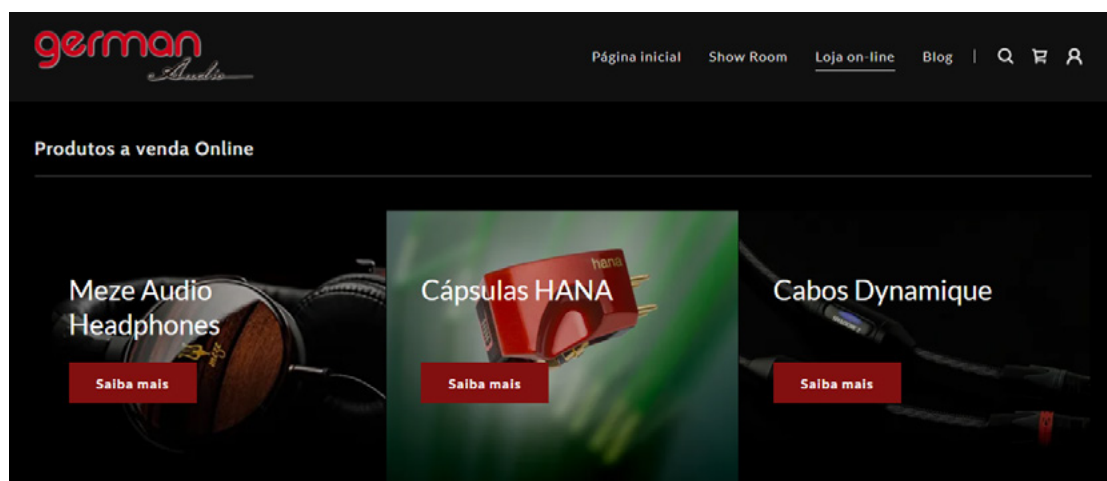
Venha conhecer nossa proposta de te apoiar no hobby que o faz feliz. Estamos completando 18 anos nesta atividade. Esperamos continuar ao seu lado pois acreditamos que a música é a herança que fica como uma mensagem de otimismo e alegria.

Calçada Antares, 241 - Alphaville/SP - Centro de Apoio 2
Em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 99341.5851 

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
LOJA.AUDIOCLASSIC@GMAIL.COM



NOVO SITE DA GERMAN ÁUDIO POSSIBILITARÁ COMPRA DIRETA DE ALGUNS PRODUTOS



Headphone Meze Empyrean

A venda online é uma tendência que só cresceu e se solidificou com a pandemia em todo o mundo. Buscando atuar de forma mais presente neste novo nicho de negócios, a German Áudio acaba de colocar no ar seu novo site, com a possibilidade de compra de alguns produtos novos e usados - e com parcelamento em até 4 vezes sem juros.

Entre os produtos novos, estarão os fones de ouvidos da Meze Audio e as cápsulas Hana.

A Meze Audio foi fundada em 2009 por Antonio Meze, quando ele percebeu como consumidor que ainda havia espaço para novos conceitos, e haviam novos padrões tecnológicos a serem explorados no mercado de fones hi-end. O primeiro lançamento com a marca ocorreu em 2015, com o modelo Meze 99 Classic. Foi um sucesso retumbante de público e crítica. Desejando ampliar o leque de produtos lançados, em 2018 a Meze uniu sua experiência de design com a empresa Rinaro Isodynamics, que desde os anos



Caixas acústicas NEAT
Em BREVE



Cápsula Hana SH

80 se encontra na vanguarda do desenvolvimento de fones magnético-planares, e o primeiro fone deste casamento foi o Empyrean, estabelecendo a Meze como a referência nos fones magnético-planares da atualidade. Na sequência foi lançado o Rai Penta, o monitor in-ear hi-end com dois drivers BA duplos e um driver dinâmico.

As cápsulas Hana são feitas pela empresa japonesa Excel Sound Corporation, que fabrica há mais de meio século, tanto para inúmeras empresas de cápsulas, como com seu próprio nome. A série Hana surgiu com força no mercado mundial em 2015 e, desde então, ganharam enorme destaque no mercado pela sua excelente relação custo/performance. No site você encontrará todos os modelos disponíveis, preços e informações técnicas detalhadas. ■

Para mais informações:
German Áudio
www.germanaudio.com.br



TD DR FEICKERT BLACKBIRD



Transrotor ZET-3 NEW VERSION, Prato 70mm KONSTANT EINS,
Regulador de velocidade 33/45 RPM
Braço SME SERIE 5 - Cápsula Bez-Micro LPs



CD MERIDIAM 808 COM TRANSP.NOVO



CX HANSEN EMPEROR
IMPECÁVEL



CAIXA SONUS FABER
STRADIVARI IMPECÁVEL

NOVO ESPAÇO AUDIO CLASSIC

Venha conhecer nossa proposta de te apoiar no hobby que o faz feliz. Estamos completando 18 anos nesta atividade. Esperamos continuar ao seu lado pois acreditamos que a música é a herança que fica como uma mensagem de otimismo e alegria.



Assista aos vídeos e conheça melhor a nossa loja!

SAMSUNG LANÇA NOVA LINHA DE MONITORES PROFISSIONAIS COM TECNOLOGIA 8K



A tecnologia 8K chegou para enriquecer ainda mais o portfólio da Samsung para telas destinadas a ambientes corporativos e comerciais. A linha SMART Signage ganhou dois novos modelos que oferecem o máximo da qualidade de imagem e um design discreto e elegante para combinar com escritórios, museus, centros financeiros e lojas.

Estão disponíveis no mercado duas versões da QPR-8K: 82" que pode ser usada tanto na horizontal quanto na vertical, e 98" que funciona somente na horizontal. Ambas desfrutam do nível de excelência já consagrado da Samsung para telas grandes, com bordas mínimas, 100% do volume de cor e tecnologia Quantum HDR para gerar experiências ainda mais imersivas.

A linha de monitores profissionais 8K Samsung oferece a perfeita realidade com suas imagens em altíssima definição. E até mesmo conteúdos que não foram produzidos originalmente em 8K chegam a uma resolução mais próxima graças ao recurso IA Upscaling, que usa inteligência artificial para o aprimoramento de imagens.

Os modelos QPR-8K se destacam ainda pela versatilidade. O nível de detalhamento e precisão das telas ajudam a incrementar o desempenho de produtores de conteúdo e de profissionais do mercado

financeiro. Já as imagens perfeitas podem servir de plataforma para exposições digitais e de fotografia em museus e galerias de arte ou na exibição de produtos para lojas de alto padrão. Tudo isso com a premiada tecnologia 8K da Samsung para a linha SMART Signage. ■



Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

SOUND TOWER MX-T55: A NOVA CAIXA ACÚSTICA DA SAMSUNG COM ÁUDIO BI-DIRECIONAL



Com 500W RMS de potência e design único, pode ser conectada por Bluetooth com até dois smartphones e oferece versatilidade com funções de karaokê e DJ.

A Samsung lança no Brasil sua primeira Sound Tower, uma caixa de som vertical com potência extraordinária de 500W RMS, que oferece a melhor experiência musical para os usuários. O produto, batizado de MX-T55, já está à venda no Samsung.com e no e-commerce de redes de varejo selecionadas.

“É um produto criado para promover a diversão em qualquer lugar e com muita qualidade. Em um momento em que as pessoas procuram alternativas para o lazer sem sair de casa, criar um ambiente de som perfeito para curtir com a família é uma opção”, explica Erico Traldi, Diretor de Produto da Divisão de TV e AV da Samsung Brasil.

Os alto-falantes da MX-T55 são superpotentes, trazendo aquela sensação única das festas e baladas para dentro de casa (mas sem aglomerações, por enquanto), e pode ser colocada em qualquer canto do ambiente, já que seu design inovador proporciona um som bidirecional permitindo um alcance mais eficiente e abrangente do som.

Quem gosta e deseja um produto do gênero certamente está à procura da máxima intensidade dos graves e da chance de reproduzir o melhor som dentro da própria casa. As luzes de LED acompanham o ritmo das músicas e promovem um espetáculo de cores,



e o melhor é que o usuário pode escolher a combinação perfeita de tons no exclusivo aplicativo Giga Party Audio.

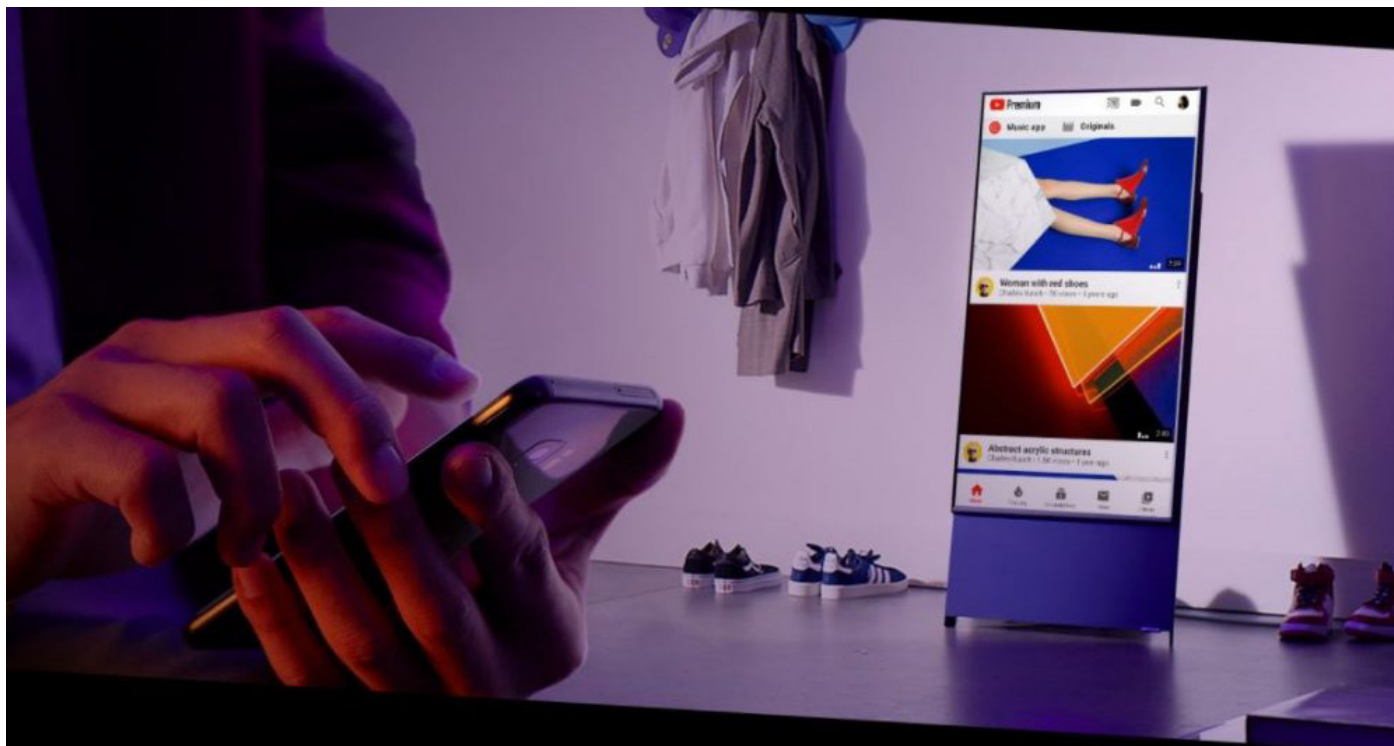
Com esse mesmo app, o usuário dá um toque especial para seus hits favoritos e se arrisca como DJ através de efeitos especiais que ele mesmo configura. Já a entrada de 3,5mm para cabos de microfone ou instrumentos musicais, permite a você cantar ou tocar em casa como se estivesse em um palco.

A Sound Tower, que é resistente à água em seu painel superior, e também chega para aumentar a conectividade entre amigos e familiares. Com a multiconexão por Bluetooth, dois smartphones podem ser ligados à ela simultaneamente e alternar playlists e estilos musicais com maior praticidade. Além disso, o Modo Grupo possibilita que até 10 Sound Towers da Samsung sejam sincronizadas sem a necessidade de fios, gerando uma experiência sonora ainda mais intensa. ■

Preço sugerido: R\$ 1.699.

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

SAMSUNG LANÇA A THE SERO - PRIMEIRA TV QUE GIRA PARA A VERTICAL



O mundo está cada vez mais aberto a inovações e conceitos disruptivos. As pessoas buscam o tempo todo novas formas de conectar e produtos que entreguem muito mais do que uma simples função. A Samsung faz isso ao desenvolver e trazer para o mercado brasileiro a TV The Sero, a primeira capaz de girar a tela para a vertical e se adaptar ao consumo de conteúdos de redes sociais.

A The Sero já é um sucesso de vendas na Coreia do Sul, primeiro país a lançar o produto ano passado e chega ao Brasil em setembro para atender à demanda de uma geração conectada e atenta a inovações.

O lançamento da The Sero no Brasil dá sequência à expansão do portfólio de TVs da linha Lifestyle da Samsung, que já conta com a The Frame em 43 e 55 polegadas. Com design único e qualidade de áudio Premium, a The Sero proporciona plena diversão e qualidade de imagem em filmes, séries e programas com a tradicional tela na horizontal, mas se destaca pela capacidade de garantir o entretenimento do smartphone perfeitamente encaixado à TV, rotacionando a tela da TV para o formato vertical no momento de conferir o máximo do conteúdo das redes sociais, sem limites ou faixas pretas interferindo no consumo de seu entretenimento.

TV+Smartphone - A The Sero tem 43" e traz como grande mote a incomparável conectividade com os smartphones, fazendo com que





(21) 99143.4227 (Júnior Mesquita)

JBL CINEMA SB130 ENTREGA POTÊNCIA E GRAVES IMPRESSIONANTES



Lançamento conta com Dolby Digital, conexões HDMI ARC, Ótica e Bluetooth, entre outros recursos de ponta do mercado de soundbars.

Graves impressionantes para o som de casa: chega ao mercado nacional a JBL Cinema SB130. Ampliando o portfólio de soundbars da marca, a novidade produz 55 W RMS de potência em 2.1 canais, sendo dois drivers full-range e um subwoofer. Possui sua conexão facilitada por um único cabo HDMI ARC, e é capaz de transformar a experiência de assistir filmes ou ouvir músicas com o som lendário JBL.

O som poderoso e envolvente da soundbar cria uma autêntica experiência de cinema para a casa - recurso ampliado graças ao Dolby Digital instalado de fábrica, que qualifica ao máximo esse ambiente sonoro com a sensação de que o áudio vem de diferentes direções. Já o subwoofer com fio garante graves mais profundos, uma das qualidades marcantes da JBL. Com conexões HDMI ARC, Ótica e Bluetooth, o consumidor pode desfrutar da JBL Cinema SB130 tanto para assistir filmes e séries, como para se conectar com suas músicas favoritas em perfeita reprodução a partir de qualquer smartphone, tablet ou laptop.



Os acabamentos da soundbar e do subwoofer ainda faz deste lançamento um item diferenciado para a sua casa. Além da beleza, o design foi projetado de modo a entregar praticidade ao consumidor, especialmente pela instalação simplificada por um único cabo. ■

Para mais informações:
JBL
www.jbl.com.br

A JBL AMPLIA A LINHA GAMER COM A CAIXA DE SOM QUANTUM DUO



Caixa de som para PC apresenta tecnologias exclusivas da marca para revolucionar a experiência sonora dos games.

Após a chegada de todos os headsets JBL Quantum para jogadores casuais e competitivos, está disponível no mercado nacional a JBL Quantum DUO, a caixa de som para PC da primeira linha gamer da marca. Anunciada na CES20, nos Estados Unidos, o lançamento possui som imersivo, tecnologia Dolby Digital, efeito de luzes, conexão Bluetooth, entre outros recursos inovadores e exclusivos para revolucionar a experiência sonora dos gamers.

A JBL Quantum DUO conta com as tecnologias Dolby Digital e JBL QuantumSOUND Signature™ para reproduzir um som imersivo, poderoso e realista, levando aos jogadores uma experiência de áudio espacial única.

Desenvolvida para reproduzir todo o espectro de áudio com intensidade e precisão, além de ter um design imponente, a caixa de som para PC é um dos destaques da linha. Com efeitos de luzes de LED RGB, você poderá customizar seu ambiente de jogo, enriquecendo o ambiente para os jogadores entrarem na atmosfera do jogo.

Com 20 W RMS de potência, a JBL Quantum DUO também oferece alta qualidade para curtir suas músicas favoritas via streaming. O produto conta com a tecnologia Bluetooth para uma conexão totalmente livre de fios com computadores, tablets e smartphones. As caixas também podem ser utilizadas em consoles, tanto por meio de plugue P2 quanto via USB e possuem saída para fone de ouvido. Tudo isto com uma fácil conexão plug & play.

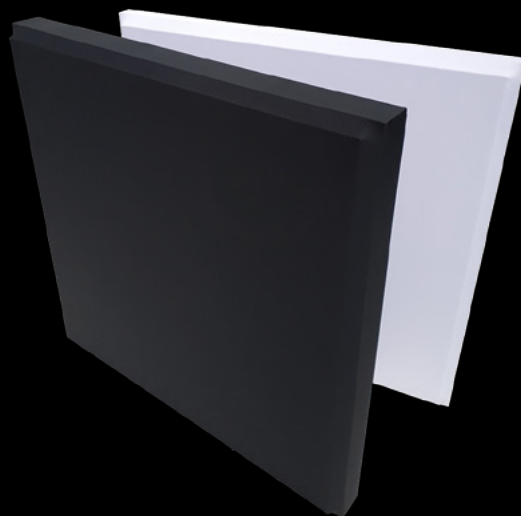
À frente das principais inovações no segmento de áudio, a Harman entra no mercado de jogos com o som lendário JBL. ■

Preço sugerido: R\$ 1.299.

Para mais informações:
JBL
www.jbl.com.br



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererĩ oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience
www.hifiexperience.com.br

YAMAHA ANUNCIA LINHA REDESENHADA DE RECEIVERS AV



Chegam ao mercado mundial em setembro os novos receivers AV da Yamaha, com um visual totalmente novo, da linha RX-V.

Até agora, por mais de duas décadas, a maioria dos receivers AV tinham aquele visual quadrado com cantos vivos, com display central verde-azulado, com o grande botão de volume à direita - um design prático, porém não dos mais bonitos.

Os dois novos modelos que a Yamaha está apresentando ao mercado, com sua linha RX-V, mudam bastante, trazendo uma frente com bordas arredondadas, um grande botão de volume ao centro e um display agora à direita - e em LCD.

Ambos modelos se posicionam no segmento de entrada da linha, sendo o RX-V4A um modelo 5.1 com 80 W por canal (6 Ohms, 0.06% distorção harmônica, 20 Hz - 20 kHz de resposta de frequência), trazendo quatro portas HDMI com capacidade até 8K em 60 Hz, e 4K em 120 Hz, ambas com suporte eARC. É um receiver com conexões de rede Ethernet e Wi-Fi, além do sistema multi-room MultiCast da Yamaha. O suporte de áudio via rede é de até 192 kHz de amostragem, e DSD 11.2 MHz.

O segundo modelo, o RX-V6A, é um passo acima, sendo ele 7.1 (suporte Dolby Atmos e DTS:X) canais com 100 W por canal (8 Ohms, 0.06% de distorção harmônica, 20 Hz-20 kHz de resposta de frequência). Possui 7 entradas HDMI, uma entrada de linha RCA, além de uma entrada phono para toca-discos de vinil, e de saídas pré para os canais frontais - para uso de amplificadores de potência externos para música estéreo. Um receiver com foco em qualidade sonora superior, sendo que suporta áudio 24-bit/384 kHz em PCM, 96 kHz com Apple Lossless, e também DSD 11.2 MHz.

Ambos modelos da linha RX-V possuem 17 modos DSP, além do Modo Direto (Direct Mode) para audição de música sem processamento.

Para mais informações:
Yamaha
www.yamaha.com.br

AX R100

FM/AM STEREO RECEIVER

 CAMBRIDGE



Nova linha - O som do progresso

O amplificador mais poderoso da nova linha AX oferece excelente potência de 100 watts por canal, uma saída pré amplificada para subwoofer dedicada especialmente a melhorar os graves. Também possui dois conjuntos de saídas para loudspeakers (zona a & zona b). Com entradas analógicas, digitais e fono. Possui receptor FM / AM com RDS. Sua grande novidade está no bluetooth integrado que permite transmitir suas músicas favoritas de seu smartphone, tablet ou PC.



HI-END PELO MUNDO



CAIXAS W22 TOPO DE LINHA DA BOENICKE

Com lançamento prometido ainda para este ano, a suíça Boenicke apresentou o design e especificações de suas novas caixas acústicas topo de linha. As W22 - em comemoração aos 22 anos de existência da empresa - usam um sistema próprio onde seus três falantes ficam suspensos, e tem medições, segundo empresa, que apresentam sensibilidade de 101 dB nos agudos (tweeters de domo da Audax), 95 dB nos médios, e entre 96 e 100 dB nos graves (woofers de 11 polegadas da Supravox). O preço e a data de lançamento das Boenicke W22 ainda não foram divulgados. ■

www.boenicke-audio.ch

NOVA TORRE COMPACTA DA WILSON AUDIO SABRINAX

A célebre americana Wilson Audio anunciou um novo par de caixas torre compactas e mais acessíveis. As SabrinaX são projetadas e fabricadas totalmente no estado de Utah, nos EUA, seus gabinetes são inteiramente do X-Material para minimizar vibrações, usam o mesmo tweeter Convergent Synergy usado da topo de linha Chronosonic XVX - assim como os mesmos bornes e spikes - e o mesmo woofer de 8 polegadas usado no modelo Sasha DAW da empresa. O preço do par de Wilson Audio SabrinaX começa em US\$ 18.500, nos EUA. ■

www.wilsonaudio.com



INTEGRADO TECHNICS REFERENCE CLASS SU-R1000

Ramo de áudio especializado do grupo japonês Panasonic, a Technics acaba de lançar, dentro de sua linha topo Reference Class, o amplificador integrado SU-R1000, que aposta novamente no circuito de amplificação digital classe D, e por isso inclui tecnologias exclusivas da marca, como o cancelamento ativo de distorção, calibração adaptativa de fase, e eliminação de jitter. Por outro lado, o SU-R1000 traz um pré de phono inovador de alta qualidade, entradas RCA e XLR, e entradas digitais coaxiais, óticas e USB. O preço estimado do amplificador integrado Technics SU-R1000 será de US\$ 9.500. ■

www.technics.com/us





INTEGRADO MARANTZ MODEL 30

Inaugurando uma nova era de design na marca, a Marantz está lançando o amplificador integrado Model 30, cujo desenvolvimento começou em 2017. Com um circuito de pré totalmente analógico, o Model 30 traz uma fonte de alimentação com transformador toroidal dedicada à seção de pré-amplificação (HDAM com JFET), e outra fonte chaveada de alta corrente para a seção de power, que usa módulos classe D da Hypex NC500, provendo 100 W por canal em 8 Ohms. O preço do amplificador integrado Marantz Model 30 - que vem com placa de pré de phono MM/MC - é de US\$ 2.499, nos EUA.

www.us.marantz.com/en-us

INTEGRADO & CD ROTEL EM TRIBUTO À KEN ISHIWATA

Um dos últimos trabalhos da vida de Ken Ishiwata - famoso por seus equipamentos na Marantz - foi a especificação de um integrado e um CD-Player para japonesa Rotel. O resultado, finalizado pela empresa, está sendo lançado agora: amplificador integrado A11 e CD-Player CD11 da série Tribute. O A11 traz circuito classe AB com 50 W por canal, phono MM, e DAC interno 24-bit/192 kHz com Bluetooth aptX. O CD, também 24/192 com chip Texas Instruments, tem melhorias de fonte de alimentação e no amortecimento de gabinete. O preço do integrado A11 é US\$ 799, e do CD-Player CD11 é US\$ 599, nos EUA.

www.rotel.com



TOCA-DISCOS DE MÁRMORE SAINT LAURENT

A grife francesa de moda Saint Laurent, através de sua linha de produtos de luxo Rive Droite, está lançando um toca-discos de vinil de ultra luxo com base de mármore, em edição limitada. O projeto foi exclusivamente encomendado ao projetista e fabricante francês de toca-discos de vinil Pierre Riffaud, que começou a desenvolver esses equipamentos audiófilos analógicos de alta precisão, feitos à mão, nos anos 80. O toca-discos de mármore Saint Laurent Rive Droite tem uma etiqueta de preço de US\$ 44.000.

www.riffaud.eu





COMO ESCOLHER A MELHOR CÁPSULA PARA O SEU TOCA-DISCOS

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Em nossa equipe de colaboradores temos dois exímios “experts” em setups analógicos, caras que respiram e transpiram 24 horas sobre o assunto: Christian Pruks e André Maltese. Se você começar um bate papo com ambos, é melhor puxar a cadeira, se acomodar, porque o papo vai durar horas e você receberá dicas valiosas para o resto de sua vida.

Tudo que recebo referente ao assunto, compartilho com ambos e desta maneira descobri que as opiniões muitas vezes são antagônicas (principalmente em termos de marcas, modelos e concepções no desenvolvimento de algumas ideias). Gosto desta diversidade, pois ela me faz não esquecer que nossas percepções sobre o mesmo

assunto são influenciadas diretamente pela nossa personalidade e a maneira com que nossas expectativas foram ou não positivas.

Ambos são muito eloquentes em suas opiniões, o que sempre me leva a querer ouvir determinados produtos por eles citados e tirar as minhas próprias observações.

Esta introdução é para alertá-lo, amigo leitor, que falar de sistemas analógicos é um assunto espinhoso e que carrega em seu âmago (principalmente nos que viveram toda a sua vida ouvindo vinil) que existe um componente emocional, que pode “impregnar” todas as impressões deixando o interlocutor com mais dúvidas ainda. Foi por isso que decidi eu mesmo escrever este Opinião, já que não sou

um “expert” no assunto, mas vivi tempo suficiente para ter inúmeros sistemas analógicos e ter a oportunidade de testar e usar mais de uma centena de cápsulas nos meus sessenta e dois anos de vida.

Os nossos novos leitores nos perguntam sobre muitos temas, mas três parecem ser recorrentes: dicas de fones de ouvido, streaming e toca-discos. Muitos nos contam que herdaram coleções de discos dos pais, tios e avós e perceberam que muitos discos tem enorme valor emocional para se desfazerem.

Aí começa a peregrinação pela montagem de um setup analógico bom e barato! E aí entramos nós, tentando ajudá-los a separar o joio do trigo.

MÃOS À OBRA

A primeira dica: fuja das “vitrolas” compradas na Amazon por 999 reais! Elas terão o mesmo efeito do tempo nas fotos Polaroid, suas cápsulas de cerâmica irão destruir o sulco dos discos, deixando-os imprestáveis. Essas vitrolas só servem para decoração retrô, nada mais que isso. Você precisa ter em mente que existe um enorme desgaste físico tanto do disco como da cápsula, então é preciso o maior cuidado possível para que ambos durem o máximo!

Também é essencial que se faça um pente fino, disco por disco, para ver se estão empenados, riscados, sujos, mofados e sem o celofane de proteção. Pois manter uma coleção de vinil só vale todo esforço se eles estiverem em condições de uso. Feita essa triagem, separe o que irá danificar sua agulha - e o resto, antes de ser tocado, precisa ser lavado, secado e depois devidamente colocado em um plástico novo (existem diversos kits com capas anti-estáticas adequadas, que custam em média 100 reais com 20 capas). Este investimento é essencial caso deseje levar este hobby à sério.

COMO LAVAR

Meu amigo, se você não for um cara dedicado e jeitoso, esqueça. No seu caso, será necessário investir em uma máquina de lavar disco (existem à partir de 400 reais). Se você achar um investimento alto, a única solução será: ir para a pia, munido de uma esponja ultra macia, colocar um litro de água potável com duas colheres de shampoo para bebê, misturar e passar no sentido horário para tirar toda a sujeira dos sulcos. Depois colocar debaixo da torneira até retirar todo o resíduo. Tome todo cuidado para não molhar o selo no centro do disco, ok? Se você for um sujeito resignado, conseguirá fazer, por dia, de 20 a 30 lavagens.

Para secar deixe os discos em pé com um pano embaixo para receber a água que irá escorrer. Atenção: só guarde os discos depois de certificado que estão integralmente secos.

Dá trabalho? Sim, tanto trabalho que se você tiver mais de 100 LPs, certamente chegará à conclusão que vale a pena investir na máquina de lavar.

E para discos novos lacrados? Muitos acham que o disco lacrado não dará trabalho algum. Ledo engano, meu caro, este também precisa ser lavado assim que é aberto. Pois no processo de prensagem a quantidade de poeira, sujeira e manipulação que o disco passa, o deixa impregnado de micro partículas que serão audíveis desde a primeira audição. Aliás, essa é uma das maiores reclamações do audiófilo que compra um disco de 180 gramas, paga uma fortuna (muitos custam mais de 500 reais!), põe para ouvir, e os clicks e plocs estão todos ali. O LP não veio com defeito - ele está apenas sujo. Lave-o e terá uma audição sem plocs.

Outra praga que impregna todo LP é a estática (que também é audível) - é preciso se cercar de cuidados redobrados, caso deseje ouvir apenas a música e nada mais. Por isso que indiquei as capas de proteção anti-estática e as escovas especiais (que o André Maltese odeia), mas que uso há mais de 40 anos! Funcionam, desde que os discos estejam limpos, do contrário tira a estática, mas espalha a sujeira por toda a superfície do disco.

Feitos todos esses procedimentos, podemos falar de cápsulas. Porém, é preciso entender que cápsula e braço trabalham em conjunto, portanto devem ser pensados como um único componente da cadeia do setup. Não adianta investir um valor alto em uma cápsula se o braço não corresponder em termos de compatibilidade. Este é o principal erro do iniciante: compra um toca-discos simples de entrada com recursos limitados, e acha que poderá realizar futuros upgrades no setup, trocando a cápsula por uma melhor.

No sistema analógico, diria por experiência própria que os elos fracos são ainda mais evidentes! Então, se sua intenção é navegar por essas águas por um longo tempo, tenha em mente que upgrades consistentes exigirão que todo o setup tenha coerência, sinergia e folga, para o ingresso de novos componentes (principalmente o Toca-Discos), ou então a cada novo degrau, se desfaça do atual para subir um pouco mais.

Antes de falar especificamente de cápsulas famosas com excelente relação custo/performance, apresento um glossário com vários termos que, certamente para os mais jovens, será fundamental.

Toda cápsula é constituída de uma agulha que faz a leitura dos sulcos, um cantilever que une a agulha ao corpo da cápsula, e este corpo é fixado no shell do braço através de dois parafusos.

O Corpo da cápsula pode ser feito de inúmeros materiais, como plástico, madeira, material composto, mistura de materiais, etc. O essencial é que o corpo consiga amortecer o sinal proveniente do atrito da agulha sem criar colorações não existentes na gravação.

O Cantilever é a haste longa e fina que liga a agulha ao corpo. Ele pode ser feito de alumínio, berílio, fibra de carbono e cacto (no caso de algumas das cápsulas do fabricante americano SoundSmith).

A Suspensão é onde o cantilever é assentado. Ela funciona exatamente como a suspensão do carro, e é a única maneira da agulha ler os sulcos do disco suavemente sem danificar o mesmo.

A Agulha que fica na ponta do cantilever pode ser: cônica ou elíptica - ou em perfis especiais mais complexos que vêm em cápsulas mais sofisticadas.

As cônicas geralmente são utilizadas nas cápsulas mais de entrada, pelo seu baixo custo de produção. Geralmente são mais grossas e por isso não conseguem extrair muitas das sutis informações existentes nos sulcos, por estarem em contato com uma área de superfície menor. Se a coleção que você herdou está mal conservada, uma agulha cônica pode ser uma vantagem, pois transmite menos ruído da superfície do sulco. Agora, se são discos novos ou bem conservados, você perderá muitas informações das áreas mais profunda dos sulcos. Outra desvantagem das agulhas cônicas é que se desgastam muito mais rápido e também causam mais danos aos discos, principalmente se estiverem com o ajuste de peso errado.

Felizmente, atualmente a maioria dos fabricantes disponibiliza, mesmo em sua linha de entrada, agulhas elípticas, possibilitando que a agulha penetre melhor nos sulcos, captando mais detalhes dos mesmos, causando menos desgaste ao disco e aumentando audivelmente a inteligibilidade das gravações.

O cuidado está na hora do ajuste da cápsula e o braço, pois eles precisam ser alinhados precisamente para obter o melhor desempenho possível, e não danificar nem as agulhas e muito menos os discos.

Outra informação importante: saber se a cápsula que você está comprando é de baixa ou alta compliância. Baixa compliância significa que a suspensão (do cantilever) é mais rígida e isso exigirá um braço mais pesado para que a agulha permaneça perfeitamente encaixada e dissipe corretamente as vibrações mecânicas captadas pela agulha, dando mais estabilidade mecânica e melhor qualidade sonora.

Em uma cápsula com cantilever e suspensão de alta compliância, portanto mais flexível, eles funcionarão melhor com braços mais leves, pois com um braço mais pesado a agulha terá dificuldade de leitura e de dissipação de vibrações, e pode facilmente danificar a agulha e o disco - além de prover uma qualidade sonora inferior por conta dessa incompatibilidade.

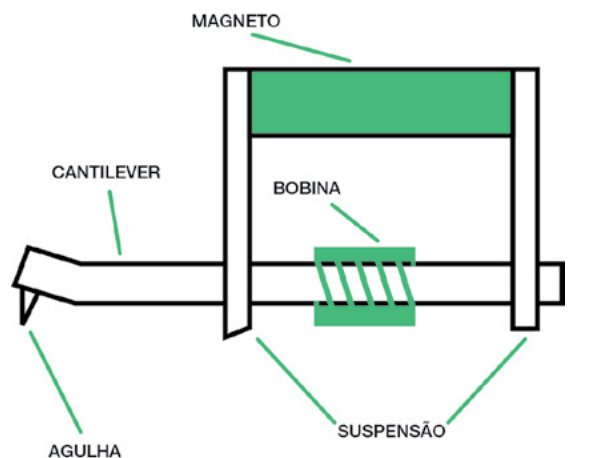
Lembra quando acima escrevi que é preciso raciocinar cápsula/braço como um componente só? Aí está o motivo.

As cápsulas de entrada mais vendidas têm uma massa média de 10 a 15 gramas, o que garante alta compatibilidade com a maioria esmagadora dos braços existentes nos toca-discos de entrada. O que facilita muito a quem dará o primeiro passo nesta empreitada.

MM - MAGNETO MÓVEL, OU MC - BOBINA MÓVEL

Vamos à uma explicação bem objetiva de como funcionam essas duas opções. Uma cápsula - que nada mais é que um motor convertendo vibrações em sinal elétrico - quando é de magneto móvel (MM) usa um pedaço de imã, enquanto que a de bobina móvel (MC) usa bobinas de microfios enrolados. E isso permite que a cápsula MC seja muito mais leve em relação ao imã.

Consequentemente, em uma cápsula MC o cantilever tem mais liberdade de movimento, possibilitando a agulha ler os sulcos com maior precisão física e eficácia, e convertendo essas vibrações em sinal elétrico com muito mais precisão. O resultado é mais detalhes, recriação de espacialidade (ambiência), e uma melhor resposta nos extremos.



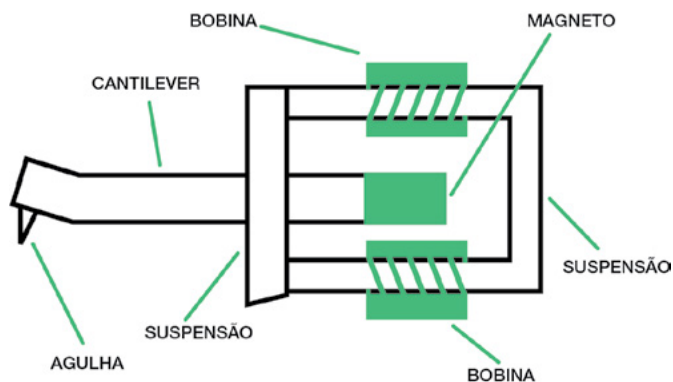
Cápsula MC

Quanto mais leve for a bobina de uma cápsula MC, menos fio está sendo utilizado nela, o que resulta em uma saída de tensão muito baixa, exigindo uma amplificação adicional, que acontece em pré de phono mais sofisticados (ou seja, o investimento é maior também no pré).

Outra exigência de uma cápsula MC é sua sensibilidade em termos de impedância de carga no circuito do pré de phono, exigindo que o mesmo tenha, além da entrada específica para cápsulas MC, opções de ajustes para diversas impedâncias. Caso contrário, não será possível extrair todo o potencial do investimento em uma cápsula MC.

As cápsulas MM são mais baratas, e tem como principal característica saídas mais altas que as MC, não tendo problemas de capacidade e funcionando com a maioria esmagadora dos pré de phono existentes, dos mais simples aos mais sofisticados, dos mais antigos aos mais novos.

Outra diferença a ser levada em conta é no momento de reposição da agulha (que tem uma vida útil determinada pelo seu uso). Na



Cápsula MM

maioria das cápsulas MM pode-se substituir apenas a agulha, com um simples encaixe, o que torna muito mais simples a manutenção e o custo de reposição. Já nas MC, essa possibilidade não existe - porque as bobinas móveis da mesma ficam junto à suspensão do cantilever.

CÁPSULAS PARA TODOS OS BOLSOS E GOSTOS

Começar esta lista sem mencionar primeiramente a fabricante Japonesa Audio-Technica, seria bastante estranho, principalmente para mim, que desde a mais tenra idade convivi com cápsulas deste fornecedor. A Audio-Technica se tornou o maior fabricante de cápsulas do mundo e oferece uma enorme gama de opções, desde o iniciante até o audiófilo mais experiente. Além de também fornecer cápsulas para outros fabricantes.

A cápsula mais popular da Audio-Technica é hoje é a VM95 (evolução da AT95), pela sua versatilidade e se adaptar aos orçamentos mais apertados. Sua longevidade e sucesso se definem pela facilidade com que o próprio usuário troca a agulha cada vez que esta precisa ser substituída. É uma cápsula MM com uma saída de 3,5 mV, o que a permite ser ligada em qualquer pré de phono, e se adapta muito bem aos braços de toca-discos mais simples (porém decentes, é claro).



Audio-Technica VM95



Audio-Technica AT-VM95SH

Subindo um pouco na escala de qualidade, o consumidor encontrará a VM95E, depois a VM95SP, até chegar no modelo mais sofisticado desta “série de entrada”, a AT-VM95SH.

O modelo desses mais simples custa, lá fora, 35 dólares, e o mais sofisticado 199 dólares. Usei os preços lá de fora apenas para situar o leitor, já que com essa montanha russa que vivemos atualmente com a desvalorização do real, achei mais prudente.

Gostaria de lembrar que a maioria das cápsulas que citarei neste artigo, tem distribuição oficial no País. Então aos interessados, no final da matéria vocês encontram os devidos importadores de cada marca.

Voltando à “série de entrada” da Audio-Technica, a partir do modelo VM95EN a agulha já é elíptica. Além de, como já mencionei, ter uma melhor trilhagem, também dura mais do que a cônica. Então, minha sugestão a você que está iniciando neste hobby, essa é a melhor opção dentro desta “série de entrada”, sem dúvida alguma.



Audio-Technica VM95EN

Agora, para os que já possuem um toca-discos mais “robusto”, com um braço competente que permite ajuste fino e um pré de phono de melhor qualidade, minha dica é ir para a VM95ML, com uma agulha com perfil Microline, com maior precisão na leitura e maior durabilidade (tanto da agulha, como dos discos).



Audio-Technica VM95ML

Agora, se seu setup já se encontra em um patamar mais refinado, existem, deste fabricante, as opções das séries VM500 e VM700. Com uma construção muito mais refinada, tanto de corpo como de agulha, possibilitando uma melhor separação estéreo, maior inteligibilidade e menos ruído de fundo (algo essencial para uma maior inteligibilidade e conforto auditivo).

Nos fóruns internacionais, os participantes apaixonados pela marca citam muito o desempenho da VM540ML (290 dólares) e da VM760SLC (700 dólares) - consideradas por muitos audiófilos que possuem um orçamento apertado, como a solução final.



Audio-Technica VM760SLC

Outro fabricante de enorme peso e referência é sem dúvida a dinamarquesa Ortofon. As cápsulas de entrada dessa marca são bem conhecidas pelo seu formato diferenciado e de enorme compatibilidade com a esmagadora maioria de braços de entrada, e de casamento com qualquer pré de phono vintage ou contemporâneo.

A cápsula mais “popular” deste fabricante é o modelo Omega OM, que custa lá fora apenas 37 dólares. Acima deste modelo, mas ainda desta série, temos a OM10 de 80 dólares. O que os apaixonados por essa marca sempre citam nos fóruns é seu som bastante equilibrado e tendendo mais para o neutro, e a possibilidade de reposição

da agulha sem necessidade de se enviar a cápsula ao fabricante para retificação. Esta série tem o corpo feito de um composto de plástico e vidro que, segundo o fabricante, reduz as ressonâncias. E todos os modelos tem uma saída de 4 mV. A OM10 utiliza uma agulha elíptica cujo diamante é colado ao cantilever.



Ortofon OM10

Agora, se você deseja extrair mais dos seus LPs, e sentar para ouvir seus discos com enorme atenção e prazer, a melhor opção é sem dúvida a série 2M deste fabricante. Tenho inúmeros amigos e leitores que estão por anos satisfeitos com a performance de suas cápsulas da série 2M. Todos os modelos desta série têm uma saída de 5 mV, casando com qualquer pré de phono que ainda funcione corretamente na face da terra. Como diria meu pai: “pêra doce demais!”. Sua compatibilidade com qualquer braço de entrada e intermediário também é altíssima. Esses fatores certamente explicam sua popularidade no meio audiófilo e melômano.



Ortofon 2M Red

A série apareceu em 2007 com a 2M Red, uma cápsula de 100 dólares que rapidamente se tornou a queridinha de público e crítica. Com o enorme sucesso, a Ortofon estendeu a linha para mais três versões: 2M Blue, a Bronze e a Black. O problema é que a cada upgrade dentro da série, o investimento praticamente dobra, fazendo com que muitos acabem parando na segunda da linha, a 2M Blue, de 240 dólares.

Aí veio outra grande sacada da Ortofon: permitir que o usuário toque apenas a agulha, colocando a da 2M Blue no corpo da 2M Red. Sinceramente nunca fiz essa experiência, mas nos fóruns tem diversos testemunhos de que este é um upgrade válido.

Segundo o fabricante, os modelos Bronze e Black têm melhorias significativas para custar mais e ter uma performance muito mais refinada. Têm melhorias na qualidade de fiação interna e corpos feitos de Lexan DMX, um material composto que tem muito menor ressonância que os encontrados nos corpos de plástico da Red e da Blue. A 2M Bronze tem uma agulha com perfil Nude Fine Line, e a 2M Black utiliza uma agulha perfil Shibata - ambos perfis são mais complexos e superiores às agulhas elípticas, extraindo mais informação dos sulcos.



Ortofon 2M Black

Novamente existe muita discussão se a agulha Shibata é superior à Fine Line, pois há defensores nas duas frentes. Neste caso, posso sugerir que só você leitor poderá decidir se a 2M Black vale custar o dobro da 2M Bronze ou não! Alguns sugerem uma terceira saída: colocar a agulha Shibata da Black no corpo da Bronze. Como eu jamais fiz essa experiência, me abstenho de palpar.

OUTRAS OPÇÕES MUITO SEDUTORAS

Existem outras excelentes opções de fabricantes menores e com menos tempo de vida que a Audio-Technica e a Ortofon, que também ganharam seu lugar ao sol e conquistaram o coração de inúmeros melômanos e audiófilos do planeta.

Uma delas é o fabricante americano **Sumiko**, com o seu modelo mais simples: a Sumiko Pearl, que custa 120 dólares. Esta cápsula é considerada como uma das maiores pechinchas de cápsulas de todos os tempos. Trata-se de uma cápsula MM com uma agulha elíptica com saída de 4 mV, extremamente amigável com a maioria dos braços e todos os prês de phono de entrada. Os apaixonados pela sonoridade da Pearl falam de uma musicalidade invejável e uma capacidade de recuperar detalhes que outras, até mais caras que ela, não possuem.



Sumiko Pearl

Outra cápsula clássica, que todo audiófilo que se apaixonou pelo vinil teve em algum momento de sua trajetória, é a **Denon DL-103** (tive por mais de 5 anos essa cápsula em toca-discos Thorens TD 160 e TD 124 com braço SME). É uma cápsula de 300 dólares que está em produção desde 1962! Por algum motivo que desconheço (mesmo puxando pela memória), essa cápsula ganhou o status de cápsula de entrada ideal para estilos musicais como Rock e Jazz. Fama que só cresceu de década após década. Ela, no entanto, tem algumas exigências, difíceis de contornar para um sistema mais de entrada. Como é um projeto de bobina móvel (MC) de baixa saída, esta cápsula não pode ser usada em prês de phonos que só tenham entrada para cápsula MM. O sinal é de apenas 0,3 mV, necessitando ser ligada em um pré de phono com entrada MC.



Denon DL-103

Outro problema é em relação a braços com baixa massa, como braços unipivô. Mas, com os braços certos, como o Rega, o SME e outros similares, e um pré de phono adequado, posso lhe garantir que a performance desta cápsula é excelente pelo que custa. Tanto que após anos usando a Stanton 500 em meu primeiro toca disco decente, o Thorens TD 160, na década de 70, meu maior upgrade no sistema foi quando coloquei a Denon DL-103. E olha que, ao contrário do que afirmam, eu ouvi todos os estilos possíveis com esta cápsula, sem nenhum senão!

OPINIÃO

Para os amantes acima de tudo de musicalidade (principalmente para as mixagens de música pop dos anos 80), duas opções excelentes: **Grado** Prestige Silver (225 dólares) e Prestige Gold (260 dólares). Se você possui um sistema bem ajustado e com um grau de refinamento que permite você desfrutar de horas e mais horas de música sem fadiga auditiva, você deve experimentar o efeito da assinatura sonora da Grado! São, para muitos, os médios mais “líquidos” que cápsulas de entrada permitem reproduzir. Agora, se você deseja agudos mais estendidos ou com maior luminosidade, a linha Prestige não será a melhor opção.



Grado Prestige Silver

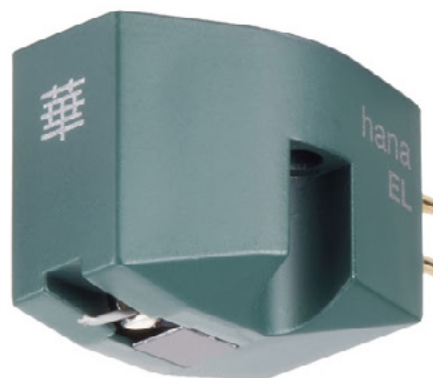
A Grado é um dos mais antigos fabricantes de cápsulas e fones de ouvido dos Estados Unidos. À medida em que você entende a proposta da assinatura de seus produtos, ainda que você sinta que falta algo, os benefícios são maiores que as limitações, acreditem. Pessoalmente, tenho alguns excelentes fones de ouvido - muitos vendi ou dei de presente, à medida que realizei upgrades por força da profissão. Porém, meu fone Grado SR325e continua inabalável em sua capacidade de proporcionar audições em baixos volumes e com um pleno conforto auditivo! Minha filha vive me pedindo ele emprestado. Dos inúmeros fones que existe em casa, ela também já o escolheu como seu preferido.



Grado Prestige Gold

Já indiquei para diversos amigos a cápsula Prestige Gold, e todos ficaram extasiados com sua performance honesta e sua musicalidade. Ainda que a diferença de preço entre elas seja de 35 dólares, auditivamente gosto mais da Gold em tudo. Sua saída de 5mV é uma “sopa no mel” para qualquer pré de phono, e seu peso é ideal para a maioria dos braços existentes no mercado (dos de entrada aos intermediários).

Outro fabricante pouco conhecido ainda por aqui, mas que admiro e que me surpreendeu em tudo que ouvi até o momento, foi a **Hana**. São cápsulas feitas pela empresa japonesa Excel Sound Corporation, que fabrica cápsulas e agulhas há mais de 50 anos para algumas marcas muito famosas (que, no entanto, por contrato, eles têm que manter em segredo).



Hana EL

A série Hana apareceu em 2005, e tornou-se um ícone entre os críticos e consumidores pela sua altíssima relação custo/performance. As Hana de entrada começam em 475 dólares, e a mais cara está por volta de 750 dólares. São os modelos EH e EL, e SH e SL. O “E” significa agulha elíptica, e o S é agulha Shibata (em que o corte do diamante é em um formato especial e muito mais preciso). O “H” refere-se à saída alta, e o “L” à saída baixa. Desta forma, a Hana dá o direito de o consumidor escolher qual saída é de sua preferência, aumentando as opções de compatibilidade - tem para todo mundo.



Hana SL

Os amantes de inteligibilidade total irão certamente preferir a agulha Shibata, não tenho dúvida. Já os que não possuem discos não tão bem conservados, eu sugiro a elíptica. E quanto à saída alta ou baixa, isso dependerá do pré de phono em que ela será ligada. Se o pré só tiver entrada MM, terá que ser a versão de saída alta, obviamente. Se o pré tiver as duas opções (MM e MC), sugiro a de saída baixa.

A Hana de saída baixa oferece 0,5 mV, e a de saída alta tem 2 mV.

Quanto à compatibilidade com braços, as Hanas são muito versáteis, podendo casar muito bem com diversos braços que forem de massa intermediária para alta.

Você deve estar se perguntando como é a assinatura sônica dessas Hana: das que ouvi até o momento, posso dizer que o que predomina é uma musicalidade estonteante, porém com excelente extensão nos dois extremos e ótimo detalhamento. Não se assuste ao ler testes internacionais em que os modelos de entrada são comparados com modelos de outros fabricantes que custam até cinco vezes mais! A notícia boa que tenho para dar à vocês é que estamos para receber cápsulas da Audio-Technica, da Grado e da Hana, para

teste aqui na revista. O que poderá ajudá-los ainda mais na busca da cápsula ideal para o seu setup analógico.

E também receberemos novos prés de phono. Os da Cambridge, da Pro-Ject e da Thorens estão à caminho. Se tudo correr bem, ainda neste ano alguns desses produtos já serão testados e suas avaliações publicadas.

Espero que este artigo sirva de guia para os que estão iniciando essa linda jornada da descoberta do “encanto” que é a beleza que o vinil pode nos oferecer. Uma magia que passa de geração à geração, sem perder a beleza e o mistério.

Afinal, trata-se de uma topologia que, por todas as suas limitações técnicas, deveria ser peça de museu - como é hoje uma máquina de escrever. No entanto, não só resiste a todos os avanços tecnológicos sem perder a graciosidade, como ainda continua sendo uma referência no universo hi-end. ■

Ortofon: Alpha Áudio & Vídeo - (11) 3255.2849

Hana: German Audio - (41) 3015.6050

Grado: KW Hi-Fi - (48) 3236.3385

Cápsulas AT: Psicoterapia Vinil - (11) 97036.8668



Summa High-End Loudspeaker

Montadas no Brasil, com insumos europeus exclusivos e de altíssima qualidade, as caixas acústicas Summa foram desenvolvidas para atender às mais sofisticadas e exigentes demandas do mercado high-end mundial!

Viva essa emoção, sem custos com importação e nenhum risco de decepção!

www.diasound.com.br

DIASOUND





Bill Evans Trio - Waltz for Debby

PLAYLISTS DE SETEMBRO

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

CINCO LPS QUE ESTÃO COMIGO HÁ MUITO TEMPO.

Muitos leitores frequentemente perguntam sobre LPs que poderiam ajudá-los no ajuste de seu setup analógico. Então separei cinco discos que acredito serem mais fáceis de achar em sebos (usados) ou comprar novos, já que muitos deles ainda são vendidos em 180 gramas em versões de 33 e 45 RPM.

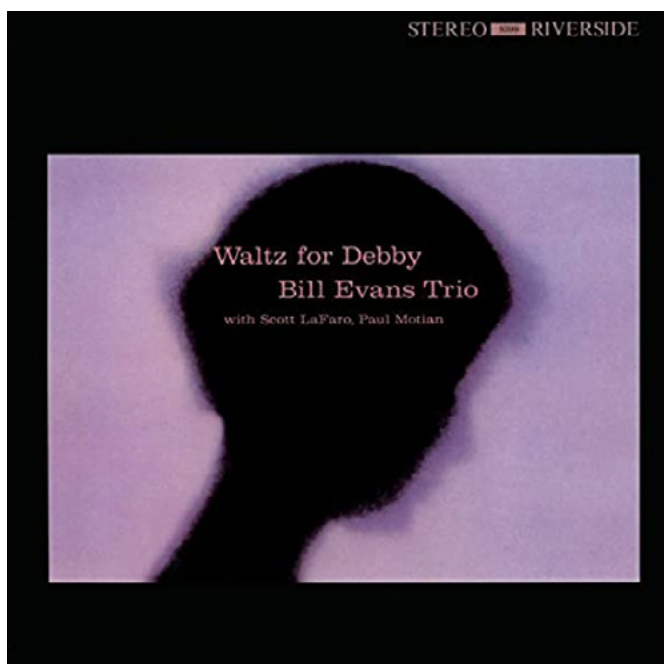
Já ouço a chiadeira de que essas “versões limitadas” custam o olho da cara (e com o dólar acima de 5 reais, complicou ainda mais) Se serve de conforto, são gravações artisticamente essenciais!

Porém, antes de saírem gastando seu suado dinheiro em versões limitadas e audiófilas, sugiro ouvirem em streaming se são gravações que agradam ao seu gosto, ok?

Dois discos deste mês, somente em sebos, infelizmente. Um você encontrará em prensagem nacional (Astor Piazzolla) e incrivelmente bem prensado. Já o do John McLaughlin (Shakti) apenas importado.

Começo com um dos meus LPs de cabeceira: o Bill Evans Trio - *Waltz for Debby*, gravado ao vivo no Village Vanguard em 25 de Junho de 1961. Com Bill Evans no piano, Scott LaFaro no

contrabaixo e Paul Motian na bateria. O engenheiro de gravação foi o lendário Dave Jones, que foi profundamente feliz na captação, pois em um bom sistema é possível sentir a atmosfera daquela noite inesquecível. Foi sem dúvida o melhor trio que Bill Evans teve, e o grupo tocava com tamanha graciosidade e prazer, que é preciso ouvir diversas vezes cada faixa para absorver a virtuosidade dos três! Eles literalmente estão se divertindo sem prestar atenção em um público por vezes mal educado, com conversas paralelas, barulhos de pratos e copos. Mas basta a primeira nota para o ouvinte se abster de todo o resto, e se concentrar naquele momento, felizmente registrado para a posteridade. Se você não conhece a razão de todo o crítico de jazz colocar o contrabaixista Scott LaFaro entre os melhores baixistas de jazz de todos os tempos (que infelizmente morreu prematuramente em um acidente de carro), ouça seu solo na faixa que dá nome ao disco - *Waltz for Debby*. Você imediatamente entenderá o motivo, pois a leveza e a precisão de tempo que ele impõe aos seus solos são simplesmente magníficas! As notas são limpas, independente da complexidade dos seus solos. Este é um disco que vale o investimento em um 180 gramas, e pode ajudá-lo a entender as qualidades e deficiências de seu setup analógico.



◆◆◆ OUÇA BILL EVANS TRIO - WALTZ FOR DEBBY, NO TIDAL.

🎧 OUÇA BILL EVANS TRIO - WALTZ FOR DEBBY, NO SPOTIFY.

O segundo LP desta lista está comigo desde outubro de 1976, quando o ganhei de presente de aniversário do irmão de minha namorada na época, que havia estado em Toronto e, sabendo da

minha paixão por jazz, quis me fazer uma grande surpresa. Lembro em detalhes do cheiro do celofane e da surpresa ao abrir o embrulho e ver que se tratava do LP *Insights* da pianista Toshiko Akiyoshi e seu marido saxofonista Lew Tabackin com sua Big Band. Gravado no estúdio A da RCA na Califórnia, este foi o disco de estreia do casal e de sua Big Band. Bancado pelo produtor japonês Hiroshi Isaka, e amigo de longa data de Toshiko Akiyoshi dos tempos em que ela gravou pela AR Company do Japão com seu trio, antes de ir morar nos Estados Unidos. Ao se casar com Lew Tabackin, Toshiko lhe contou de um desejo que ainda não havia concretizado, que era contar em uma suíte musical a tragédia que ocorreu no início dos anos 60 na cidade de Minamata. Lew ficou profundamente sensibilizado com o projeto, pois mostraria ao mundo um acidente com mercúrio que matou centenas de pessoas e deformou milhares de fetos, e foi amenizado pelo governo japonês por mais de uma década. Toshiko sabia que só poderia produzir essa sua ideia fora do seu país natal, e foi aí que Lew conseguiu convencer a RCA a bancar o projeto e convencê-los que a suíte precisaria ser escrita para uma big band, do contrário seria impossível apresentar a tragédia com a dramaticidade necessária. É uma obra prima, amigo leitor!



▶ OUÇA MANIMATA - TOSHICO AKIYOSHI / LEW TABACKIN BIG BAND, NO YOUTUBE

Toshiko consegue expressar de forma magistral todo o processo que desencadeou a tragédia. Não quero dar muitas pistas, pois o meu desejo é que você se interesse em ouvir. Mas darei uma pequena pista, já que a suíte abre mostrando o crescimento de uma cidade, pós guerra, sendo freneticamente desenvolvida e criando a sensação de bem estar e um futuro próspero a toda a comunidade. ▶

PLAYLISTS

Brecado por segundos por uma tensão, que logo cessa e volta à normalidade. Até que esta tensão se torna evidente demais para ser amortecida pela metrópole em franco desenvolvimento. Muitos anos depois, consegui uma cópia também ao vivo, gravada no Festival de Jazz de Portland, se não me engano. Meu amigo, o silêncio de dois segundos ao final da obra, antes da apoteose de palmas do público em pé, é de trazer lágrimas a face. Escute Minamata, a obra prima desta genial pianista japonesa.

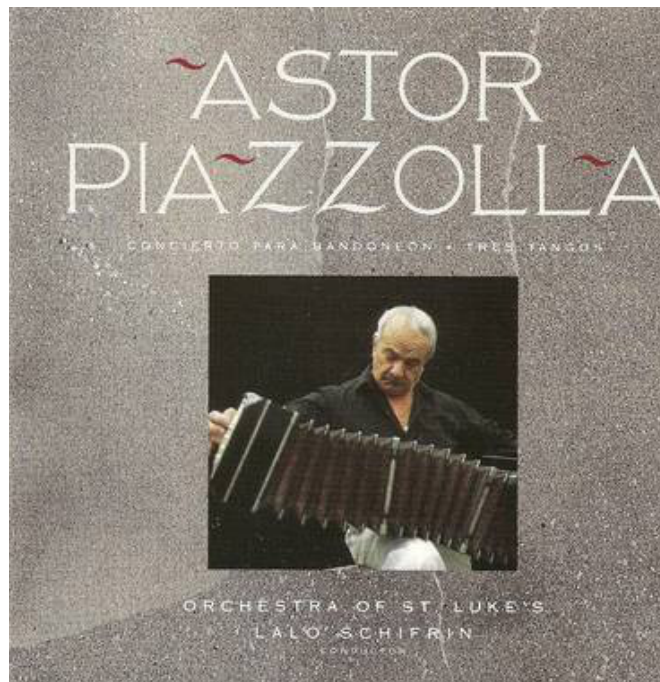


◆◆◆ OUÇA BELAFONTE SINGS THE BLUES - HARRY BELAFONTE, NO TIDAL.

🎧 OUÇA BELAFONTE SINGS THE BLUES - HARRY BELAFONTE, NO SPOTIFY.

O terceiro disco me é muito caro emocionalmente, pois não é possível ouvir sem reviver integralmente toda a minha primeira infância e os momentos mais singelos com a família. Já até escrevi sobre ele em um Espaço Aberto, falando de como ele fazia parte dos bailes realizados em nossa casa no início dos anos 60. *Belafonte Sings The Blues* é, de longe, o disco que mais gosto do Harry Belafonte. O escutei em tantos momentos diferentes, que poderia falar que é uma das trilhas sonora de minha vida. Gravado entre janeiro e março de 1958, em Nova York, Belafonte fez questão de escolher a dedo as 11 faixas com enorme destaque para o compositor e pianista Ray Charles (três faixas), Billie Holiday, Lowell Fulson, Fred Brooks e C.C Carter. É um disco para se ouvir de uma tomada só, para entender a proposta de Belafonte e do produtor Ed Welker: Harry queria dar uma guinada em sua trajetória, cantando e mostrando suas raízes. É um disco que ainda hoje impressiona pela qualidade de captação

(principalmente em LP e 45 RPM). Meu amigo, investir nessa prensagem de 180 gramas vale a pena cada centavo, acredite! E será uma ferramenta muito útil para avaliação de corpo harmônico (imbatível em LP), textura, transientes e equilíbrio tonal!



◆◆◆ OUÇA CONCIERTO PARA BANDONEON - ASTOR PIAZZOLLA, NO TIDAL.

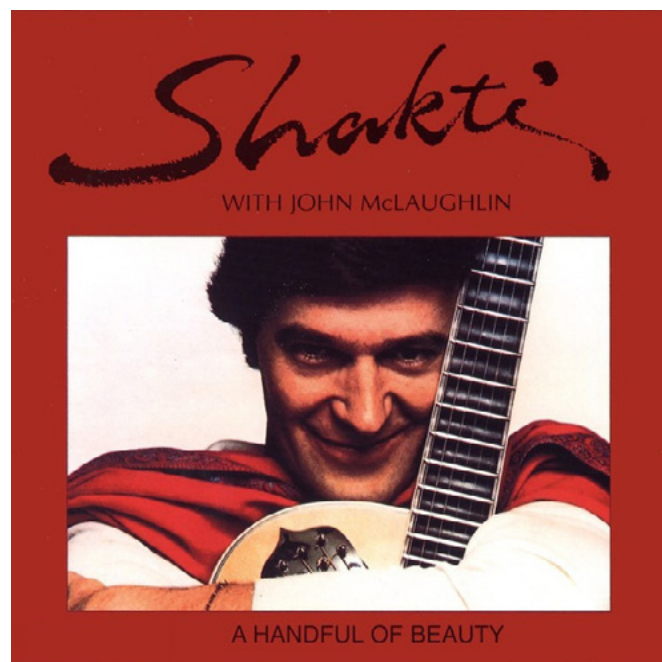
🎧 OUÇA CONCIERTO PARA BANDONEON - ASTOR PIAZZOLLA, NO SPOTIFY.

É frustrante para quem gosta, como eu, de Astor Piazzolla, ter tantas obras suas mal gravadas (a maioria infelizmente). Porém esta parece ser a redenção para todas as limitadas. Lembram quando falei de um engenheiro que segue os passos do Professor Keith O. Johnson da Reference Recordings? O engenheiro John Newton! E felizmente foi ele o encarregado, pelo selo Elektra Nonesuch, para gravar este belo disco. A produção foi de Robert Hurwitz, fã de carteirinha de Astor e amigo pessoal de Lalo Schifrin. Robert nos conta que, em um almoço com Lalo em Nova York, sugeriu a ele participar do novo projeto do Piazzolla, que era o *Concierto para Bandoneón & Orquesta*. Lalo aceitou na hora. Deste casamento surgiu o disco mais bem produzido de Piazzolla para o grupo Warner. E, como escrevi na abertura deste Playlist, é tão bem gravado e mixado, que até a prensagem nacional é bem decente. Claro que se você tiver a sorte de conseguir no sebo uma prensagem importada (dizem que a alemã e americana são as melhores), melhor ainda! O disco é maravilhoso, e se você é fã de Piazzolla, como eu, se sentirá satisfeito por este belo trabalho ter sido gravado pelo engenheiro John Newton. Sorte do Piazzolla, do Lalo Schifrin, e de todos nós! ▶

O quinto, e último disco deste mês, conta parte de minha trajetória musical e minhas buscas por novos estilos e sonoridades na década de 70. Um ímpeto crescente de romper com o passado me levou à incríveis experiências sonoras e descobertas do oriente e do dodecafonismo, e da música étnica de diversas regiões do planeta. Claro que, estudar na Fundação das Artes de São Caetano, com professores incríveis, ajudou muita na expansão de meu gosto musical, mas pela minha natureza sempre inquieta e avessa ao cotidiano, eu teria, ainda que com muito maior esforço e tempo, descoberto sozinho este “universo musical paralelo”. Quando hoje falo para amigos músicos que ouço com enorme prazer Penderecki, eles brincam: “então é você o Frank Zappa”, rs! Eu nunca precisei de uma harmonia ou letra para gostar de música. Para mim, uma nota de um instrumento que nunca tenha escutado pode ter o mesmo efeito que um acorde de Dó Maior bem executado. O que me atrai em qualquer gênero musical é uma ideia bem executada. E se conseguir me surpreender saindo da obviedade, melhor ainda. Eu não ouço música para me alimentar emocionalmente, ouço música da mesma maneira que leio um livro. Eu tenho o maior interesse em saber como o outro vê e sente o mundo, seja pela pintura, pela palavra, pela dança, fotografia, cinema ou música.

Então chegamos, finalmente, em 1977, em um sábado cinzento e chuvoso de junho, nove e meia da manhã, caminhando solitariamente na Rua 7 de abril em direção à loja Brenno Rossi, para iniciar a peregrinação da compra dos discos do mês. Para o leitor ter ideia exata de proporção, ganhava oito salários mínimos da época. Gastava dois salários mínimos com aluguel, água e luz, alimentação e condução. Com escola mais um salário mínimo, e me sobrava cinco salários mínimos para viajar, entretenimento, livros e discos. Comprava uma média de 10 a 20 LPs todo mês (e na época do décimo terceiro salário, investia quase no dobro em discos e livros). Os lojistas do Museu do Disco, Bruno Blois, e Brenno Rossi, me conheciam e abriam um largo sorriso assim que viam eu e a patota entrando na loja. Era uma festa, amigo leitor, acredite. Às vezes saíamos junto com os vendedores da loja, às seis da tarde do sábado. Aprendi a não agir por impulso e olhar com extremo cuidado todos os discos que desejava comprar.

Quando o vendedor me recebeu naquele sábado chuvoso, foi logo avisando que havia chegado uma safra excelente de importados de jazz e clássicos, e que finalmente o disco que estava procurando há semanas estava na lista e ele já havia guardado o meu. Era o Shakti, do guitarrista John McLaughlin com músicos indianos. Nome do disco: *A Handful of Beauty*. Gravado no Trident Studios, em Londres, em agosto de 1976, John apresentaria ao mundo o violinista hindu L. Shankar, que se tornaria parceiro de John tanto em outros trabalhos do grupo Shakti, como em apresentações ao vivo com a Mahavishnu Orchestra. Foi um divisor de águas, este



OUÇA A HANDEFUL OF BEAUTY - SHAKTI, NO TIDAL.



OUÇA A HANDEFUL OF BEAUTY - SHAKTI, NO SPOTIFY.

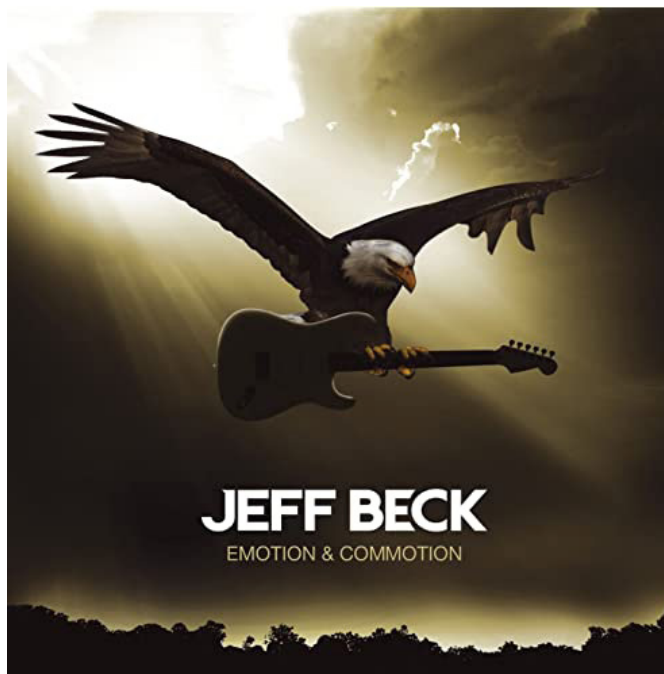
disco para mim. Pois conhecia e tinha gravações do citarista Ravi Shankar, mas um trabalho que fizesse de forma tão magistral uma ponte entre a música do ocidente e oriente, eu ainda não havia escutado. Tenho hoje ainda comigo dois LPs deste trabalho. O primeiro comprado em junho de 1977, em péssimas condições, e um mais recente adquirido em 1989, se não me engano em perfeito estado. Ouço-o bastante, e já apresentei diversas vezes a faixa 1 - *La Danse Du Bonheur*, nos Cursos de Percepção Auditiva Nível 3, em que mostramos as diferenças entre CD e LP. A platéia vem abaixo ao ver as diferenças enormes de corpo harmônico, transientes e textura do LP em relação ao CD. E para tornar ainda mais desagradável aos que só conhecem este magnífico trabalho artístico em CD, por algum motivo que desconheço a faixa *India* (a mais bela faixa do disco em minha opinião), está ceifada no CD. Só tem a apresentação do tema e depois ela foi cortada. Jamais vi tamanho descaso de uma gravadora com uma obra e com o público. Então se quiseres conhecer este disco na íntegra, somente em LP, amigo leitor. Se você garimpar um em bom estado, beba uma taça de vinho, pois tamanho feito merece.

Espero que seja do agrado de vocês algum desses discos.

Deixo-os agora com os Playlists dos leitores.

Se cuidem, sim?

PLAYLISTS



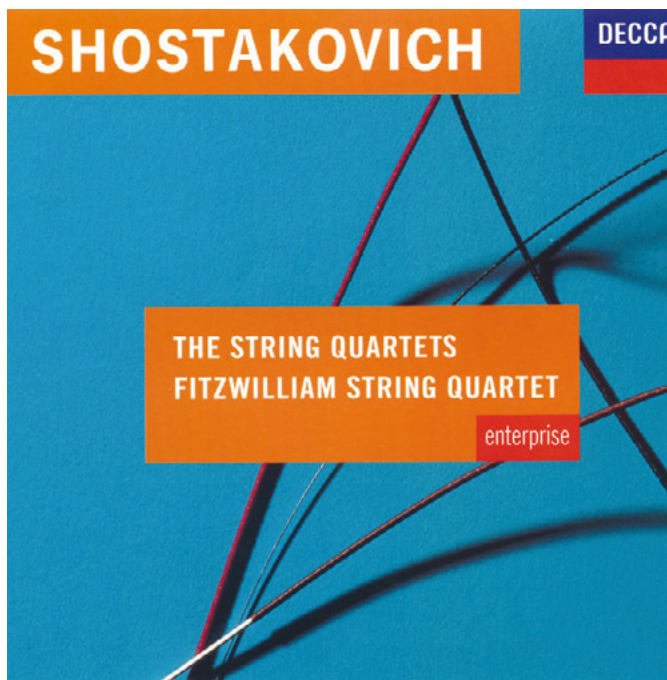
PLAYLIST DE JOÃO PEDRO SCARCELLA

- ❖❖❖ 01 - EMOTION & COMMOTION - JEFF BECK
- 02 - THE L.A. FOUR - JUST FRIENDS
- ❖❖❖ 03 - A LOVE SUPREME - JOHN COLTRANE
- ❖❖❖ 04 - PURSUIT OF RADICAL RHAPSODY - AL DI MEOLA
- ❖❖❖ 05 - METAL FATIGUE - ALLAN HOLDSWORTH
- ❖❖❖ 06 - HOT RATS - FRANK ZAPPA
- ❖❖❖ 07 - MÚSICA E CIÊNCIA - OS MULHERES NEGRAS
- ❖❖❖ 08 - THE POWER AND THE GLORY - GENTLE GIANT
- ❖❖❖ 09 - FOREVER CHANGES - LOVE
- ❖❖❖ 10 - MISHIMA - PHILIP GLASS



PLAYLIST DE VICENZO CORTESE

- ❖❖❖ 01- JULIE IS HER NAME VOL. 1 E 2 - JULIE LONDON
- ❖❖❖ 02- THE NAME IS MAKOWICZ - ADAM MAKOWICZ
- ❖❖❖ 03 - AT THE RENAISSANCE - BEN WEBSTER
- ❖❖❖ 04 - ALESSANDRO QUARTA PLAYS ASTOR PIAZZOLLA - ALESSANDRO QUARTA
- ❖❖❖ 05 - BACH: GOLDBERG VARIATIONS, BWV 988 - BEATRICE RANA
- ❖❖❖ 06 - BALLADS FOR AUDIOPHILES - SCOTT HAMILTON
- ❖❖❖ 07 - CHOPIN: PIANO CONCERTO NO.2 IN F MINOR, OP. 21; 24 PRELUDES, OP. 28 - MARIA JOÃO PIRES
- ❖❖❖ 08 - BOCCHERINI: 3 GUITAR QUINTETS - NARCISO YEPES, MELOS QUARTET
- ❖❖❖ 09 - LA TARANTELLA: ANTIDOTUM TARANTULAE - L'ARPEGGIATA, CHRISTINA PLUHAR,



PLAYLIST DE SILVIO VOLPE

- ❖ 01 - SHOSTAKOVICH: THE STRING QUARTETS - FITZWILLIAM QUARTET
- ❖ 02 - BRAHMS: SONATA NO.3, OP. 5 & VARIATIONS ON A THEME BY PAGANINI - NELSON GOERNER
- ❖ 03 - YOU MUST BELIEVE IN SPRING - BILL EVANS
- ❖ 04 - THE SHAPE OF JAZZ TO COME - ORNETTE COLEMAN
- ❖ 05 - YOU WON'T FORGET ME - SHIRLEY HORN
- ❖ 06 - IN THE COURT OF THE CRIMSON KING - KING CRIMSON
- ❖ 07 - HEMISPHERES - RUSH
- ❖ 08 - SMASH - PATRICIA BARBER
- ❖ 09 - INTO THE LABYRINTH - DEAD CAN DANCE
- ❖ 10 - ULTRA - DEPECHE MODE



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

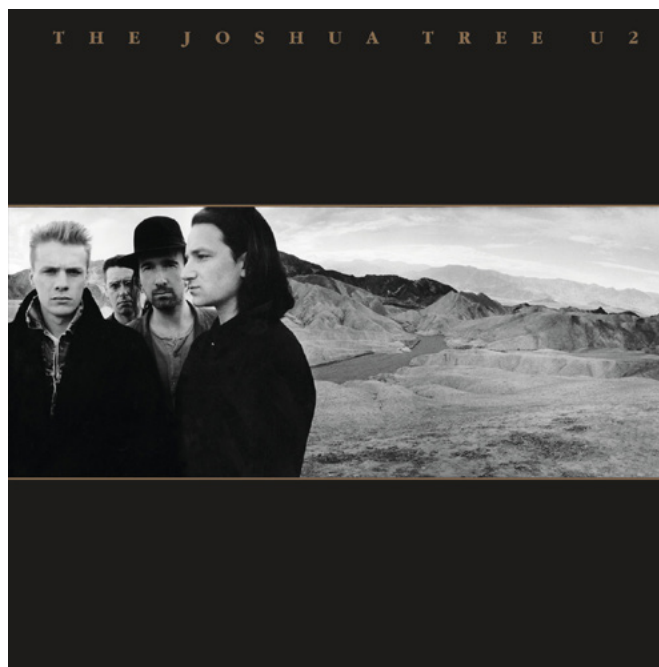
andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

PLAYLISTS



PLAYLIST DE JUAN LOURENÇO

- ❖❖❖ 01 - CÉCILE VERNY QUARTET - CAR DÉSESPÉRÉE LIVE
- ❖❖❖ 02 - MUSSORGSKY PICTURES AT AN EXHIBITION
STRAVINSKY THREE DANCES FROM
PETRUSHKA VICTOR ARTHUR GUILLOU
- ❖❖❖ 03 - RAVEL TRIO DEBUSSY SONATAS FOR VIOLIN E
CELLO: VLADIMIR ASHKENAZY ITZHAK PERLMAN
LYNN HARRELL
- ❖❖❖ 04 - MARIANA AYDAR E LECI BRANDÃO - KARINA 1:
ZÉ DO CAROÇO
- ❖❖❖ 05 - CAROL ANDRADE E ALEX MAIA:
VIDA ADENTRO - CIGANO
- ❖❖❖ 06 - JIMI HENDRIX: CATFISH BLUES
(BBC SESSIONS)
- ❖❖❖ 07 - BÉLA FLECK AND THE FLECKTONES:
GREATEST HITS - FLIGHT OF THE COSMIC HIPPO
- ❖❖❖ 08 - IDRIS ACKAMOOR & THE PYRAMIDS:
TANGO OF LOVE
- ❖❖❖ 09 - MUDDY WATERS: FOLK SINGER -
HOME IS IN DELTA
- ❖❖❖ 10 - MOGWAI: BLACK SPIDER



PLAYLIST DE DAIANNE DE CAMPOS

- ❖❖❖ 01 - WITH OR WITHOUT YOU - U2
- ❖❖❖ 02 - BLAZE OF GLORY - JON BON JOVI
- ❖❖❖ 03 - THE 30 BIGGEST HITS - ROXETTE
- ❖❖❖ 04 - IT'S MY LIFE - DR. ALBAN
- ❖❖❖ 05 - RUN TO ME - DOUBLE YOU
- ❖❖❖ 06 - OCEANO - DJAVAN
- ❖❖❖ 07 - COMO NOSSOS PAIS - ELIS REGINA
- ❖❖❖ 08 - ANDANÇA - BETH CARVALHO
- ❖❖❖ 09 - GOSTAVA TANTO DE VOCÊ - TIM MAIA
- ❖❖❖ 10 - DEIXA EU TE AMAR - AGEPE

PRECISÃO COM ALMA



Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de áudio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos à mão, por profissionais altamente gabaritados e contruídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

Acesse o link e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



JAZZ, CLÁSSICO & JAZZ

 **Christian Pruks**
christian@clubedoaudio.com.br

Sempre seleciono os discos para esta coluna de maneira instintiva: ou seja, o que eu achar interessante, sem preocupações de combinação ou mesmo comerciais.

Porém, este mês eu percebi que trazia a obra de duas cantoras, duas vozes femininas - um dos maiores fetiches do audiófilo mundial. Bom, para começar, nenhuma dessas duas vozes, e suas obras, são de jazz tradicional - ou seja, acho que não poderiam constar em coletâneas como Best Audiophile Voices, não por não serem vozes belas e excepcionais (e são!) mas sim porque não fazem o "bê-a-bá" do jazz tradicional, muito pelo contrário! E eu sempre prezo quem faz música diferente nova - e boa!

Queria poder fazer, como fez este mês o inenarrável Fernando Andrette em sua coluna Playlist: trazer somente discos que existem em vinil. Na verdade, isso seria até fácil, mas eu gostaria de fazer a seleção de tais discos especialmente por sua sonoridade em vinil, e para isso precisaria ter os ditos vinis em mão, e ouvi-los - o que está se tornando incrivelmente impossível.

Coincidentemente, ainda agora meu amigo Francisco Mendonça me mandou uma lista de vinis 180 gramas seminovos à venda, discos que são reedições audiófilas feitas nas duas últimas décadas, e que trazem etiquetas de preço de R\$700 cada (facilmente encontráveis no exterior, no mercado de usados, por pelo menos US\$200). Por essa, cunhei a frase: "Me dê 20 discos de vinil usados, que eu passo um mês mochilando na Europa" - e ouvindo muita música ao vivo por lá.

É... A dimensão de certas coisas estourou as barreiras do aceitável. E impede articulistas não-milionários de escrever seis ou sete colunas sobre vinil mais interessantes em revistas de áudio (ou de passar 30 dias na Europa).

Para nós, audiófilos melômanos empobrecidos, resta a ferramenta do século XXI: o streaming. O salvador streaming. Que tem ficado cada vez melhor nos últimos anos, permitindo que muitos foquem seus sistemas, sua paixão e seu hobby nesse fácil e prático acesso à um gigantesco acervo musical.

DISCOS DO MÊS

Faz alguns dias que eu estou tentando lembrar como foi que tive contato com o trabalho da cantora sul-coreana Youn Sun Nah. Cada vez mais típico da minha idade, é claro que eu não lembrei... Me parece um pouco aquelas conversas sobre cinema ou séries de TV: "você está vendo aquela série com aquele ator, aquele que fez aquele outro filme com aquele cara famoso, como é mesmo o nome dele?"... "Ah, sim, claro, você está falando daquele que é casado com aquela atriz que fez aquele filme daquele diretor famoso, que ganhou o Oscar com aquele filme comprido, como é mesmo o nome dele?". Os jovens devem estar rindo-se à valer com nós anciãos. Não se preocupem, vocês chegam lá!

O que temos pra hoje, nesta edição, é: um jazz de voz feminina contemporâneo e cheio de personalidade. Temos a sinfonia mais longa do repertório Romântico, composta no final do século XIX. E, para finalizar, temos um jazz muito particular de uma pianista e cantora de ascendência armênia.

Vamos à eles:



Youn Sun Nah - Lento (ACT Music, 2013)

Do trabalho da Youn Sun Nah, devo já ter ouvido uns três ou quatro CDs, bem consistentes e que me impressionaram de várias maneiras. Uma delas é pela qualidade de gravação. Podemos falar o que quiser, podemos até (e devemos) nos dedicar a obter e ajustar sistemas que toquem de maneira minimamente decente e musical praticamente todos os níveis de qualidade de gravação (ou quase todos, pelo menos) - quem não quer poder ouvir bem a maioria dos discos que interessam musicalmente?

Mas a gente ainda adora pegar nas mãos - e no streaming - discos que impressionam com uma captação moderna, feita com bons microfones, boa ambiência, em que tudo soa com bom tamanho, Gostamos sim senhor! E esse disco da Youn Sun Nah é um desses. E não há nada, para mim, que me conecte mais com a música, do

que "soar grande". Entenda: o Fernando Andrette vive falando sobre o invólucro harmônico ter que ter o "tamanho" correto, ou seja, ter minimamente a quantidade de harmônicos correta para o som de um específico instrumento tenha seu tamanho correto, soe harmonicamente rico o suficiente para que se saiba que instrumento é e, se possível, para que soe o mais próximo de como ele é presencialmente (isso, claro, sabendo-se como soa o instrumento acústico na vida real, coisa que está muito longe de ser difícil de se aprender, basta ter vontade para tal). Quando eu falo que uma gravação - ou sistema - soa grande, estou falando informalmente, e parte disso é quanto a seu invólucro harmônico, mas outra parte é quanto ao tamanho "físico" captado (ou reproduzido, quando se fala de sistemas de áudio). Vê-se muito isso, hoje em dia, de instrumentos soando enormes em gravações audiófilas hi-end modernas, sendo que algumas soam grandes de maneira irreal - mas, não se preocupe, esse não é o caso deste disco, que soa dentro dos padrões de correção.

Outra coisa que chama a atenção é que Youn, com sua bela e cheia voz de contralto, canta com intensidade emocional e física muito grandes - aí eu fiquei pensando: não dá para ser assim e não fazer caras e bocas, ou para não deixar transparecer essa energia (positiva!) fisicamente. Curioso, fui procurar apresentações ao vivo dela no YouTube e... dito e feito! Ela sorri quase o tempo todo, demonstra paixão e amor pela música, pelo que faz, o tempo todo, e não se economiza em nada quando canta. Isso me lembrou de duas historinhas. A primeira é de um cantor de ópera que "se economizava" em suas apresentações, que não dava tudo de si, e parte disso por achar que aquela apresentação específica não era relevante ou importante o suficiente. O resultado? Ele não se tornou relevante o suficiente. A segunda história é de um grande cantor de rock chamado Meat Loaf, um vozeirão e uma presença de palco fenomenais, que quando perguntado porque não iria em uma festa pós concerto, respondeu que quando se apresentava, dava absolutamente tudo de si, sem restrições, fisicamente também, e por isso não tinha mais energia para gastar pós-concerto. O resultado? Sucesso há quase quatro décadas. Meus amigos (como costuma dizer o Fernando Andrette), a Youn Sun Nah não se economiza, não poupa sua voz, nem sua emoção.

A cantora Youn Sun Nah nasceu e foi batizada como "Na Yoon-Sun", em Seul, na Coreia do Sul, em 1969 - e de jeito nenhum, pelas fotos e vídeos dela, ela aparenta ter mais de 50 anos! Quanto à diferença entre o nome artístico e o de batismo, descobri que na Coreia é semelhante à China, onde o sobrenome vem primeiro. No caso, o nome de família é "Na", e "Youn Sun" ou "Yoon-sun" é o nome próprio dela. Vinda de uma família musical, Youn é filha de um regente de corais e uma atriz de musicais. Soltando a voz em casa desde criança, ela acabou indo atuar em musicais, mas em 1995 ►

mudou-se para Paris, onde estudou a chanson francesa e jazz - e foi aí que começou sua educação em jazz, já que em casa suas influências eram outras. Na França estudou na CIM Jazz School, no Instituto Nacional de Música de Beauvais, e no Conservatório Nadia & Lili Boulanger. Essa afinidade com a França e sua música se deu porque Youn cursou uma faculdade de Literatura Francesa, ainda na Coreia. Após formada, ela montou seu quinteto e passou a se apresentar em vários bares, jazz clubs, teatros e festivais na França, e nos anos seguintes tornou-se muito conhecida na Europa.

Em 2007, já com alguns álbuns lançados, principalmente na Coreia, Youn assinou com selo audiófilo alemão de jazz ACT Music, lançando seu primeiro disco, *Same Girl* em 2010 (e que foi o primeiro disco que eu ouvi dela, muito bom!). Nos anos seguintes, sua notoriedade permitiu que ela fizesse mais de 200 apresentações por ano.

Este disco, *Lento*, é o oitavo disco de estúdio de Youn - contando com os lançados na Coreia e em seu tempo na França. Ele traz

uma série de técnicas de jazz, dela e da banda, incluindo também influências como uma versão de uma faixa do grupo de rock Nine Inch Nails, uma faixa de música folclórica coreana, versões de música clássica, faixas autorais, e algumas compostas por membros de seu quinteto, o qual inclui o acordeonista francês Vincent Peirani (da cena jazzista francesa), o guitarrista sueco Ulf Wakenius (que fez parte do último quarteto de Oscar Peterson e do Ray Brown Trio), o percussionista Xavier Desandre-Navarre, e o baixista e violoncelista sueco Lars Danielsson (que já tocou com luminares como John Scofield, Jack DeJohnette e Mike Stern). Aliás, com tanto sueco no pedaço, o disco acabou sendo gravado no estúdio Nilento, na Suécia. O engenheiro de gravação foi Lars Nilsson, que tem um currículo extenso com gravações para os selos Naxos, ACT Music, Blue Note, Proprius, Virgin, e uma infinidade de selos locais suecos, já que ele é proprietário do estúdio Nilento. Mais do que qualquer tipo de "receita" para uma boa gravação, acredito que o trabalho de Nilsson



Youn Sun Nah ►

DISCOS DO MÊS

tem sua boa qualidade por uma simples questão de usar bons equipamentos e microfones, e fazê-lo com critério e bom ouvido.

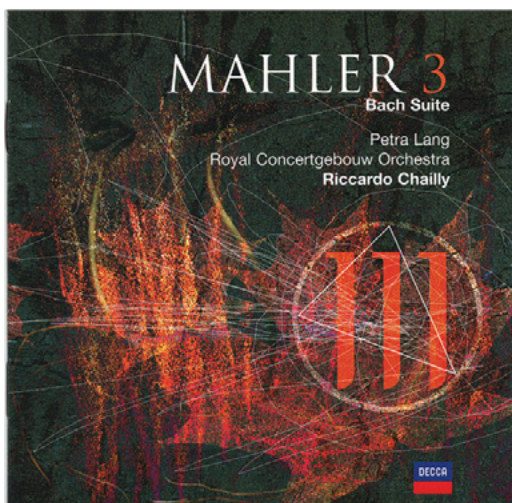
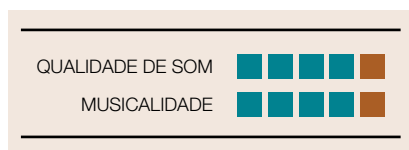
Em 2009 Youn Sun Nah, por sua contribuição musical à França, recebeu a honraria "Chevaliers of the Ordre des Arts et des Lettres", dada pelo Ministério da Cultura do governo francês desde a década de 1950. Para não chover no molhado e dizer que ela tem um futuro brilhante pela frente, eu diria facilmente que seu tempo presente já é brilhante.

Atenção especial deve ser dada às muito boas faixas *Lament*, e *Ghost Riders in the Sky*, entre outras.

Pode ser encontrado em: CD / Vinil de 180 gramas / Serviços de Streaming selecionados. Conheço o CD e a versão Streaming, ambos muito bons - a gravadora ACT tem um grande capricho nesse sentido. O vinil, portanto, deve ser muito interessante!



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA "LAMENT", NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CSOHHHSQ1H4](https://www.youtube.com/watch?v=CSOHHHSQ1H4)



Mahler 3 - Royal Concertgebouw - Riccardo Chailly (Decca, 2004)

A partir do título "Mahler 3", do marketing da bonita capa deste disco, entenda-se que é a Terceira Sinfonia de Gustav Mahler,

para Côro e Orquestra, aqui parte do ciclo completo das sinfonias do compositor austríaco, gravado na década passada pelo regente italiano Riccardo Chailly, em seu período frente à Orquestra Sinfônica do Royal Concertgebouw de Amsterdã, na Holanda. Na minha opinião um dos melhores ciclos já gravados dessas sinfonias, aliás.

Reger Mahler é para poucos regentes. E tocar Mahler é para poucas orquestras. E muitos famosos já falharam nessa empreitada. Muitos falham na devida fluência, no peso necessário, na complexidade e grandiosidade das obras, no nível de empenho dos membros da orquestra e no "azeitamento" entre seus naipes. Dito isso, saibam que eu já pus meu capacete de aço - portanto podem jogar pedrada o quanto quiserem, rs. Chailly é um regente top e experiente, e a Orquestra do Concertgebouw é uma das grandes orquestras antigas em atividade hoje no mundo - ou seja, uma das melhores, e com grande histórico e tradição em gravações.

As minhas sinfonias preferidas de Mahler são a Primeira, a Segunda, a Terceira e a Quinta. Dessas eu sempre estou disposto a ouvir alguma gravação nova que eu ainda não conheça. Neste caso, achei na casa do meu amigo Renato Okamoto, muitos anos atrás, a caixa completa com todas as sinfonias, lançada pela Decca Records. Não lembro por qual motivo, a que eu acabei ouvindo primeiro foi esta, a Terceira: impressionante coesão e capacidade da orquestra, impressionante domínio e condução por parte do regente. É a sinfonia mais longa de Mahler, e uma das obras mais longa do repertório orquestral padrão, podendo chegar à 105 minutos de duração!

Como qualidade sonora de gravação, é a minha preferida para teste da capacidade de um sistema em lidar com uma grande obra sinfônica. Este disco não tem nada de turbinado, e traz a interessante combinação de ter grande dinâmica com também necessitar de muita folga do dito sistema para manter volumes realistas e condizentes mesmos nos trechos mais baixos. Ou seja, já vi caixas, amplificadores ou mesmo sistemas completos não conseguindo demonstrar peso e presença realistas o suficiente para uma orquestra sinfônica pesada (e vai se abrindo o volume, para tentar compensar) e, logo nos maiores crescendos ou picos de dinâmica, eles abrem o bico no outro extremo.

Gustav Mahler nasceu em 1860, no então Reino da Boêmia, região que fazia parte na época do Império Austro-Húngaro (desmembrado em 1918) - portanto parte da Áustria - e que hoje faz parte da República Checa. De uma família de origens humildes, de uma minoria de judeus que falavam alemão, Mahler é filho de um hoteleiro com a filha de um pequeno fabricante local de sabão, é o segundo de 14 filhos do casal - sendo que apenas seis sobreviveram além da infância. Com a família prosperando, Mahler aprendeu na infância

a música de rua, as melodias folclóricas e a marchas militares, que começou sozinho a tocar no velho piano da família, sendo considerado uma espécie de criança fenômeno. Tanto que foi aceito, aos 15 anos de idade, no Conservatório de Viena, estudando piano, música, composição e harmonia. Terminando os estudos, começou sua carreira musical dando aulas de piano e fazendo pequenas composições - e na mesma época estudando brevemente literatura e filosofia na Universidade de Viena.

Mahler foi um dos maiores sinfonistas e orquestradores do período Romântico, ainda que "Romântico Tardio". Mas, além disso, foi um dos mais conceituados regentes de orquestra do final do século XIX e início do XX, elogiado por muitos compositores - como o alemão Johannes Brahms. Mahler começou sua carreira como regente de ópera, chegando a trabalhar na Ópera de Leipzig, depois no Teatro Húngaro de Ópera em Budapeste, em Hamburgo e, finalmente na Ópera da Corte de Viena - mantendo seu interesse e dedicação à composição como uma espécie de trabalho extracurricular, um hobby. Em 1898 passou a reger a Filarmônica de Viena, na série de concertos sinfônicos, e no ano seguinte começaram a serem apresentadas suas próprias obras, em Munique, Colônia, Essen, Viena, Praga, entre outros lugares, trazendo notoriedade ao músico. Entre 1908 e 1911, Mahler foi muito bem sucedido nos EUA, regendo a Metropolitan Opera, a Sinfônica e também a Filarmônica de Nova York.

Em abril de 1911, Gustav Mahler começa a sentir mal, com uma infecção no coração, e parte de Nova York para Paris, chegando no começo de maio à Viena, onde desenvolveu uma pneumonia, entrou em um coma e veio a falecer em 18 de maio, aos 50 anos de idade.

Vários dos estudantes, professores e historiadores da obra de Mahler dizem que ele havia jogado fora muitos dos manuscritos de obras não publicadas, por estar descontente com elas, ou por problemas com a direção do Conservatório de Viena, por exemplo. Considera-se, assim, que muitas obras do compositor foram perdidas - apesar de alguns historiadores dizerem que muitos de seus manuscritos teriam sobrevivido arquivados em Dresden, e que teriam sido destruídos com o bombardeio da cidade em 1945, durante a Segunda Guerra.

Com ascendência francesa, o regente italiano Riccardo Chailly é um dos grandes maestros e atividade hoje - sendo que ele também começou sua carreira como regente de ópera (sendo assistente de Claudio Abbado no Teatro La Scala de Milão) e, aos poucos, estendeu seu domínio ao repertório sinfônico. Formado pelos Conservatórios de Perugia e de Milão, Chailly curiosamente também chegou a ser - quando jovem, baterista de uma banda de rhythm-&-blues!

Riccardo Chailly dirigiu a Gewandhausorchester de Leipzig de 1986 à 2015, e a Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã de 1988 à 2004.

Uma das maiores estrelas do CD em questão aqui é a orquestra. A Royal Concertgebouw - que significa, em português, "Sala de Concertos Real" - foi fundada em 1888 na cidade holandesa de Amsterdã, e é considerada uma das salas de concerto com melhor acústica do mundo, e abriga uma das melhores e mais sólidas orquestras do mundo, que leva o seu nome. A orquestra tem uma longa tradição de gravação com grandes regentes, tanto para o selo holandês Philips Records quanto para a inglesa EMI. No período com Riccardo Chailly como regente, as gravações foram feitas para a Decca, devido à seu contrato de exclusividade com o selo. A Orquestra do Royal Concertgebouw tem historicamente uma profunda relação com Gustav Mahler, tendo apresentado várias de suas sinfonias e, depois da morte do compositor, fez o Mahler Festival de 1920, além de sempre manter as obras do austriaco em seu repertório ativo em suas gravações.

Não consegui obter nenhuma informação sobre a técnica de gravação utilizada pela Decca na gravação deste disco - mas podem ter certeza de que sua qualidade técnica faz jus à fama da gravadora.

Destaque para a faixa 1, *Pt.1 Kräftig. Entschieden*, grandiosa abertura de uma sensacional sinfonia.

Pode ser encontrado em: CD duplo / SACD duplo / Serviços de Streaming selecionados. Mais um disco que merecia um vinil, para melhor explorar a dimensão de uma grande orquestra sinfônica. Normalmente, no caso do CD, esta sinfonia é encontrada em uma caixa com o ciclo completo das sinfonias de Mahler com essa orquestra e regente. Mas eu acho que é possível achar separadamente os CDs só da Terceira (sim, como é uma sinfonia longa, teve que sair em um CD duplo).



OUÇA UM TRECHO DO PRIMEIRO MOVIMENTO: "PT.1 KRÄFTIG. ENTSCHIEDEN", NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4MBCIPICPLS](https://www.youtube.com/watch?v=4MBCIPICPLS)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



DISCOS DO MÊS



Orquestra do Royal Concertgebouw de Amsterdã



Areni Agbabian - Bloom (ECM Records, 2019)

Estou me tocando agora que eu deveria começar a anotar onde eu acho cada disco, onde começa meu contato e conhecimento com aquela obra ou, até mesmo, com o artista. Falo isso à título de informação para esta coluna. Este caso é diferente do disco da Youn Sun Nah - esse eu esqueci mesmo. Mas no caso da Areni Agbabian, eu lembro que foi em algum fórum ou grupo de discussão, ou blog audiófilo, que me indicaram esse lindo disco. E lá fui eu procurá-lo no streaming!

Claro que discos que são lançados pela gravadora alemã ECM Records não são exatamente um "garimpo" - nem antigamente e nem recentemente - a alta qualidade musical e sonora desse selo é notória. O trabalho da gravadora do alemão Manfred Eicher é muito difundido no meio audiófilo, desde a era do vinil, passando pelos tempos do CD, entrando na era do streaming e, dizem, alguns títulos estão voltando ao vinil.

Além da beleza latente e etérea das composições (a maioria esmagadora autoral da própria Areni) e da voz e interpretação, a qualidade de gravação é ótima, cheia e musical, transportando o ouvinte para outro lugar, trazendo imersão - uma característica que eu gosto muito em gravações.

Areni Agbabian, com esse nome, esses olhos, essas vocalizações... Eu fiquei embasbacado de saber que ela nasceu e foi criada onde? Em Santa Monica, na Califórnia, EUA! Brincadeiras à parte, a americana Areni faz um bom trabalho com sua voz, e com a mistura que são suas raízes. Ela começou em casa, aos quatro anos de idade, brincando com um xilofone e algumas percussões, cantando com uma tia especialista em música armênia e uma mãe especialista em folclore armênio. Aos 7 começou o piano clássico, dando recitais e concertos já aos 15 anos de idade, e também cantando em corais armênios, búlgaros e americanos. Além da música étnica, a exploração da voz e do piano - e de improvisos em ambos - levou-a à cena jazz e experimental de Nova York e, na sequência, foi à Europa estudar o Canto Litúrgico Armênio. Nesse meio tempo, participou ►



Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
“Um conforto exuberante”



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

STEREOPHILE CABLE CATALAN
ACROLINK®

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN TOKIO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



Areni Agbabian

bastante do grupo de jazz-rock Tigran Quintet, do pianista Tigran Hamasyan e, em 2014, lançou um disco independente, *Kissy (Bag)*, totalmente financiado, tocado e improvisado por ela.

E, logo, veio o disco aqui em questão - logo de cara através de um dos mais tradicionais selos de jazz e música moderna. O disco *Bloom* é todo desenvolvido em cima da voz e piano de Areni, acompanhada por apenas um músico: o baterista e percussionista suíço Nicolas Stocker - que já participou de alguns discos da ECM, além de outras participações e outros trabalhos com bandas próprias, e tem uma longa educação, na Europa e nos Estados Unidos, em ensino de música e composição, além de cursar "Performance de Jazz" na Universidade de Lucerna, na Suíça.

E informações técnicas sobre a gravação do disco? Não, não achei não. A não ser que foi gravado no Auditorio Stelio Molo - RSI (o que dá conta da boa ambiência por ser um auditório e não uma sala de acústica seca de um estúdio) em Lugano, na Suíça, pelo engenheiro Stefano Amerio, que é o produtor e engenheiro de gravação chefe do estúdio italiano Artesuono, que originou quase

quatrocentas gravações comerciais lançadas - muitas para o próprio selo ECM Records.

O destaque especial vai para as faixas *Patience*, e *Garun a*, desse belo disco.

Pode ser encontrado em: CD / Serviços de Streaming selecionados. Só tive a satisfação de ouvir este disco no streaming, e é muito bom, muito bonito e muito bem gravado! Fiquei curioso quanto à uma possível edição em vinil - já que é por uma gravadora significativa.



OUÇA UM TRECHO DA MAGNÍFICA FAIXA
"PATIENCE", NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AMNDNX9DV5K](https://www.youtube.com/watch?v=AMNDNX9DV5K)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



SEU GUIA DE FONES DEFINITIVO

A MESMA TRADIÇÃO E DNA

GRADO LABS SR125E PRESTIGE

E MAIS

NOVIDADES DE MERCADO

GRANDES NOVIDADES DAS
PRINCIPAIS MARCAS DO
MERCADO

GUIA DE REFERÊNCIA

CONFIRA TODOS OS FONES
JÁ TESTADOS PELA AVMAG

UM PACOTE COM SUPER PODERES?

PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC



APRECIE COM MODERAÇÃO

www.wcjrdesign.com

Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde, 1 bilhão de jovens entre 13 e 32 anos já sofrem de alguma perda auditiva! A Áudio e Vídeo Magazine sempre alertou aos seus leitores, que fones de ouvido devam ser usados com enorme cuidado.

A OMS estabelece que o ideal seja de 40 horas semanais, com pico máximo de volume de 80 db. E para as crianças (de 7 a 15 anos), 35 horas semanais, com 75 db de volume máximo.

A perda de audição é totalmente silenciosa.

Siga essas recomendações e desfrute do prazer de ouvir música em seu fone de ouvido.

UMA CAMPANHA INSTITUCIONAL AUDIOFONE / AVMAG.

AUDIOFONE

SEU GUARDE FONES DEFINITIVO!

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR

EDITORA
AVMAG

ÍNDICE



GRADO LABS SR125E PRESTIGE

52

E EDITORIAL 46

Será mesmo que só até os 30 anos queremos descobrir novas músicas?

● NOVIDADES 48

Grandes novidades das principais marcas do mercado

^ TESTES DE ÁUDIO

52

Grado Labs SR125e Prestige

56

PS Audio Stellar
Gain Cell DAC



56



48

≡ RELAÇÃO DE FONES/DACS 64

Relacionamos todos os fones e amplificadores/DACs de fones que já foram publicados na Áudio e Vídeo Magazine



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

SERÁ MESMO QUE SÓ ATÉ OS 30 ANOS QUEREMOS DESCOBRIR NOVAS MÚSICAS?

Uma pesquisa do Deezer indicou que as pessoas param de descobrir novas músicas após os 30 anos. Para chegar à esta controversa conclusão, o Deezer pesquisou 1000 pessoas no Reino Unido, sobre os seus gostos musicais e hábitos culturais. Os resultados, com este universo de 1000 entrevistados, concluem que 60% seguem uma rotina musical padronizada, quase sempre escutando as mesmas músicas em seu playlist e, para 25% das pessoas, novas músicas fora do gêneros preferidos não são atrativas. A pesquisa também detectou que o ápice para descobrir novos gostos musicais é 24 anos. Nesta faixa etária, 75% dos entrevistados contaram que buscam cinco novos artistas por mês. Três fatores aparecem em destaque, explicando o motivo de isso acontecer. Em primeiro lugar, 19% se sentem “oprimidos” pela quantidade de escolhas disponíveis nas plataformas de música. E 16% possuem muito pouco tempo disponível para ouvir música, e 11% cuidam de crianças. Acho que os números dentro do universo pesquisado parecem corretos, mas as conclusões do resultado não me parecem convincentes, pois os três fatores que levam à conclusão da enquete são muito baixos para justificar que 60% seguem a rotina de sempre ouvirem as mesmas músicas, e que 25% que novas músicas não são atrativas o suficiente para despertar o seu interesse por novos estilos. Acho que a neurociência tem as respostas de maneira mais precisa para este comportamento. Segundo a revista de ciência Memory & Cognition, a música possui um efeito poderoso em nossa mente, sendo capaz de resgatar memórias e situações do passado de forma muito intensa. Todas as músicas que gostamos liberam dopamina, serotonina e oxitocina, que nos dão aquela intensa sensação de bem estar e felicidade. Durante a adolescência, o cérebro passa por várias transformações e regulações desses três hormônios. Então,

todas as músicas que gostamos neste período estarão nos trazendo emoções por toda a vida. Outra interessante observação feita pela neurociência é que quanto às músicas com letras ou com linhas melódicas que nos encantam, existe uma chave chamada de “fase de antecipação”, onde sabemos que a parte mais “emocionante” da música ainda está por vir, liberando os três hormônios de prazer em nosso corpo. Então, à medida que você possui uma “playlist” em sua memória que lhe conta momentos agradáveis, ao comparar com músicas ou estilos desconhecidos, que não liberam esses hormônios imediatamente, você tende a não se interessar por elas. Este é o principal motivo de nosso gosto musical parecer se “solidificar” até os 30 anos. E não é falta de tempo, opressão pela quantidade de lançamentos, ou que a música feita na atualidade já não possui o mesmo padrão de qualidade do nosso tempo. E vou ainda mais longe: se ouvimos música diretamente dos nossos celulares, com os fones originais de fábrica, o que ouvimos (mesmo sendo as músicas que gostamos) é totalmente comprometido pelo desequilíbrio tonal, tanto do DAC interno do seu celular como deste fone de ouvido básico. Todos os nossos cinco sentidos precisam, durante nossa vida, serem aprimorados, caso contrário, nos acostumamos com o trivial, não deixando espaço para refinarmos e ampliarmos nossos sentidos. Agora se você realmente gosta de música e não a tem em sua vida apenas como uma “distração” ou pano de fundo para os seus afazeres, buscar este aperfeiçoamento na maneira de escutar suas músicas, se tornará um processo contínuo. E, acredite, com um DAC e um fone decente, seu interesse por descobrir novas obras e estilos musicais será parte de sua motivação existencial até o final de seus dias. ■

USE E ABUSE



FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTES CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE-O PARA AVALIAR SEU FONE E EM FUTUROS UPGRADES.



AUDIOFONE

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDETESTE4

EDITORA
AMAG



TCL ANUNCIA FONES DE OUVIDO SEM FIO MOVE AUDIO S200



A TCL lançou o novo fone de ouvido sem fio, com alguns recursos que rivalizam de perto com os AirPods. Lançado durante a feira de tecnologia IFA, o fone Move Audio S200 da TCL foi apresentado como uma opção mais econômica no mercado de fones wireless, por cerca de US\$ 120 - e se parecem com os fones da Apple. Um valor ainda menor do que os AirPods mais básicos nos EUA, que custam US\$ 160. Embora sejam semelhantes em muitas formas, tanto visualmente quanto nas especificações, existem algumas diferenças básicas entre os dois fones.

O Move Audio S200 oferece cerca de 3,5 horas de duração de bateria com uma única carga. E são facilmente carregados em seus estojos: os fones TCL adicionam até 23 horas de bateria extra do case de carregamento. Os fones Move Audio S200 são equipados com a classificação IP54, provendo proteção limitada contra pó e resíduos. Oferecem também uma experiência de áudio aprimorada, conforto total e fácil conectividade com todos os restantes dispositivos, tornando-os um acessório indispensável para quem deseja atender chamadas ou ouvir música, em modo totalmente wireless.

Além disso, os fones da TCL oferecem cancelamento ativo de ruído, controles de toque e suporte a comandos de voz para Siri e Google Assistente. Você ainda precisa checar no seu smartphone quanta bateria ainda tem de sobra no Move Audio S200, mas isso não deve ser obstáculo, a menos que você tenha o costume de

perguntar essa informação através da Siri ou do Assistente. E têm suporte para Bluetooth 5.

O Move Audio S200 também possui um recurso de detecção automática que inicia e interrompe as músicas de onde você parou ao colocar ou retirá-lo do ouvido.

Ele começa a ser vendido no final deste mês na Europa, e estará disponível nas cores branco, preto e azul esverdeado. ■



Para mais informações:
Semp TCL
www.semptcl.com.br



Razão e Sensibilidade

GRADO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

JBL LIVE 300TWS AMPLIA O MERCADO DE FONES TRUE WIRELESS



Anunciado em janeiro, nos Estados Unidos, chega ao Brasil o novo fone de ouvido True Wireless da linha JBL Live: o JBL Live 300TWS. Totalmente livre de fios, o lançamento reúne uma bateria de longa duração, conforto para o dia inteiro e reprodução de som em qualidade superior - e tudo isso aliado à alta tecnologia, com as facilidades proporcionadas pelo assistente de voz. A novidade chega para ser uma solução prática e confortável para quem leva um dia a dia agitado.

O consumidor pode obter a ajuda do seu assistente de voz - Google Assistente ou Amazon Alexa - basta usar o aplicativo My JBL headphones para selecionar um assistente e tocar nas conchas para ativá-lo. Também pensando na máxima conveniência para a rotina, o recurso FastPairing faz o Live 300TWS se conectar ao aparelho Android no instante em que é tirado do case - além de ser possível emparelhar múltiplos dispositivos.

O Live 300TWS entrega ao consumidor toda a potência por até 20 horas combinadas. Os fones têm autonomia de até 6 horas ininterruptas em perfeita transmissão via Bluetooth 5.0, e basta conectá-los ao estojo de carregamento para obter até 14 horas adicionais. Outra vantagem é o curto tempo de recarga: somente 10 minutos para mais uma hora de uso. Com isso, é possível desfrutar do fone



ao longo de todo o dia e em qualquer lugar, pois além de tudo ele é resistente à água e ao suor, graças à certificação IPX5.

Há ainda outros benefícios para o usuário ao baixar o aplicativo My JBL Headphones, como a personalização do som conforme o que é mais conveniente em cada momento. Ao selecionar a tecnologia AmbientAware, é possível mergulhar completamente na música ou escolher prestar a atenção no ambiente. Já o TalkThru é a alternativa de fácil ativação para poder conversar com as pessoas sem precisar tirar os fones.

O design do Live 300TWS acompanha a alta tecnologia percebida na qualidade do som e demais recursos. O produto foi desenvolvido com os melhores materiais e acabamentos para proporcionar um conforto absoluto e duradouro. São quatro opções de expansores para o consumidor personalizar a forma que se sente mais à vontade no uso dos fones.



Para mais informações:

JBL

www.jbl.com.br/fones-de-ouvido-bluetooth/

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

TESTE
1
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=9TSYOH6TEN4](https://www.youtube.com/watch?v=9TSYOH6TEN4)

GRADO LABS SR125E PRESTIGE

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A KW Hi-Fi nos deixou um exemplar do fone de ouvido Grado SR125e da linha Prestige, que é uma das mais antigas da marca, e é também a mais acessível com ótimo custo/benefício.

Dentro da linha existem cinco fones, começando pelo SR80e, o 125e objeto deste teste, o 225e, o 325e e o modelo sem fio EGrado.

A Grado Labs orgulha-se por seus produtos serem feitos à mão com um nível de acabamento superior. O SR125e pesa cerca de 145 gramas, seu design clássico e minimalista atravessa gerações e ainda se mantém bastante atual - “pretinho básico” sempre cai bem, não é mesmo?

Este é um fone dinâmico do tipo aberto (open air) com impedância nominal de 32 ohms, resposta de frequência de 20 a 20.000Hz. Suas conchas são feitas com o policarbonato SpaceBlack, proprietário da Grado, que absorve vibrações sônicas espúrias. As bobinas de voz são de cobre OFC (livre de oxigênio) e UHPLC (Ultra-High Purity, Long Crystal). O cabo de oito condutores também em cobre,

e faz o contato do fone com a fonte musical por meio de plug tipo P2, mas acompanha adaptador para plug P10. Na parte superior das conchas ficam as hastes de fixação do arco da cabeça - feito aço cromado - sendo o arco feito em couro preto com costura aparente, no melhor estilo alfaiataria.

Uma coisa boa deste fone, para outros Grados, é que ele utiliza uma espuma mais macia e menos densa. Já disse que não curto a espuma da linha Reference por ser um pouco áspera para o meu gosto, mas a espuma da linha Prestige me agrada muito e, com certeza, isso faz diferença para audições que passam de duas horas.

A embalagem que o acompanha é feita de material durável. Por dentro o fone é envolto em uma espuma que o protege de impactos - tudo simples e bastante eficiente.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Sony Walkman NW-A45, Astell & Kern modelo Kann, smartphone ►

Samsung S10 plus, iPhone 8 Plus, streamer Innuos ZENmini 3 com fonte externa, e o DAC Hegel HD30. Amplificador para fone de ouvido: TEAC HA-501. Cabos de força: Transparent MM2 e Sunrise Lab Illusion Magic Scope. Interconnects: Sunrise Lab Quintessence XLR, e Sax Soul Zafira III XLR.

O fone chegou lacrado e, como todo Grado, sai tocando muito bem, uma característica que acompanha qualquer produto da marca. A região média é maravilhosa, não é doce e cansativa, mas clara e com um conforto auditivo que é super bem-vindo. Após 120 horas, o fone está completamente amaciado e podemos então iniciar os testes de uma vez.

Começamos com Dianne Reeves, disco *Bridge*, faixa 5, e de cara, o SR125e nos mostra suas garras: um equilíbrio tonal muito bom com clareza e suavidade na medida. Sua naturalidade nos faz relaxar e sentir a música fluir sem obstáculos. Os timbres da percussão, violão e piano são de ótimo nível, e aí entra a grande vantagem do fone aberto: o palco, o arejamento e a ambiência são de alto nível. No disco *Come to Find*, de Doug MacLeod, faixa 1, podemos ouvir uma gaita com bastante expressividade, voz com uma textura

muito boa, os repiques da caixa da bateria com uma boa folga. Os transientes não são muito rápidos, mas não deixa a música perder a graça por isto. Os extremos do espectro de frequência são generosos até, principalmente nas altas. Ouvir discos ao vivo neste fone é uma delícia!

Por ter sensibilidade alta, o SR125e se dá muito bem com celulares. Ouvir Tidal pelo Samsung S10 foi muito prazeroso, já que com esta sensibilidade alta não falta potência para empurrar o fone. Mesmo com as limitações do smartphone (o fone é muito mais refinado que o celular) o SR125e meio que ignora as deficiências e nos traz uma boa dose de conforto auditivo e folga, aumentando e muito o leque de estilos musicais que se pode ouvir com este conjunto.

CONCLUSÃO

O Grado SR125e é um fone para o dia-a-dia e, também, para audições sérias. Se você não abre mão da qualidade de reprodução e de um fone aberto, leve no peso e leve na sensibilidade, para utilizar com smartphones, e que se agiganta quando empurrado por um amplificador dedicado, escute este pequeno notável e irá se surpreender com sua versatilidade. ■





PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

55

TESTE
2
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6OHYZTZH5QQ](https://www.youtube.com/watch?v=6OHYZTZH5QQ)

PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A German Audio trouxe para o Brasil uma excelente novidade, tanto para os amantes do áudio digital quanto do analógico. Trata-se do Stellar Gain Cell DAC, da PS AUDIO.

Quando li no site da PS Audio a descrição do novo DAC da linha Stellar confesso, amigo leitor, que fiquei confuso, procurando por onde começar o texto, pois se tratava de um aparelho realmente fora da curva por muitas razões. Após divagar por um tempo sobre qual seria a melhor definição para ele, me veio à mente a icônica frase dos quadrinhos do Superman: “É um pássaro? É um avião? Não. É o PS Audio Stellar Gain Cell DAC!”

Seria este um DAC (conversor de áudio digital para analógico) com superpoderes de pré-amplificador? Ou um pré-amplificador com superpoderes de DAC? Um pré-amplificador e DAC com superpoderes de amplificador de fone de ouvido? Ou um amplificador para fone de ouvido com superpoderes de pré-amplificador e DAC? Eu ainda não sei, mas parece-me que estas divagações também

permearam as cabeças da turma de marketing da PS Audio, pois no site o aparelho se encontra na sessão de DACs, mas na descrição na foto do site é chamado de pré-amplificador, ou seja, jogaram a peteca para nós consumidores decidirmos o que queremos que ele seja. Mas não se desespere, a PS Audio adicionou em seu site a seguinte frase, como pista para os confusos de plantão, como eu (risos): “Pense no Stellar Gain Cell DAC como um centro de controle analógico completo, com um DAC excepcional em seu coração.” Fica a dica...

Eu fiquei com a frase do Superman na cabeça, porque não dá para se ter uma definição clara do que ele realmente é. São três aparelhos em um, e todos desempenham suas funções com extrema competência. Tanto que, chamá-lo simplesmente de DAC chega a ser um crime com o cuidado que a PS Audio teve em cada parte deste belo sistema, abordando cada desafio inerente a cada uma das três facetas do aparelho, como se fosse um só! Por exemplo, se

quisermos começar pelo DAC, veremos ótimas soluções na parte digital, a começar pelas entradas de áudio digitais: uma entrada USB para PCM (384kHz), DSD64 (DoP) e DSD128 (DoP), uma entrada ótica PCM (96kHz), uma entrada dupla coaxial digital PCM (192kHz), e uma entrada I2S padrão HDMI 1 PCM (384kHz), DSD64 e DSD128 compatível com o DirectStream Transport SACD para reprodução de DSD nativo sem qualquer tipo de alteração no sinal.

O DAC Stellar utiliza o chip FPGA Lattice, da Digital Lens, que basicamente analisa a integridade do sinal, diminui o jitter e passa o sinal digital para o chip ES9010K2M SABRE, que faz a conversão de digital para analógico.

Na parte analógica, as coisas ficam ainda mais interessantes. Temos três entradas RCA e uma balanceada XLR que são suficientes para ligar qualquer transporte como toca-discos através de um pré de phono externo, CD-Player ou ligar o sistema multicanal. Uma saída RCA, uma balanceada XLR e, no painel frontal, próximo ao mostrador, um conector para headphone de 1/4. O controle de volume da sessão de pré-amplificação é totalmente analógico, utiliza uma tecnologia proprietária desenvolvida pelo próprio Paul McGowan, fundador e CEO da PS Audio nos anos 2000. O nível de saída do pré é totalmente balanceado, controlado por duas células de ganho (uma para cada canal), ligadas diretamente ao botão de volume - estas células são responsáveis por fornecer os níveis de ganho do sinal, fazendo com que qualquer movimento no botão resulte em um ganho de sinal mais estável e limpo na saída.

O gabinete do Stellar GCD é produzido inteiramente na fábrica da PS Audio, e é construído com uma espessura de alumínio que impressiona! Tudo em nome da contenção das vibrações que tanto nos atormentam. Suas medidas são generosas para acomodar a fatura de entradas e saídas: seu tamanho (43 x 34 centímetros) é condizente com a sua proposta de ser um três-em-um robusto, feito para audiófilos.

A tampa superior se encontra com a inferior na parte frontal do gabinete, formando uma linha escura e profunda que percorre toda a frente, expandindo apenas para acomodar o mostrador OLED azul. Ao lado da tela, um discreto botão de seleção e, no outro, o knob de volume.

O acabamento do gabinete é texturizado com duas opções de cores: a cor tradicional prata e o preto. O controle remoto é bastante completo e funcional, ergonômico e leve. O que não gostei é que os botões de entradas e saídas estão identificados por números, que também estão identificados assim no painel traseiro do aparelho. Por exemplo, o número oito representa o coaxial. É um jeito novo de fazer, que talvez seja melhor, mas eu não achei.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes produtos e acessórios. Fontes: toca-discos de vinil Reloop TURN5 com cápsula 2M Red, 2M Bronze e Quintet Black + Pré de phono The Phonostage II SE, Notebook HP i7 “modado” (+ SSD, Windows 7, Roon Server + HQ Player), CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30. Amplificação: Hegel H300, Sunrise Lab V8 MkIV, integrado Anthem STR. Cabos de força: Transparent MM 2, Kubala Sosna Elation, Sunrise Reference Magic Scope. Cabos de interconexão: Crystal Cable Absolute Dream XLR, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e Coaxial digital, Sunrise Lab Quintessence RCA e Coaxial digital, Sax Soul Cables Zafira III XLR, TotalDAC d1 USB, Sax Soul Zafira III USB. Cabos de caixa: Argento Flow, Transparent Reference XL e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Dynaudio Confidence C4 Signature, Neat Ultimatum XL6, Dynaudio Emit M30. Fone de ouvido: Sennheiser HD-700.

O Stellar Gain Cell DAC é muito gostoso de ouvir. Por causa da sua topologia totalmente balanceada e sua parte analógica muito bem resolvida, ele não dá trabalho com acerto. Todas as fontes, e cabos que foram adicionados a ele, tocaram muito bem, mostrando





Novo album piano solo
Dedicado à obra de
Noel Rosa

Já disponível nas
plataformas digitais.

Arquivos originais em
24/96 disponíveis
para venda exclusiva
através do site.

Lançamento
Janeiro 2020

“Foi na noite do dia 19 de outubro de 2019 que este álbum foi integralmente gravado, num só fôlego. Minha vontade foi mesmo criar um som intimista, noturno, aconchegante e lento. Abri o songbook Noel Rosa e comecei a gravar algumas canções, na ordem (alfabética) em que se apresentam. O repertório parecia já saber o que me pedir como pianista. Assim, neste álbum, apresento as músicas na ordem em que as gravei. O que ouvimos aqui é o lume daquela irrepetível noite que me antecipava uma aurora de sonhos e galáxias que dançam ao som de Noel Rosa.”

André Mehmari

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



assinaturas próprias dos respectivos produtos, demonstrando que se tratava de um aparelho neutro com ótimo refinamento.

Começamos os trabalhos com Bozzio Levin Stevens, disco Black Light Syndrome, faixa 3. Uma música pauleira para qualquer sistema, e para este pré com poderes de DAC ainda mais pois seu calvário seria dobrado! Devo dizer que fiquei duplamente surpreendido, pois a combinação do digital com o pré analógico ficou muito boa, o tempero entre musicalidade e pegada do pré classe A com a clareza nas altas do DAC digital, fica muito bom!

O violão ficou rápido e bastante musical, e a bateria então, nem se fala... os timbres são muito bons. Como DAC, soava levemente aberto para o meu gosto pessoal, mas com certeza existe uma legião de audiófilos que irão adorar esta característica.

No disco da Patricia Barber, Companion, faixas 1 e 2, percebe-se uma excelente formação de palco, com bastante holografia, o contrabaixo tem ótima extensão, tudo é muito agradável, mas fiquei com aquela sensação de que o som puxava para o lado digital quando pelo DAC. Via pré-amp não, soava lindamente! Palmas da platéia, órgão eletrônico e a percussão soavam muito próximo do ideal, mas ainda não tanto quanto achava que poderia. Foi então que decidi trocar o Transparent de força pelo Sunrise Reference Magic Scope. Melhorou muito! É comum de acontecer do Transparent não encaixar muito bem com digitais fora da sua faixa de pontuação - ele é mais crítico no casamento com alguns equipamentos, não são todos que ele abraça e acolhe. Já com o Rreference Magic Scope o casamento foi muito bom, as altas ganharam corpo e os graves, extensão e ótimo decaimento. O mesmo aconteceu utilizando o Kubala Elation de força. Ele deu uma "adocicada" no som, ganhou nuances e calor na medida certa para o DAC.

Já com cabos de interconexão, o Stellar GCD mostrou enorme compatibilidade com todos os cabos utilizados, mostrando as características sônicas de cada cabo com muita sinergia, atestando o seu alto grau de refinamento e neutralidade. Outra boa surpresa foi perceber o quanto ele casa bem com amplificadores de características tão diferentes. Tirando a minha rabugice com o integrado Anthem por ter uma sonoridade complexa, a compatibilidade com Hege H300, Sunrise Lab V8 e Anthem foi muito boa. Tanto que o Anthem, que tem fortes semelhanças sônicas com o Stellar GCD, se beneficiou enormemente do seu pré e do DAC. Suas semelhanças não se amontoaram nem mexeram na balança do equilíbrio tonal. Isto foi uma surpresa para mim, pois estava receoso desta combinação. Ele trouxe, por exemplo, macro-dinâmica melhor e maior extensão nos extremos, palco mais largo e mais profundo, ao Anthem.

Agora, a maior surpresa mesmo foi ouvi-lo como amplificador de fone de ouvido. Para os amantes do headphone, sugiro fortemente

que escutem o Stellar Gain Cell DAC. Se ele é bom como DAC e como pré-amplificador, empurrando fones de ouvido ele é simplesmente maravilhoso! Tenho certeza que, se colocar este DAC com seu headphone, as chances de aposentar o amplificador dedicado para fone de ouvido é muito grande. Mesmo porque poucos amplificadores de fone de ouvido chegam nesta pontuação por este preço, que ainda leva de brinde toda a conveniência do pré e DAC.

Ele comandou o Sennheiser HD 700 com maestria, controlando cada excursão do fone, grandes massas sonoras como as contidas em muitas músicas eruditas e big bands. Ele demonstrou ser autoritário, e ao mesmo tempo bastante condescendente com gravações difíceis, trazendo um enorme conforto auditivo, diminuindo a fadiga pelo uso do fone.

Não tinha gênero musical que ele não tocasse com muita desenvoltura e fidelidade. Claro que as músicas pedreiras como Joe Zawinul Brown Street, disco 2 faixa 1, e Rachele Ferrell Live in Montreaux faixa 10, e outros, ele suava para entregar as passagens difíceis, mas entregava e com ótima pegada, sempre com folga e boa pegada. Os trabalhos de prato, peles de bateria e percussão, e de piano, ficaram simplesmente maravilhosos. É sem dúvida a melhor parte deste equipamento!

CONCLUSÃO

O Stellar Gain Cell DAC faz parte desta nova geração de produtos "tudo em um", mas com certeza ele sai muito na frente de seus concorrentes porque foi pensado não como um "tudo em um", mas sim como um "três em um". Três aparelhos distintos com desafios de projeto diferentes mas que, no final, são equivalentes em qualidade. Se você procura enxugar o seu sistema, reduzindo o número de cabos de força e interconexões e abrindo espaço na prateleira, sugiro que ouça o Stellar Gain Cell DAC e comprove por si mesmo o quão versátil e poderoso ele é. ■

PONTOS POSITIVOS

Construção minimalista, tanto no design externo quanto no caminho do sinal. Tela do visor OLED. Menu de fácil operação. Alta compatibilidade com cabos de força e interligação. Boa quantidade de entradas e saídas.

PONTOS NEGATIVOS

Controle remoto possui números ao invés de indicar o nome das entradas e saídas.

Conecte-se à
essência da MÚSICA

SASHA™ DAW



Yvette



Sabrina



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

WILSON®
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: (11) 5102.2902 • info@ferraritechnologies.com.br

ESPECIFICAÇÕES

Alimentação	120 VAC ou 230 VAC (50 ou 60 Hz) de fábrica
Consumo	20 W
Fusíveis	120 V (1.6 A Slow Blow) 230 V (1.0 A Slow Blow)
Entradas analógicas	3 RCA / 1 XLR
Entrada I2S	1 PCM (384kHz max), DSD64 e DSD128, compatível com DirectStream Transport SACD para reprodução de DSD
Entradas Coaxiais	2 PCM (192kHz max)
Entrada Ótica	1 PCM (96kHz max)
Entrada USB	- PCM (384kHz max) - DSD64 (DoP) DSD128 (DoP)
Formatos	PCM, DSD
Saídas Analógicas	1 RCA, 1 XLR, 1 para fones de ouvido (¼)
Ganho	12 dB +/-0.5 dB
Saída máxima	20 Vrms
Sensibilidade	5.3 Vrms
Impedância de entrada	- 47 KΩ RCA - 100 KΩ XLR
Impedância de saída	- 100Ω RCA - 200Ω XLR
Resposta de frequência	- 20 Hz a 20 KHz (+0/- 0.25 dB) - 10 Hz a 100 KHz (+0.1/-3.0 dB)
Ruído	20 a 20 KHz (< -90 dBV)
Relação sinal / ruído	1 KHz > 110 dB
Separação de canais	1 KHz > 90 dB
Separação de entradas	1 KHz > 90 dB

ESPECIFICAÇÕES

Distorção harmônica e por intermodulação	1 KHz < 0.025 % 20-20 KHz < 0.05 %
Saída para fones de ouvido	300 Ω / 300 mW 16 Ω / 3.25 W
Relação sinal/ruído para fones de ouvido	>95 dB <-80 dBV
Ruído para fones de ouvido	300 Ω < 0.05 % 16 Ω < 0.06 %
Distorção harmônica e por intermodulação para fones de ouvido	<4 Ω
Impedância de saída para fones de ouvido	0-100 (passos de 1/2 e de 1 dB - total de 80 dB)
Controle de volume	24 dB em cada direção em passos de 1/2 dB
Controle de balanço	Designável à qualquer entrada analógica
Modo Home Theater	Ajustável, via menu, para qualquer nível
Controle de polaridade (fase)	Somente fontes digitais
Controle de filtro	3 filtros digitais selecionáveis (apenas para fontes PCM)
Saída trigger	(3.5mm 5-15VDC)
Controle remoto	Infravermelho
Dimensões (L x A x P)	43.2 x 30.5 x 7.6 cm
Dimensões da embalagem (L x A x P)	58.4 x 45.7 x 22.9 cm
Peso	6.1 kg
Peso embalado	7.7 kg

PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC (COMO PRÉ DE LINHA)	
Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,5
Textura	10,0
Transientes	10,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,0
Total	82,0



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC (COMO DAC VIA USB)	
Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,5
Textura	10,0
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,0
Total	83,0



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC (COMO DAC VIA COAXIAL)	
Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,5
Textura	10,0
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	10,5
Musicalidade	10,5
Total	84,0



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC (COMO AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO)	
Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	11,0
Textura	10,5
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	11,0
Musicalidade	10,0
Total	85,0

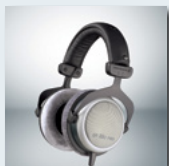
VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████



ESTADO DA ARTE



RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO BEYERDYNAMIC DT880 PRO

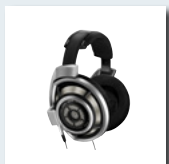
Edição: 167

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Playtech



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD800

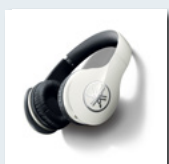
Edição: 175

Nota: 85

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO YAMAHA PRO500

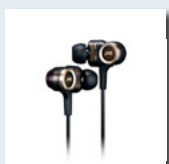
Edição: 190

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Yamaha



OURO REFERÊNCIA

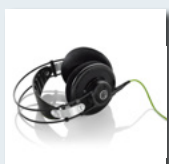


FONE DE OUVIDO JVC FX200

Edição: 192

Nota: Espaço Aberto

Importador/Distribuidor: JVC



FONE DE OUVIDO AKG QUINCY JONES Q701S

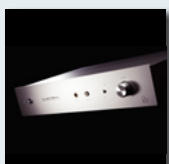
Edição: 193

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Harman Kardon



DIAMANTE REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO LUXMAN P-200

Edição: 194

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



ESTADO DA ARTE



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO LUXMAN DA-100

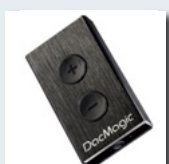
Edição: 200

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



DIAMANTE REFERÊNCIA



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO DACMAGIC XS

Edição: 201

Nota: 70,5

Importador/Distribuidor: Mediagear



OURO REFERÊNCIA



MICROMEGA MYUSIC AUDIOPHILE HEADPHONE AMPLIFIER

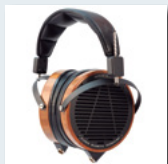
Edição: 202

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Logiplan



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD3

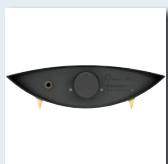
Edição: 204

Nota: 83

Importador/Distribuidor: Ferrari Technologies



ESTADO DA ARTE



DAC E PRÉ DE FONES DE OUVIDO KORG DS-DAC-100 - REPRODUZINDO DSD

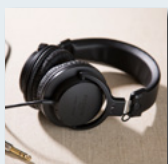
Edição: 205

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO PHONON SMB-02 DS-DAC EDITION

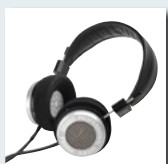
Edição: 206

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

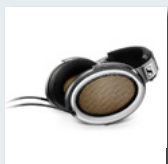
Edição: 210

Nota: 81,25

Importador/Distribuidor: Audiomagia



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Edição: 240

Nota: 95

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Edição: 244

Nota: 86

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC - COMO AMPLIFICADOR FONE DE OUVIDO

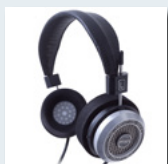
Edição: 247

Nota: 85

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO SR325E

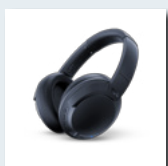
Edição: 258

Nota: 72

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO SONY WH-XB900N

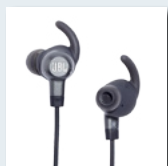
Edição: 258

Nota: 62 / 63

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



HEADPHONE JBL EVEREST ELITE 150NC

Edição: 260

Nota: 58

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO QUAD PA-ONE+

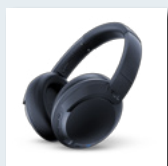
Edição: 260

Nota: 83

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO WIRELESS TCL ELIT400NC (VIA CABO P2)

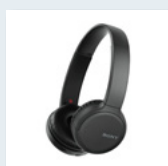
Edição: 260

Nota: 61

Importador/Distribuidor: TCL



PRATA REFERÊNCIA



HEADPHONE SONY WH-CH510

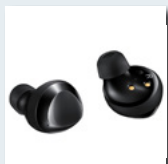
Edição: 261

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SAMSUNG GALAXY BUDS+

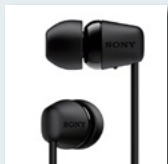
Edição: 261

Nota: 44

Importador/Distribuidor: Samsung



BRONZE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SONY WI-C200

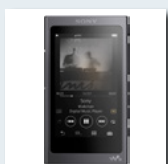
Edição: 262

Nota: 57

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SONY WALKMAN NW-A45

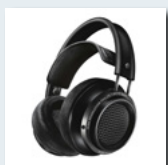
Edição: 262

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO PHILIPS FIDELIO X2HR

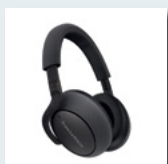
Edição: 263

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Philips



DIAMANTE REFERÊNCIA



HEADPHONE BLUETOOTH COM CANCELAMENTO DE RUÍDO B&W PX7

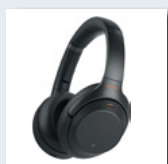
Edição: 264

Nota: 75,5

Importador/Distribuidor: Som Maior



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

Edição: 265

Nota: 76

Importador/Distribuidor: Sony



DIAMANTE RECOMENDADO



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Sunrise Lab V8 SS - 96 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.259
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.263
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.251

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.266
Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.264
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.262
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Thorens TD 550 - 99 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed.260
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.256
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte) - Feel Different - Ed.265
Dynamique Audio Halo 2 - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynamique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Dynamique Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=U4AA6-0SNQE](https://www.youtube.com/watch?v=U4AA6-0SNQE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OSOV-NJGPHK](https://www.youtube.com/watch?v=OSOV-NJGPHK)

PRÉ DE PHONO CH PRECISION P1

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Ainda que a Pandemia tenha virado o mundo de cabeça para baixo, este foi o ano em que recebemos e testamos a maior quantidade de produtos Estado da Arte na história desta publicação! Está sendo um ano incrível por este ponto de vista.

E já na reta final, quando só faltam mais três edições para se fechar o ano, tivemos o prazer de receber o mais impressionante pré de phono que já testamos. É covardia tentar comparar este pré com qualquer outro que eu já tenha tido ou testado em minha vida.

E as possibilidades de ajustes e a tecnologia envolvida no projeto são tão extensos, que tenho sérias dúvidas se qualquer revisor crítico de áudio que tenha colocado as mãos nesta preciosidade, tenha tido a oportunidade de avaliar todas as possibilidades existentes neste produto (a CH Precision afirma serem mais de 500 possibilidades de ajuste). Isso pode ser uma dádiva ou um caos em mãos inábeis, acredite.

E certamente esse “arsenal” de possibilidades de ajuste fino justifica que muitos que escutaram o P1 não conseguiram extrair todo o seu gigantesco potencial. Quisera ter a oportunidade de ficar um ano com este produto, para ir contando em “capítulos” as descobertas do que este pré é capaz de nos proporcionar. Infelizmente, foram apenas seis semanas, já que o feliz dono desta preciosidade estava ávido por escutá-lo.

Então não perdi um segundo desse rápido convívio, tentando ao menos entender suas “ferramentas” básicas para extrair o máximo dos dois setups que consegui ligar nele. O primeiro foi o nosso setup analógico constituído do toca-discos Acoustic Signature Storm, braço SME Series V, cápsula SoundSmith Hyperion 2 e cabos Sunrise Lab Quintessence de braço e interconect XLR. O segundo o toca-discos foi o Mark Levinson 515, com cápsula Ortofon Cadenza Bronze e cabos Feel Different FD-III (leia testes 2 e 4 nesta edição).

Felizmente esses dois setups se mostraram à altura do P1 para nos ajudar a desvendar ao menos parte de seu incrível poder de fazer o analógico soar de forma magistral!

O P1 é um projeto inteiramente baseado em transistor discreto puro Classe A, com uma seção digital apenas para o controle de análise de todos os parâmetros de ajuste, que são mostrados em seu painel e que podem ser acionados pelo seu belo controle remoto que, na verdade, é um tablet. Existem, no circuito analógico do sinal, resistores de filme de metal de alta tolerância, bem como capacitores de alta qualidade nas seções de filtragem. O P1 é alimentado por uma fonte linear massiva com vários circuitos de regulação local, todos independentes. Com o uso de dois transformadores toroidais, um maior e um segundo menor, para o uso no modo de espera quando o produto está em standby e para a economia de energia.

O P1 oferece três entradas em XLR ou RCA para cápsulas MC (entrada 1 e 2) e uma terceira entrada para cápsulas MM e MC. As entradas 1 e 2 trabalham exclusivamente no modo corrente, e a terceira no modo de tensão. As entradas de corrente apenas para cápsulas MC levam a corrente gerada pela cápsula e não a sua tensão. Segundo o fabricante, isso produz uma relação sinal/ruído superior e uma melhor imunidade em comparação à uma entrada de tensão convencional, e assim não existe necessidade de combinar impedância. Este processo é Plug & Play.

Já a terceira entrada, de modo de tensão, para cápsulas MM e MC, é usada para qualquer tipo de cápsula com uma entrada equipada com carga resistiva que varia entre 20 Ohms e 100 kOhms, permitindo ao usuário desta entrada a seleção dentre 500 valores disponíveis! As etapas vão de 5 em 5 Ohms, arrastando o botão giratório inferior para etapas grandes, ou o botão superior para pular etapas pequenas. No caso de etapas pequenas, o painel mostra: 250 Ohms, 255 Ohms, 260 Ohms, e assim por diante.

Fora todo este arsenal disponível ao audiófilo que deseja explorar ao máximo o potencial de sua cápsula, o P1 ainda disponibiliza um

sistema de calibração automática que usa um “compacto simples” para produzir a melhor relação sinal/ruído e a resposta de frequência mais plana, medida em todo a cápsula que esteja tocando este compacto simples, nos seus dois lados! Este pequeno disco realiza mais de 20 procedimentos de curva de resposta de frequência da cápsula. Depois desses dados armazenados, você ainda poderá avaliar a opção de curva de resposta de sua cápsula que mais lhe agrada. Cada curva medida, também é apresentada no painel do P1, aí depois é só memorizar a melhor resposta.

Como disse um amigo amante do vinil, ao ver as possibilidades todas de calibração do P1: “Este é um pré que faz justiça ao século 21!”. Tenho que concordar integralmente com ele! O que me preocupa é se o audiófilo está preparado para um pré tão revolucionário. Pois vi em alguns fóruns ser discutido que o som do P1 é assustadoramente transparente, “dissecando” demasiadamente a beleza mais evidente do vinil: sua musicalidade. Vi até um participante mais alterado vociferando que quem escolhe ter um P1 não entende nada de vinil. Quando leio esses debates calorosos e à beira de uma ataque de nervos, sempre me pergunto o que ocorre com o ser humano? O que o leva a desdenhar da opinião do outro e achar que só seu ponto de vista é o correto? O que nos leva a ter a ilusão de que somos o centro do mundo? E que somos o guardião das verdades absolutas?

Vivemos tempos difíceis, em que as pessoas passam mais tempo em frente ao computador ou seu celular do que com as pessoas que construíram um lar e uma família. Mais tempo discutindo sobre áudio do que ouvindo seus sistemas e seus discos. E mais tempo defendendo seus valores e opiniões do que aprendendo com a experiência do outro.

O que diria a este audiófilo que afirma ser o P1 a antítese do prazer que o vinil proporciona? Que ele certamente não ouviu um P1 ajustado corretamente, pois caso ouça, sua opinião mudará instantaneamente. Não tem como ficar imparcial ao escutar este P1



SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO

REDE

SEGURANÇA

ACÚSTICA

HOME THEATER

ÁUDIO HI-END



VIDEOCONFERÊNCIA


ENERGIA FOTOVOLTAICA


FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB




ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hifclubautomacao

(31) 2555 1223 

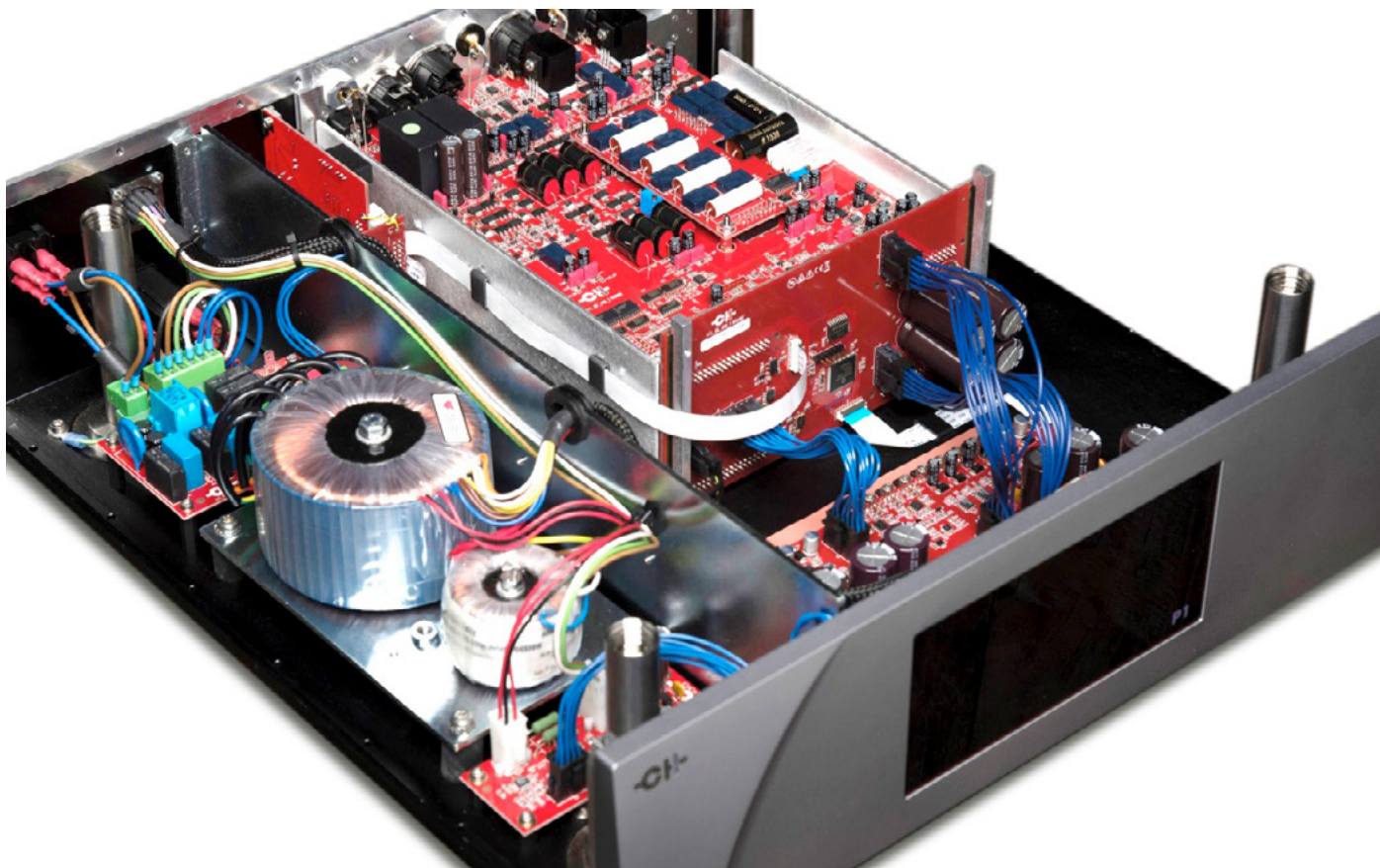
comercial@hifclub.com.br 

www.hifclub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG 

Empresa do
Grupo Foco BH





com pares dignos de sua beleza. Todas as suas crenças e verdades serão simplesmente pulverizadas. Desde, é claro, que o P1 esteja ajustado corretamente. Do contrário, é uma catástrofe, exatamente como colocar um AK-47 na mão de um chimpanzé, ou pedir para alguém que não tenha a menor noção de como pousar um Boeing 747, fazê-lo!

E sei de demonstrações do P1 pelo mundo que foram totalmente pífias e que os que ouviram essas apresentações saíram se perguntando como algo tão mediano poderia custar tanto. Novamente baterei na tecla: este é um pré com características e recursos tão inovadores que será preciso que até mesmo os mais experientes estudem e se debrucem nas suas possibilidades, antes de saírem mostrando seus recursos.

Eu não sou um expert em analógico - meus conhecimentos de ajuste e montagem de cápsula foram tudo que vi e aprendi com meu pai e, agora, com o Christian Pruks e com o André Maltese. Minha contribuição se reduz ao ajuste fino no momento de ouvir o resultado, então meus erros são muito mais constantes do que os dos especialistas. Tanto que cometi este erro ao ouvir o sistema nosso de referência com a cápsula Hyperion 2 no P1. Pois como havia começado o teste com o toca-discos 515 com a cápsula Cadenza ligado na entrada 1 com modo corrente, e o som ficou magistral em todos os quesitos de nossa Metodologia, julguei que o mesmo ocorreria

com a Hyperion 2. Resultado: ficou um som sem vida, frio, analítico, com uma macrodinâmica engessada, e ritmo confuso. Como dizia meu pai: "quem tem pressa, come cru".

E lá fui eu descobrir que diabos tinha feito de errado. Coloquei o compacto simples para tocar com a Hyperion, fiz todas as medidas, avaliei as curvas de resposta e nenhuma das opções me pareceu razoável, as três opções melhores tiravam parte da beleza desta cápsula, que é justamente a extensão nas duas pontas. Resolvi seguir minha audição, colocá-la na entrada 3, no modo de tensão. Escolhi um disco que conheço na palma das mãos e fui calibrando passo a passo, e quando achei que havia chegado ao ápice, o P1 ainda me deu a opção de ajustar o ganho ideal para a Hyperion 2! Meu amigo, o resultado foi tão avassalador, que eu tenho que reconhecer que os 106 pontos que demos para esta cápsula foram modestos demais! Ela merecia, em uma possível revisão, no mínimo 108 a 109 pontos! Mas, fazer o que: "o que não tem remédio, remediado está".

Nos fóruns também existem discussões infundáveis entre os que possuem este P1, se é melhor colocar suas cápsulas em modo de tensão ou corrente. Os que defendem o modo tensão afirmam que o som fica mais orgânico, fluido e real. Já os que defendem o modo de corrente, alegam que o usam pelo grau de precisão no tempo, ritmo e andamento e, principalmente, pelo grau de detalhamento e equilíbrio tonal.

Leio tudo com enorme interesse, e me pergunto: se com apenas duas cápsulas eu cheguei à conclusão que de uma delas - Ortofon Cadenza Bronze - somente no modo corrente é possível se extrair todo seu potencial, e a SoundSmith Hyperion 2 somente em modo tensão, como querer defender que um modo é o correto e outro o errado?

O correto é ter a possibilidade de cada cápsula descobrir qual o melhor modo para ela. E feliz o audiófilo que possui este P1, para poder tirar o máximo do seu sistema analógico! Se tivesse um pré desta magnitude como nossa referência, a maior satisfação seria saber que os testes de cápsulas ganhariam um grau de precisão no fechamento de notas que nenhum outro pré existente no mercado pode nos fornecer! Este é o maior mérito deste P1, ser um pré que possibilita ao usuário o ajuste preciso de suas cápsulas de maneira que não haja dúvida de que cada centavo investido nele valeu! Ficar discutindo se o modo corrente possui vantagens em relação ao modo tensão, é discutir o "sexo dos anjos"!

Com um pré deste nível, a primeira coisa que eu me desfaria é de perder tempo em fóruns. Utilizaria todo o meu tempo livre para descobrir o que os meus discos têm de camadas "submersas" de informação, que pré de phono algum me deixou ouvir. Tudo neste pré se torna mais verossímil, tanto os erros como os acertos de todas as gravações. O que é belo se transforma em soberbo, o que é mediano em bom, e o que é péssimo em ruim.

Será que esta exímia qualidade é que faz alguns confundirem com transparência explícita excessivamente? Para um audiófilo rodado e familiarizado com as nuances do analógico, certamente que este "equivoco" não ocorrerá, pois ele irá se deparar exatamente com o que ele sempre sonhou no vinil: audições com corpo, energia e vivacidade que só o analógico permite (ainda).

Os bumbos se tornam viscerais, os órgãos de tubo na região grave parecem que irão derrubar as paredes, tamanha energia e deslocamento de ar. O coral no quarto movimento da Nona Sinfonia de Beethoven nos faz "ver" que estamos diante de uma centena de vozes, e não de um coral gregoriano. As texturas são inebriantes, não pelo majestoso equilíbrio tonal existente, mas por serem palpáveis e mostrarem os sutis detalhes das paletas de cores entre a qualidade e virtuosidade do primeiro e segundo violino de um quarteto de cordas.

Poderia escrever páginas e mais páginas sobre as virtudes avassaladoras do P1, mas terminarei falando de duas observações que fiz (e que sempre observei, mas sem tanta eloquência), a decadência de duas grandes estrelas do jazz: Billie Holiday e Chet Baker. No P1, as evidências da decadência de ambos são tão presentes, no seu triste final, que ficam impossíveis de se ouvir neste pré de phono. É literalmente "ver" o que ouvimos. Foi uma das experiências sensoriais/emocionais mais dolorosas que experienciei solitariamente em nossa sala de referência. Fiquei imaginando o constrangimento dos músicos que participaram dessas últimas sessões. Não estou falando de desafinação - falo da decadência explícita em cada nota em cada palavra. Nunca em setup analógico algum havia me atentado à este grau de melancolia e tensão. Será que é isso que os que não gostam do P1, dizem ser transparente demais?

Agora, amigo leitor, imagine o efeito oposto em uma gravação em que o artista esteja no ápice de sua carreira, como no disco Friday Night in San Francisco, com o Al di Meola, Paco de Lucia e John McLaughlin? Ouvi este LP nas versões 33 e 45 RPM, e interessante que sempre gostei mais da prensagem em 33 - o Christian Pruks é testemunha. Pois agora mudei integralmente de opinião (ao menos enquanto o P1 esteve conosco). Os três estavam inspirados, e foi realmente uma noite única e gloriosa. É impossível ouvir este disco e não prestar atenção do começo ao fim. É uma catarse literal! No P1 é possível ouvir o grau de tensão colocado nas cordas e a diferença de técnica e digitação dos três violonistas, e a qualidade de cada ▶

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

instrumento. Continua sendo, para mim, ainda hoje, uma das gravações mais “matadoras” para se avaliar um sistema analógico. Ela jamais “fará reféns”: ou o sistema passa com méritos, ou sucumbe. Nem a prensagem nacional, que é ruim, impede de ser um parâmetro seguro para avaliação. Cansei de ouvir este disco destruir reputações de cápsulas, toca-discos, pré de phono, pré de linha, powers e caixas. As masterizações para CD são sofríveis, e de streaming, então, é um caso de polícia. Feliz o leitor que possui um sistema analógico e este LP bem conservado. Foi uma noite mágica e única!

CONCLUSÃO

Pena que não exista uma versão do P1 para nós mortais. Como diz a música: “Quem não gosta de samba, bom sujeito não é”. Vou parafrasear e dizer: quem não gosta do P1, não o ouviu corretamente ajustado. Pois não é possível não se “comover” com este produto.

Sim, é uma questão emocional o que este pré de phono nos permite. Ele está muito além da discussão do que é analítico ou musical, quente ou frio. Devidamente ajustado, o audiófilo terá extrema dificuldade em descrever como ele soa. Pois estará ouvindo pela primeira vez, como aquele disco que ele ama tanto deveria ter soado em todos os prés de phono que o tocaram. Só que isso não ocorreu, então suas referências são como memórias distantes que ainda estão presas à sua mente pelo valor emocional, e não pela realidade que já se foi.

Toda música que amamos nos diz algo, às vezes explicitamente e outras de forma tão subjetiva que nem sabemos as razões que nos levam a sempre querer escutá-las. O P1 consegue nos fazer rememorar as verdadeiras intenções por detrás de cada escolha. Foi exatamente o que ocorreu comigo, ao ouvir determinados discos: recordei de detalhes do motivo de ter escolhido aquele disco e não outro no momento da compra. Ou me remeteu à primeira audição do disco, assim que cheguei em casa com ele! Ou ainda, audições que fiz daquele disco em upgrades consistentes, e que notei diferenças que me deixaram satisfeitos como investimento feito.

Entradas de corrente MC	2x RCA e XLR
Entrada de tensão MC/MM	1x XLR e RCA
Ganho	35 à 70 dB (em incrementos de 5 dB)
Dimensões	440 x 440 x 133 mm
Peso	20 kg

Ele seria um “resgatador” de memórias e emoções perdidas na lembrança. Aquelas que nos fazem gostar ainda mais dos nossos discos, pois resgatam parte do que somos, pensamos e desejamos.

Ele tem a sublime capacidade de nos mostrar que cada música, cada disco que já ouvimos centenas de vezes, como uma obra inacabada, ainda tem muito a nos dizer e surpreender!

PONTOS POSITIVOS

Um pré de phono digno do século 21.

PONTOS NEGATIVOS

O preço.

PRÉ DE PHONO CH PRECISION P1	
Equilíbrio Tonal	14,0
Soundstage	13,0
Textura	14,0
Transientes	14,0
Dinâmica	13,0
Corpo Harmônico	14,0
Organicidade	14,0
Musicalidade	14,0
Total	110,0

VOCAL

ROCK . POP

JAZZ . BLUES

MÚSICA DE CÂMARA

SINFÔNICA

Ferrari Technologies

(11) 5102.2902

US\$ 62.000 (unidade)

Com placa EQ card: US\$ 65.500

**ESTADO
DA ARTE**
SUPERLATIVO





O melhor integrado produzido no Brasil

**A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 SS, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAG.**

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ITLM9GPU9O](https://www.youtube.com/watch?v=ITLM9GPU9O)

TOCA-DISCOS MARK LEVINSON 515

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

“Na audiófilia tudo é possível, só não espere o impossível”, brincava o meu pai com seus poucos amigos audiófilos.

No domínio das impossibilidades, logicamente ele estava falando de valores mais condizentes com a realidade do brasileiro que, naquele tempo pagava suas contas, comia e se vestia recebendo em Cruzeiros. Se os LPs importados já eram exorbitantes, imagine então comprar um toca-discos Thorens, um gravador de rolo Akai, etc.

Aliás, se havia algo que realmente tirava meu pai do sério, era quando falavam da famigerada Reserva de Mercado, e lembravam que uma das promessas do sr Staub para convencer os militares era justamente que uma indústria de áudio nacional forte iria disponibilizar equipamentos mais baratos e com a mesma qualidade. Com o fim da Reserva, vimos o quanto os produtos nacionais estavam defasados em relação ao que se fabricava lá fora, e o quanto os preços estavam superfaturados. Uma indústria que só sobreviveu pela imposição ditatorial da Reserva de Mercado, e que jamais competiu com o que se fazia de melhor lá fora.

Tenho uma excelente história a respeito dessa falsa igualdade. Era permitido a qualquer brasileiro que visitasse a Zona Franca de Manaus trazer 500 dólares (FOB) em equipamentos sem pagar alíquota de imposto. Todo audiófilo que podia, deu um jeito de arrumar “mulas” pagando a passagem de ida e volta para conseguir burlar a reserva de mercado e comprar sistemas decentes. E com o “jeitinho brasileiro” de se conseguir diminuir o valor das notas nas lojas da Zona Franca, e um “cafezinho” aos fiscais nos aeroportos, teve audiófilo que montou um sistema completo em questão de três a quatro viagens.

Tinha um cliente do meu pai que era um defensor da Reserva de Mercado, que achava que o toca-discos RP-II não devia nada aos melhores importados. Um outro audiófilo, também cliente do meu pai, totalmente contrário à Reserva de Mercado, propôs o seguinte desafio: trazer da Zona Franca um toca-discos Thorens TD 160 com braço original Thorens e cápsula Stanton 500, e colocarem lado a lado no sistema do que tinha o RP-II, e chamar seis amigos para

dar o veredicto. Meu pai foi um dos escolhidos para participar dos jurados, e eu fui junto, é claro!

Os discos foram escolhidos a dedo pelos dois donos dos toca-discos, em comum acordo. Eram seis LPs: um de voz feminina (Ella, obviamente), uma voz masculina (Sinatra), uma big band (Count Basie), um piano solo (Arrau), uma sinfonia (Nona de Beethoven), e uma gravação nacional (João Gilberto). Nem o dono do RP-II achou seu toca-discos superior. Como sempre brinco: foi um massacre. Naquele dia, todos saímos convictos de que a Reserva de Mercado havia sido um erro grandioso, pois não era apenas impor ao consumidor o que ele pode ou não comprar - mais grave que isso é dar uma falsa ideia ao fabricante nacional que ele está no mesmo patamar tecnológico do que está sendo fabricado lá fora. Pois quando a reserva acabar, suas chances de competir e sobreviver serão completamente nulas (foi exatamente o que ocorreu).

Desculpe meu desabafo, amigo leitor, mas se tem algo que jamais entendi foi como os militares compraram essa ideia de que proteger a indústria de áudio nacional era assegurar a defesa do estado!

O toca-discos da Mark Levinson é uma daquelas agradáveis surpresas, que dificilmente imaginamos que possam ocorrer até ver o fato concretizado e, depois de ouvir o produto, nos perguntarmos: não poderia ter sido feito antes? Em um mercado aberto à livre concorrência, fusões e parcerias ocorrem aos montes, então nada mais natural que a Mark Levinson, ao decidir que iria produzir seu primeiro toca-discos Hi-End, o fizesse em parceria com um grande fabricante americano de toca-discos: a VPI. Mas todo o processo só se realizou pelo fato da VPI não só comprar a ideia como também aceitar todas as especificações solicitadas pelos engenheiros da Mark Levinson para o projeto do 515.

Ao montar o 515 é que percebemos os cuidados nos detalhes e como a parceria foi positiva. É um belo toca-discos! Possui um motor AC de precisão que aciona o pesado prato totalmente de alumínio, utilizando três correias de borracha. O braço tipo gimbal (e não unipivot, como na maioria dos modelos da VPI) de 12 polegadas é totalmente impresso em 3D e já sai de fábrica equipado com a excelente cápsula Ortofon Cadenza Bronze, uma MC.



Existe a opção de se pedir o toca-discos sem o braço, mas depois de ouvir por dois meses o 515, digo a você que o casamento desse braço com a Cadenza Bronze é o ponto alto do projeto!

A base do toca-discos é feita de MDF de 1/2 polegada de espessura em sanduíche, os pés são feitos em alumínio usinado com almofadas de borracha, muito semelhantes aos pés dos eletrônicos da Mark Levinson. O prato e o rolamento principal são os mesmos utilizados em inúmeros produtos da VPI. O rolamento invertido suporta com larga folga o prato de 5 kg, que é formado à partir de um único tarugo de alumínio, usinado com um grande disco de MDF preso a sua parte inferior com o objetivo de melhorar o amortecimento e diminuir as ressonâncias que possam vir da base onde o toca-discos está assentado.

O topo da carcaça do motor é construído em um sanduíche, como a base. O motor é montado diretamente na camada de alumínio. As laterais da caixa do motor são construídas em alumínio de 0,9 mm de espessura, com a vantagem de que o alumínio não é magnético, não sendo influenciado pelo campo magnético gerado pelo motor.

O design foi baseado no modelo Analog Drive System (ADS) da VPI, mas por questões de custos foi otimizado para um único motor. Os engenheiros da Mark Levinson fizeram questão das três correias, alegando que em testes comparativos com uma única correia, houve uma melhor conexão do motor com o prato e um arrasto mais rápido e preciso. O único inconveniente das três correias é que elas podem sair do lugar se o usuário esquecer de parar o prato completamente, para trocar a rotação. Fiz isso umas quatro vezes até me lembrar que não era conveniente, afinal colocar as correias no lugar pela proximidade não é tarefa para apressados!

O braço do 515 tem algumas características exclusivas que não são utilizadas nos toca-discos da VPI. O contrapeso é exclusivo deste modelo, assim como o headshell, criados em 3D e de uso exclusivo do 515. A grande vantagem, segundo a Mark Levinson, é que este design exclusivo elimina um conjunto de conectores no caminho do sinal (o conector Lemo de quatro pinos entre o braço e a base) de modo que os fios do braço vão diretamente para as tomadas RCA na parte traseira do 515.

Seu braço, na minha opinião, é o melhor de tudo deste toca-discos, e está entre os melhores braços de 12 polegadas que já escutei. Eu o teria em meu toca-discos de referência como segundo braço, se a Mark Levinson o vendesse separado, sem pestanejar.

A cápsula Cadenza Bronze é a segunda na hierarquia da série Cadenza. Ela possui a agulha Replicant 100 e um cantilever cônico de alumínio. A bobina é enrolada com o conceituado fio Aucurum, exclusividade da Ortofon, que é um fio de cobre puro de seis noves folheado a ouro. A Ortofon também informa que esta cápsula inclui o processo FSE, elemento de estabilização de campo para

uma perfeita linearidade durante passagens de crescendo intensos e complexos.

Tivemos a possibilidade de ouvir o 515 com dois excelentes prés de phono: o nosso Boulder 508 e o CH Precision P1 (leia Teste 1 nesta edição), e ainda escutá-lo com dois excelentes prés de linha (Shindo e Leben), além de nosso Sistema de Referência.

Uma coisa precisa ser dita de imediato: é preciso estar muito bem ajustado o braço, e a altura do motor para que as correias encaixem perfeitamente, antes de sair ouvindo as belezas deste toca-discos. Esse trabalho deixei para o amigo e colaborador André Maltese, que sempre gentilmente se desloca de São Paulo à São Roque para a montagem de cada cápsula e toca-discos em teste. Além de ser um apaixonado pelo que faz, ainda tem aquele olhar de surpresa e alegria ao ouvir os resultados do seu trabalho. O Christian Pruks e o Maltese são, de longe, os melhores ajustadores de toca-discos que conheci depois do meu pai. É trabalho de relojoeiro acima de tudo, e precisa, além de ter exímio conhecimento, ser perspicaz para se realizar o ajuste fino do fino. Pois é esse ajuste final que irá possibilitar extrair o último sumo do setup, e o analógico necessita desse preciosismo, pois o casamento braço/cápsula é sempre bastante crítico.

O cabo entre o braço e os prés de phono foi o Feel Different FDIII (leia Teste 4 nesta edição).

Já tinha escutado a Cadenza Bronze em alguns toca-discos e sempre gostei demais de sua assinatura sônica, pela precisão e musicalidade. Ela é uma cápsula que trabalha sempre de maneira relaxada, só mostrando os dentes quando necessário. O que seduz de imediato e nos faz perguntar se realmente precisamos de algo a mais, em matéria de cápsula hi-end. Ela está entre as minhas cápsulas preferidas, e sempre que amigos e leitores me pedem uma cápsula de preço médio, ela sempre está na tríplice escolha. Sua capacidade de ler as “entranhas” dos sulcos é majestosa, no entanto nunca havia notado o quanto ela cresce em todos os quesitos em um braço de 12 polegadas, como este do 515.

O casamento foi literalmente perfeito! Um equilíbrio tonal ainda mais estendido, médios com melhor corpo e camadas e um grave com maior peso e deslocamento de ar.

Muitas vezes escuto discussão sobre a assinatura sônica de determinadas cápsulas como definitivas. Ouço e depois me pergunto será que estavam realmente corretamente ajustadas? Era um braço condizente com as qualidades da cápsula? O pré de phono estava corretamente ajustado para ela? São tantas variáveis em um setup analógico, meu amigo, que muitos não fazem ideia do quanto de paciência e conhecimento são necessários. Principalmente quando se sobe de patamar.

Vou dar um único exemplo. Depois do Maltese ajustar, ligamos o 515 direto no P1, que também estava em teste. Este impressionante pré de phono, de nível superlativo em todos os sentidos, possibilita que o usuário escolha entre as entradas de modo corrente ou tensão (leia mais detalhes no Teste 1). Fomos no mais “descomplicado”, no modo corrente, em que o P1 faz tudo! Ficou espetacular, ouvimos alguns discos juntos, eu e o Maltese, extasiados com a performance, e ele se foi. À noite, me pus a tentar no modo tensão ver se conseguia um “caldinho” a mais. Resumindo, fiquei dois dias debruçado em tentar um resultado melhor e não consegui. Claro, voltei para o modo corrente, que deu um resultado estupendo.

Aí quando voltei nosso toca-discos de referência com a cápsula SoundSmith Hyperion2, fui direto para a entrada de modo corrente e o resultado foi catastrófico, literalmente! A Hyperion 2 tem que ir somente no modo tensão, e a Cadenza somente no modo corrente.

Aí você precisa entender o que aconteceu, se quiser realmente aprender a lição. A SoundSmith é uma cápsula híbrida (nem MM e nem MC), então em modo corrente ficou realmente estranha. Já a Cadenza, ao contrário, por ser uma genuína MC, em modo corrente casou como uma luva! “São demais os mistérios dessa vida”, diria o poeta. E, se tratando de setups analógicos: vivendo e aprendendo sempre!

Voltando ao casamento do braço de 12 polegadas com a Cadenza Bronze, em todos os quesitos da Metodologia ela se saiu muito bem. Como disse, não me lembro de ouvir uma performance tão espetacular desta cápsula com nenhum outro braço de 9 ou 10 polegadas. Li dois testes deste toca-discos publicados lá fora, e ambos os revisores ficaram impressionados com a precisão e a musicalidade. Com essa combinação, como vem de fábrica, o ouvinte só precisa sentar e ouvir todos os seus discos sem nenhum risco de se sentir desapontado. Zero de fadiga auditiva! Um dos revisores até disse que a parte mais difícil do teste era desligar o sistema. Concordo integralmente com ele. Ligado ao P1 da CH Precision, tive um dos três melhores setups analógicos a meu dispor.

Foram centenas de discos revisitados, de todos os gêneros, estilos, discos “ralados” com mais de 40 anos de vida, gravações audiófilas, 33 e 45 RPM, e sempre uma satisfação integral.

Eu sempre lembro aos amigos mais próximos que desejam se aventurar no mundo analógico, que o façam de forma consciente. E busquem montar um setup analógico que seja prático, objetivo e que não precise viver sendo ajustado para extrair o melhor de cada gravação. Os cuidados sejam unicamente com a manutenção dos LPs, assegurando que quando eles forem escutados, estejam limpos, bem limpos.

Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso. Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!



**Cabo de Interconexão
Reference Magic Scope**



**Cabo de caixa acústica
Reference Magic Scope**



**Cabo Digital
Reference Magic Scope**

*A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos.
Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.*

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

O 515 pode ser o toca-discos definitivo do jeito que ele vem de fábrica para 90% dos audiófilos que não abriram mão do analógico e que tem uma relação com o vinil que supera a razão. Perfeitamente ajustado, e com um pré de phono à altura do conjunto cápsula/braço, a satisfação será garantida! ■

ESPECIFICAÇÕES - CÁPSULA ORTOFON	Projeto	Bobina Móvel (Moving Coil, MC)
	Resposta de frequência	20Hz - 20kHz (+/- 1,5 dB)
	Saída	0,4 mV
	Impedância de carga	50 - 200 Ohms
	Impedância interna	5 Ohms
	Separação de canais	24 db @ 1 kHz
	Equilíbrio entre canais	1,0 db @ 1kHz
	Força de trilhagem	2,2 - 2,7 g
	Peso	10,7 g

ESPECIFICAÇÕES	Projeto	Acionado por correia com motor síncrono AC
	Velocidades	33-1/3 e 45 RPM
	Braço	3D impresso, gimbal
	Wow & flutter	<0,1%
	Rumble	<85 dB
	Sinal/ruído	-73 db
	Dimensões (L x A x P)	533 x 200 x 404 mm
	Peso	26 kg (líquido), 34 kg (embalado)

PONTOS POSITIVOS

Excelente toca-discos em termos de construção e performance.

PONTOS NEGATIVOS

Os cuidados em parar o prato para trocar de rotação, e um certo ruído intermitente do motor (que não conseguimos detectar o motivo - passava dias sem, depois voltava).

TOCA-DISCOS MARK LEVINSON 515 COM CÁPSULA ORTOFON CADENZA BRONZE	
Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,5
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	13,0
Total	96,5
VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

AV Group
contato@avgroup.com.br
(11) 97959.5047
R\$ 79.000

**ESTADO
DA ARTE**





ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=895SR1OXRAM](https://www.youtube.com/watch?v=895SR1OXRAM)

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H120

 **Juan Lourenço**
revista@clubedoaudio.com.br

A Mediagear nos trouxe um exemplar do amplificador integrado Hegel H120, o substituto do Hegel Rost. Como é costume com os produtos Hegel, o seu custo/benefício é matador, e com o Rost a Hegel foi um pouco além, colocando em uma caixa minimalista um conjunto de muito bom nível com a amplificação, etapa de pré e DAC em patamares semelhantes.

Com o H120, sucessor natural do Hegel Rost, a empresa mantém a proposta iniciada com ele, adicionando pequenas melhorias ao que já era muito bom.

Seguindo o design atualizado da Hegel com o novo visor OLED, saída para fone de ouvido de 6,3 mm, e novo botão liga/desliga de acionamento rápido localizado abaixo do visor, a empresa mantém seus produtos quase que intocados, mantendo a tradição de que em time que está ganhando não se mexe.

No painel traseiro há dois pares de entradas (RCA) e um par de entradas balanceadas (XLR), e um par de saídas pré (RCA) variáveis.

Qualquer uma das entradas analógicas pode ser configurada como “bypass” para home-theater. As entradas digitais começam por três óticas TosLink, uma coaxial S/PDIF, uma porta Ethernet e uma USB Tipo-B.

Os bornes de caixa são postos em U, com os negativos mais para dentro que os positivos. Não sei se, isto é, por falta de espaço interno, mas não ajuda em nada quando falamos de cabos de caixa mais rígidos.

O H120 possui duas fontes de alimentação e dois transformadores toroidais. Ou seja, a amplificação da sessão de power, com seus 75 W por canal em 8 ohms, é totalmente separada da alimentação do DAC e do pré-amplificador - algo que é visto apenas nos amplificadores topo de linha. O fator de amortecimento de mais de 2000 já virou regra e não seria diferente no H120 já que ele também herdou a tecnologia SoundEngine2, que utiliza um “computador analógico” para inserir um sinal de correção no circuito em cada



estágio de amplificação, antes que o sinal seja amplificado pelo próximo estágio, cancelando distorções.

O DAC do H120 é idêntico ao do H190, com o mesmo chip AK4490 da AKM, cercado por fontes de alimentação melhores, circuitos balanceados revisados e mais sofisticados, trazendo mais refinamento ao conjunto digital e se equiparando ao restante do aparelho. Sabemos que nos sistemas integrados modernos que possuem DAC, este é sempre o calcanhar de Aquiles, ficando alguns passos atrás da amplificação e não restando nada que o pré possa fazer a respeito. No Hegel H120, essa distância cai a níveis ínfimos, passando a ter um custo/benefício realmente atraente, pois em termos de qualidade sonora seu DAC demorará mais para se tornar obsoleto, já que está muito próximo do desempenho sonoro do conjunto analógico.

Como nem tudo são flores, e como manda o velho jargão “não existe almoço grátis”, a Hegel não apostou nas novas tendências digitais, como DSD, deixando de fora também o MQA e o acesso ao Roon como “end point”. Em minha opinião, um erro grotesco que já deveriam ter aprendido lá no lançamento do DAC HD30, que é um aparelho maravilhoso de pontuação altíssima, mas que ficou fora da lista de compras de muitos audiófilos que viram em seus concorrentes maiores possibilidades, pois estes já traziam tais recursos que a Hegel insiste em fazer de conta que é uma modinha passageira. O resultado é um aparelho formidável que só os poucos puristas do áudio, os que ligam para o resultado sonoro, e os menos preguiçosos, vão se interessar. Voltando ao H120 que também não possui tais recursos, o atrativo fica por conta do Airplay, Spotify Connect, IP Control, Control 4 e streaming via UPnP, que não é ruim quando utilizado com aplicativos como MConnect ou Bubble UPnP.

O controle remoto é o mesmo que acompanha todos os produtos Hegel, mas o código de operação é diferente - apenas alguns botões são compartilhados entre os aparelhos, como os botões que comandam PC e o botão que desliga a tela.

O H120 vem configurado para desligar após 10 minutos de inatividade, ou em volumes muito baixos. É possível desativar a função

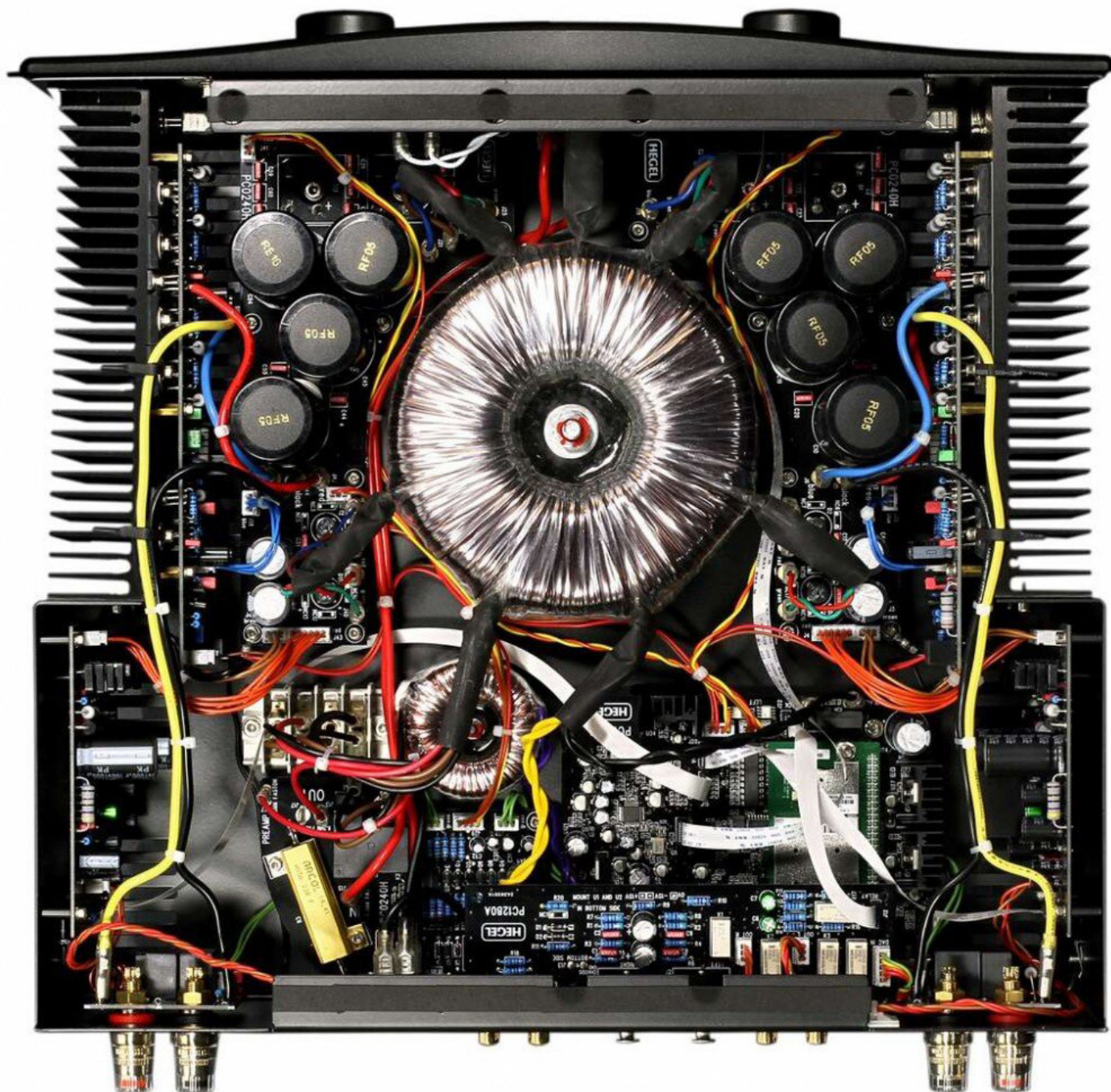
de espera pressionando o botão de play PC no controle remoto por 5 segundos, acessando o menu e a função “sleep”. O volume de entrada que vem de fábrica em “20” também pode ser configurado, e assim toda vez que aparelho for ligado o volume estará na sua intensidade preferida.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos ligados ao amplificador integrado Hegel H120. Fontes: Innuos ZENmini 3 com fonte externa, e o próprio streamer interno do H120, e o DAC Hegel HD30. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Lab Illusion, e Quintessence Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence, e Reference Magic Scope RCA e Coaxial digital, Sax Soul Cables Zafira III XLR, Curious USB, Sunrise Lab Quintessence USB. Cabos de caixa: Sunrise Lab Quintessence, e Reference Magic Scope. Fones de ouvido: Sennheiser HD 700 e HD 800, e Grado Labs The Prestige SR125e. Caixas acústicas: Dynaudio Emit M30, Q Acoustics 3020i, e Neat Ultimatum XL6.

O Hegel H120 veio lacrado, e retirá-lo da caixa dupla é bastante fácil já que o aparelho fica apoiado em duas plataformas de espuma de polietileno. Abaixo dele fica a caixa contendo manual do proprietário, controle remoto, pilhas e cabo de alimentação.

Ao iniciar as audições, logo percebemos que este não era um Hegel como os outros com a sonoridade que estava acostumado a ouvir. Havia algo de diferente nele, que pensei ser coisa de amaciamento, mas não: após 300 horas de amaciamento confirmamos que o Hegel H120 saía um pouco do padrão dos aparelhos de entrada da marca, acrescentando algo que, no início, parecia uma pitada de calor em sua assinatura sônica, mais precisamente no médio-grave. Com isto, a transição entre a região grave - passando pelo médio-grave - e a região média, que nos Hegels era extremamente clara, limpa e cirúrgica, quase etérea de tão cheia de harmônicos, que tomou o mercado de assalto, no H120 era mais líquida, com uma apresentação mais simplista, no bom sentido. No H120 a clareza estava lá, a folga e os timbres corretos também, mas ele trazia no equilíbrio tonal uma leitura da música mais voltada para o todo, e



não era o Hegel com vozes encantadoras e transientes matadores de antes, era o Hegel que apresentava o todo de forma bastante uniforme com um relaxamento em todo o espectro auditivo. Até então conseguia isto gastando duas vezes o valor do aparelho em cabos, então comecei a revisar todos os discos que tinha à mão buscando entender aquela sonoridade.

Vieram os discos Bridges da Dianne Reeves, Below the Fold de Otis Taylor, Black Light Syndrome de Bozzio Levin Stevens, Color of Soil de Tiger Okoshi, e tantos outros discos que ajudaram a dar um sentido para aquilo que ouvíamos.

Não era um calor na região médio-grave, não se tratava de um erro no projeto ou algo do tipo. Era uma folga e uma riqueza tímbrica ainda maior em todas as regiões, que fazia com que o equilíbrio tonal não pendesse para cima como se tudo estivesse um semitom acima. Não que os Hegels tivessem esta característica, mas eles andavam no fio da navalha neste quesito. O que é fantástico para os modelos topo de linha, pois geralmente são acompanhados de cabos e fontes realmente hi-end, que custam até 3 vezes o seu valor e muita experiência de seu proprietário para sacar as necessidades do sistema e remanejar cabos, etc. Mas nos modelos mais abaixo, ►



exigia os dois níveis do Curso de Percepção Auditiva, e mais alguns anos de bagagem, para não ficar na corda bamba e se frustrar com o aparelho, já que na audiófilia é muito fácil perder a mão e desfigurar todo o sistema.

Trocando em miúdos, com o equilíbrio tonal mais correto o aparelho fica mais amigável com cabeamentos que tenham sonoridades e filosofias de projeto diferentes. Algo semelhante ao que a tecnologia SoundEngine2 faz com caixas acústicas, ignorando um pouco de suas manias, pouco se importando com o quão pesada é a bobina de falante, controlando-a da melhor maneira possível. Este equilíbrio tonal, puxando mais para baixo, não é uma aberração, ele está presente nos equipamentos Estado da Arte alto mais modernos, fazendo com que o aparelho reaja melhor à combinações de cabos e equipamentos, dando mais folga para o streamer de áudio e fontes que tendem a sofrer de “digitalite”, como os PC Áudio que costumam ser bastante analíticos neste ponto, e de quebra ganhamos uma apresentação musical mais alinhada com as novas tendências da audiófilia, que vem buscando cada vez mais naturalidade, simplicidade (no bom sentido) na apresentação sem deixarem de ser reveladores, só que agora é o todo que chama a atenção, e não um sino na música que soa maior que um violoncelo.

Um bom exemplo é Colour to the Moon (feat. Chris Jones, Beo Brockhausen, Hans-Joerg Maucksch) onde a frequência que dá início à música em alguns sistemas soa maior que o próprio violão. No H120, a folga dele é tanta que a frequência mantém seu tamanho

pequeno e assim segue até findar-se, mesmo com as variações de intensidade da mesma.

No solo de contrabaixo do disco Car Désespérée (Live), de Cécile Verny Quartet, fica bastante evidente como o H120 lida com as intencionalidades. Ele não faz concessões tirando um pouco do tamanho dos pratos para trazer a pujança do baixo, ele não tira o brilho dos assobios da Cecile para dar textura à manobra de espelho do contrabaixista, nem sacrifica a dinâmica e intensidade dos falsetes da cantora para lhe entregar um gritinho que não assusta. O mesmo se aplica ao Joe Zawinul, disco Brown Street, disco 2 faixa 1: uma pedra e tanto com um naipe de metais vigoroso, um contrabaixo elétrico rápido e vigoroso extremamente bem digitado, mas que em meio à tantos instrumentos e um saxofone em evidência, alguns aparelhos precisam fazer alguma concessão para que o baixo elétrico não desapareça. Com o H120 não tem “mel de açúcar”: a folga e o equilíbrio tonal refinado não escondem o baixista, muito menos abala o ritmo das pausas do baterista que utiliza até o último milissegundo da pausa para soltar a baqueta na pele. Observem que no início da música, o baterista segue um ritmo mais cadenciado e as pausas são normais, mas lá pelo meio da música, quando acontece o primeiro refrão dos metais, e o baixista pega fogo, o baterista passa a dar um pelo a mais na pausa antes da batida na pele. O Rost, neste quesito dava umas bambeadas, hora dando muita ênfase para o baixista, hora ao baterista, os dois nunca ficavam cada um no seu quadrado, era como uma competição interna.

CONCLUSÃO

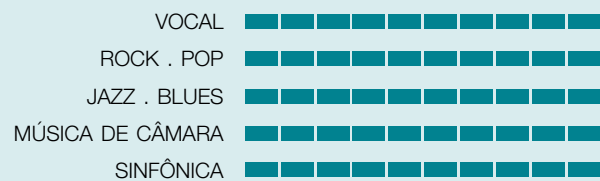
Potência de saída	2x 75 W em 8 Ω
Carga mínima	2 Ω
Entradas analógicas	1x balanceada (XLR), 2x RCA
Entradas digitais	1x coaxial (RCA), 3x óticas, 1x USB, 1x Ethernet
Saída de linha	1x RCA variável
Resposta de frequência	5 Hz à 100 kHz
Relação sinal/ruído	>100 dB
Crosstalk	<-100 dB
Distorção	<0.01% @ 50 W / 8 Ω / 1 kHz
Intermodulação	<0.01% (19 kHz + 20 kHz)
Fator de amortecimento	>2000
Dimensões (L x A x P) (incluindo os pés)	43 x 10 x 31 cm
Peso	12 kg (embalado)

PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H120

Equilíbrio Tonal	11,5
Soundstage	11,0
Textura	11,5
Transientes	11,0
Dinâmica	10,5
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	10,5
Musicalidade	11,5
Total	88,5



Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 24.355

ESTADO DA ARTE





CABO ANALÓGICO FEEL DIFFERENT FDIII RCA

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

O Junior, da Feel Different, foi muito gentil por, além de nos fornecer um set completo de seus cabos para teste da geração FDIII, disponibilizou também dois pares de RCA - um com plug WBT 0144 e outro com o Supra PPX - para ouvirmos se haveria diferenças entre ambos.

Como tivemos quatro meses com os cabos, foi possível fazer inúmeras observações em diversos equipamentos, além de fazer o ideal: ouvir o set completo (RCA, caixa, força, coaxial e USB). Se os importadores e fabricantes soubessem o quanto isso facilita nossa vida e possibilita testes mais criteriosos, seria excelente. Pois nem sempre os cabos enviados individualmente casam com os cabos utilizados como referência, complicando demais para serem avaliados. Ao contrário de inúmeros revisores pelo mundo, que não gostam de testar cabos, eu gosto e muito! Pois é possível (assim como caixas e componentes eletrônicos), entender o que o projetista estava buscando e a maneira com que ele procura soluções para o seu gosto pessoal.

Hoje o mercado de cabos tem duas vertentes muito claras e distintas: a do fabricante que atingiu um nível de qualidade e reconhecimento que o possibilita fazer em grande escala seus produtos, e o fabricante que têm à disposição matéria prima de qualidade, conhecimento e ousadia suficiente, para desenvolver seus produtos de forma artesanal. E ir galgando respeito e interesse pelos seus cabos, de forma gradual.

Nós, editorialmente, nunca tivemos nenhum preconceito e sempre fomos abertos a receber e testar tudo que nos é enviado. Com cabos “artesaniais”, já escrevi algumas vezes que nosso cuidado é bem rigoroso, pois o fabricante tem que nos provar que consegue “replicar” o produto que nos foi enviado para teste. Caso não consiga, abortamos o teste. Já tivemos que fazer isso algumas vezes, infelizmente. Também tivemos o “dissabor” de saber pelos nossos leitores de alguns casos de produtos por nós testados, que o exemplar comprado não possuía o mesmo grau de qualidade do enviado para teste. Quando esses fatos são constatados, cortamos total relação ►

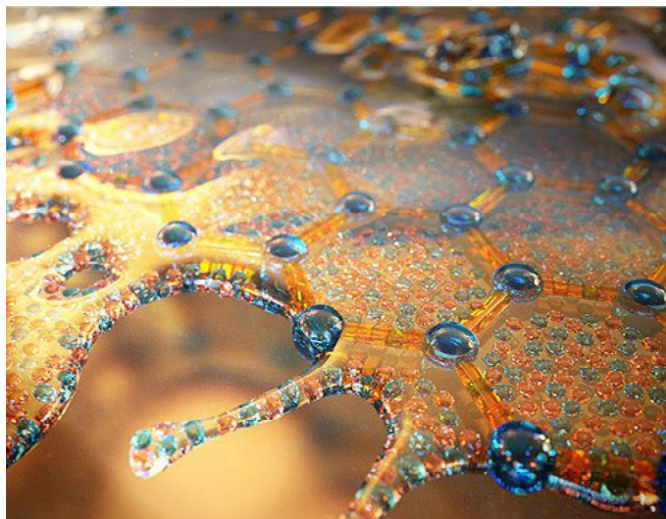
com este fabricante, impedindo-o até de anunciar. Pois uma coisa é o fabricante “artesanal” ter dificuldade em manter a matéria prima utilizada em seu produto, já que depende de terceiros - porém neste caso, cabe ao fabricante desenvolver alternativas ou tirar aquele produto de mercado. Agora, não informar ao mercado, desculpe: isso se trata de má fé. E isso não perdoamos nunca.

Em um mundo conectado em tempo real, todas as informações (boas ou ruins), circulam instantaneamente, fazendo com que tudo seja “exposto” em um estalar dos dedos. É por isso que pedimos aos importadores de cabos que os produtos enviados sejam disponibilizados pelo maior tempo possível, assim podemos avaliá-los em todas as opções possíveis, antes de publicarmos os resultados.

Cabos dão trabalho, mas também é bastante gratificante quando pegamos exemplares com excelente performance e alta compatibilidade. Este foi o caso do cabo RCA FDIII. Assim como o cabo de caixa (leia teste na edição 265 de agosto de 2020), gostamos muito por todas as suas qualidades evidentes, alta compatibilidade e o mais importante: sua assinatura sônica ser a mesma que o de caixa. Comprovando a eficácia e consistência no desenvolvimento do projeto.

A construção do RCA FDIII é padrão industrial, não lembrando em nada que cada cabo seja feito manualmente, um a um. Mérito ao Junior pelo seu profissionalismo e perfeccionismo!

Como em toda a série, os condutores de cobre são OFC (na proporção de 99 a 89 % de pureza), prata 98%, e banho de ródio e grafeno (americano). Bitola de 5 mm, geometria de trança, e opção de conectores WBT ou Supra - ambos conectores de cobre puro, banhados com ouro e isolados com teflon. A blindagem é dupla, sendo uma com teflon. Os cabos enviados tinham 1 m de comprimento.



Grafeno

Depois de totalmente amaciados (200 horas), foram utilizados em conjunto ou separados para entendermos seu grau de compatibilidade com nossos cabos de referência, mas para fechamento de nota utilizamos no set completo FDIII (caixa, força, interconexão e digital), em nosso Sistema de Referência. Quando usados juntos, buscamos utilizar os dois RCA, um entre a fonte e o pré de linha, e um entre nosso pré de referência e os powers.

Também foram utilizados nos prés da Shindo (leia Teste 1 edição de agosto de 2020), no pré da Leben (leia teste na edição de outubro de 2020), e no pré de phono da CH Precision P1 (leia Teste 1 nesta edição). Porém, a grande surpresa foi o uso do FDIII entre o toca-discos Mark Levinson (leia Teste 2 nesta edição) e os prés de phono - tanto CH Precision P1 quanto o nosso Boulder 508, com resultados impressionantes!

O RCA FDIII, seja com plug WBT ou Supra, tem um equilíbrio tonal muito correto. Nada espirra ou destoa dentro do espectro audível. Acharmos que o WBT possui um “ar” a mais em termos de reprodução de ambiências, e um decaimento ainda mais extenso, mas essa diferença só foi notada em nosso Sistema de Referência e com o pré de phono P1. Nos outros prés de linha testados, e no nosso pré de phono Boulder, soaram idênticos!

Ouvindo entre o toca-discos Mark Levinson e os dois prés de phono, a beleza do foco, recorte, altura, largura e profundidade, são encantadores.

Para ouvir música clássica, não consigo imaginar um cabo de interconexão melhor (principalmente ao lembrarmos de quanto ele custa). Para o leitor ter ideia, fechamos a nota do toca-discos usando o FDIII. tamanho o grau de sinergia e refinamento.

Para sistemas analógicos Estado da Arte não imagino cabo mais adequado em sua faixa de preço. Isso fala muito do quanto ele nos impressionou.

Suas texturas são refinadas, com uma capacidade de recriar as várias paletas de cores e intensidades de forma magistral. Ouvi os cinco LPs que publiquei no Playlist deste mês com o FDIII, e ligado ao P1 tive o prazer de ouvir detalhes de texturas nunca antes percebidas! Principalmente nas percussões do LP Shakti (leia Playlist desta edição), sendo possível sentir a quantidade de energia empregada nos dedos e no abafamento da pele! Neste mesmo disco a precisão dos transientes do violão e do violino são capazes de nos levar a prestar a atenção em cada nota sem perdermos o todo, deixando o ritmo fluir em nossas mentes livremente.

Sempre lembro aos participantes do Curso de Percepção Auditiva, que os transientes precisos fazem com que o andamento seja observado simultaneamente com a melodia sem no entanto nos desviar do todo, pois se os transientes não forem precisos, sempre nossa mente é desviada para tentar entender o que foi que aconteceu. ►

DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL

Querem saber se os transientes do seu sistema estão corretos? Escutem o disco solo de estréia do baterista Vinnie Colaiuta, de 1994. Ele deita e rola com a mudança de andamento no meio da música, quebrando todo o ritmo. Se o seu sistema for ruim de transientes, seu cérebro dará um nó, meu amigo, literalmente! Lembro de mostrar sempre este exemplo nos Cursos, ao apresentar a importância dos transientes. Nos sistemas em que este quesito é falho, os participantes descrevem o fenômeno como um engasgo, ou como se tivesse perdido algo da passagem de tempo.

É muito elucidativo ver como os participantes reagem a esses exemplos, pois é interessante como é muito mais fácil para todos entenderem as diferenças de transientes, macrodinâmica, ambiência e corpo harmônico. E o quanto é mais difícil observar as diferenças de equilíbrio tonal e texturas. Pois esses dois quesitos dependem de referências de música ao vivo não amplificada, e por longos anos. E muitos audiófilos se negam a entender isso, achando que ouvindo música reproduzida eletronicamente em seus sistemas irão adquirir este grau de referência.

Desculpem, mas não vão!

Se o sujeito não consegue ver a diferença entre um violino e uma viola, um oboé e um corne inglês e um piano Bosendorfer e um Yamaha, não será em seu sistema que ele irá aprender e memorizar em seu hipocampo as diferenças de timbre. E sem essa referência, jamais se conseguirá ajustar corretamente sistema algum. Ninguém se torna um enólogo apenas por ter um bom olfato e paladar - o mesmo ocorre na audiofilia: seu sistema auditivo é apenas o primeiro ato, nada mais que isso.

Em termos de dinâmica, tanto a micro como a macro são apresentados de forma precisa pelo FDIII. Gostei muito do silêncio de fundo, que como no cabo de caixa permite ao ouvinte ouvir com enorme inteligibilidade as nuances mais sutis. Pode parecer bobagem, mas nosso cérebro tem uma capacidade de perceber imediatamente se o que estamos a escutar é real ou não. E se o propósito é enganar nosso cérebro em última instância, o cabo que fará essa "ponte" entre ele e o sistema, tem que ter essa qualidade. E o FDIII, cumpre com qualidade essa difícil missão.



O corpo harmônico é excelente. Isso foi comprovado em diversos LPs, tanto com pequenos grupos, como em obras sinfônicas. Com um detalhe: como o foco e recorte é exuberante, os solistas em gravação que o microfone captou com precisão o tamanho do instrumento, ficam ainda mais presentes e holográficos - o que também só aprimora ainda mais a sensação de materialização física do acontecimento musical: organicidade.

CONCLUSÃO

O FDIII custa menos de 1.500 dólares, e concorre com cabos importados que custam de 3.000 a 5.000 dólares! Em dias tão bicudos, este é o melhor argumento para quem necessita de um cabo Estado da Arte Superlativo para o seu sistema.

Mas ele não é apenas a melhor opção pelo seu custo. O é também pela sua performance impecável, coerente e precisa. E junte-se a este pacote tentador seu grau de compatibilidade, e os argumentos estão todos na mesa.

Se o leitor deseja ter em seu sistema Estado da Arte um cabo com essas qualidades, ouça-o.

Não tem como se desapontar, acredite!

ESPECIFICAÇÕES	Condutores	Cobre 99% OFC, cobre 89% OFC, prata 98%, ródio (ba-nho), grafeno (americano)
	Bitola	2,5 mm
	Geometria	Trança
	Metragem padrão	1 metro
	Conexão	WBT 0144/SUPRA PPX (Conectores de cobre puro, banhados com ouro e isolados com teflon)
	Blindagens	Duas - Sendo uma delas teflon

PONTOS POSITIVOS

Uma relação custo/performance difícil de bater.

PONTOS NEGATIVOS

Nenhum.

CABO ANALÓGICO FEEL DIFFERENT FDIII RCA

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	13,0
Textura	12,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	13,0
Total	100,0

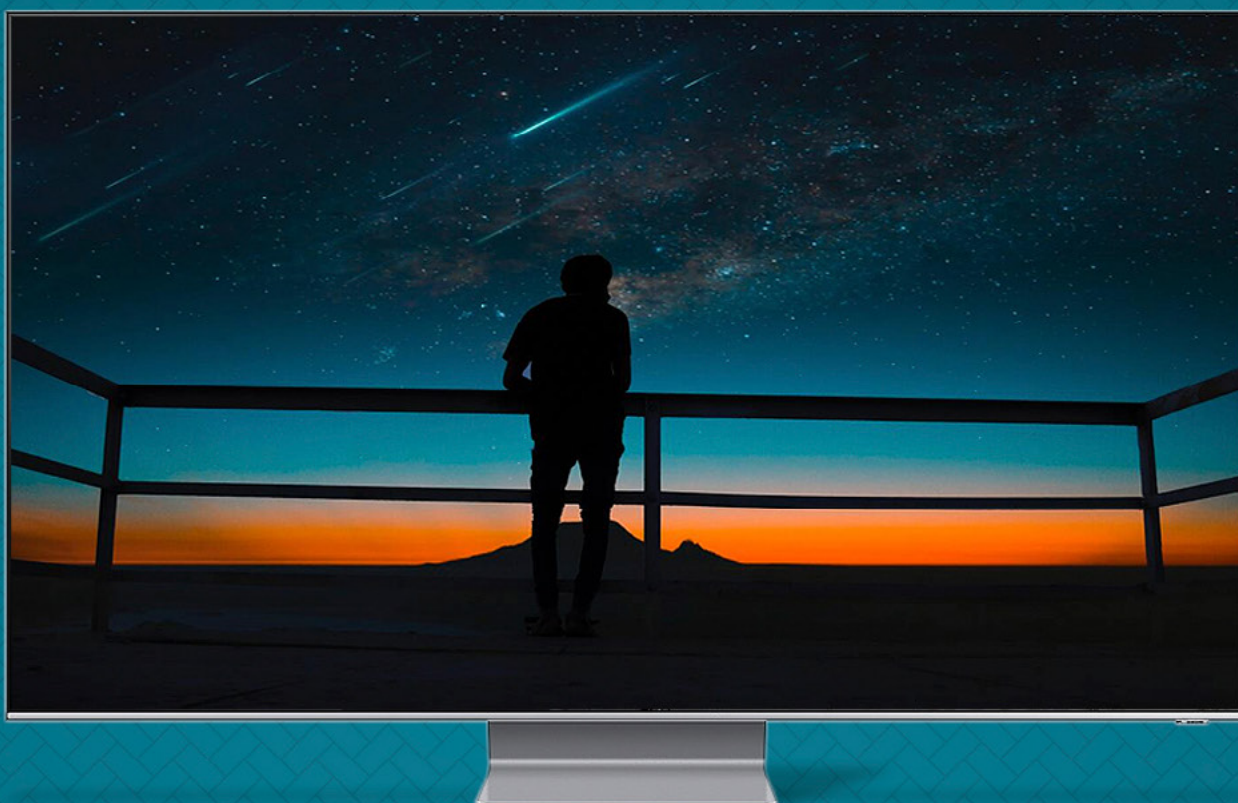
VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

Feel Different
21 99143.4227
R\$ 6.450 (par)

**ESTADO
DA ARTE**
SUPERLATIVO



TESTE
1
VIDEO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XN88-1LPNRO](https://www.youtube.com/watch?v=XN88-1LPNRO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IVWLK_ZKAOI](https://www.youtube.com/watch?v=IVWLK_ZKAOI)

TV SAMSUNG 8K 65Q800T

 **Jean Rothman**
revista@clubedoaudio.com.br

Com o lançamento da Q800T, a Samsung aproxima as TVs 8K dos consumidores. Com valores mais acessíveis que o modelo topo de linha, 950TS, seu preço pode ser um dos bons argumentos para ter uma TV 8K em sua casa, e está disponível nos tamanhos 65, 75 e 82 polegadas.

Embora a Samsung não esteja sozinha em sua convicção de que já vale a pena comprar TVs 8K, ela é certamente mais agressiva do que qualquer outra marca em transformar essa convicção em produtos disponíveis comercialmente.

Relembrando o que escrevi ano passado no teste da Q900 8K: quando as primeiras TVs UHD 4K foram lançadas, os comentários mais comuns eram: “Full HD já é muito bom, não vai fazer diferença” ou “para que comprar uma TV 4K se não há conteúdo disponível?”. E hoje em dia temos uma grande disponibilidade de mídias e serviços de streaming em 4K, e vemos que a maioria dos consumidores que vão às lojas adquirir uma TV nem quer mais saber de TVs Full

HD, só querem modelos 4K. Tudo indica que assim que começarem as transmissões 8K por streaming, este será o novo padrão - ao menos em TVs de telas grandes, 65” e acima.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A Q800T possui moldura elegante e fina, mas não tão fina como a Q950TS. A parte traseira é plana e possui suporte montado em sua parte central, bem robusto e com bonito acabamento. O suporte central permite instalar a TV sobre móveis mais estreitos do que as com pés separados. O design do suporte deixa espaço livre suficiente para acomodar um soundbar sob a TV.

A Samsung optou por não incluir o One Connect ou suporte No-Gap, e pode ser montada na parede usando um suporte padrão VESA. O controle remoto é o já conhecido e excelente controle único com corpo em alumínio e teclas específicas para acesso direto Netflix, Amazon Prime e Globoplay. Consegue controlar ►



praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento por comandos de voz através do Bixby, assistente de voz da Samsung, além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon).

As conexões são feitas em sua parte traseira: 4 entradas HDMI, sendo uma com ARC (Audio Return Channel), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. E também possui conexão bluetooth para fones de ouvido, teclados e outros.

Seu painel é QLED que utiliza pontos quânticos para aprimorar as cores e oferecer mais brilho. A iluminação direta (Full Array Local Dimming ou FALD), através de LEDs conta com estimadas 220 zonas de dimerização local, e 2.000 nits de pico de brilho máximo em HDR.

RECURSOS

A Samsung Q800T utiliza plataforma Tizen. Sua interface continua excelente, com rápido acesso às fontes conectadas nas entradas HDMI, e também aos aplicativos instalados. Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Vídeo, Apple TV, Tune In, Spotify e Deezer. Está previsto para estrear em novembro de 2020 o novo canal de filmes Disney Plus, cujo aplicativo estará disponível nas TVs Samsung. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone ou espelhar o conteúdo da tela diretamente para a TV.

A Q800T oferece suporte a conteúdo HDR10+ com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem. O processador de imagens é o Quantum 8K com recursos de Inteligência Artificial que fazem o upscaling e aperfeiçoam a resolução de qualquer conteúdo para a qualidade próxima da 8K. Ela possui um sensor de luminosidade que adapta automaticamente o brilho da imagem às condições de luminosidade do ambiente.

A proteção anti-reflexo é muito boa, assim como o ângulo de visão, muito melhor do que as TVs convencionais LCD/LED. A Q800T possui o modo ambiente 3.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente fazendo a TV combinar com o seu espaço através de texturas pré-definidas ou tirando uma foto da parede de sua sala, e a TV irá se adequar à sua decoração.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular. Além disso, o app



BOENICKE
audio

Basel | Switzerland | Since 1999

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

Para os que desejam ir além



W13



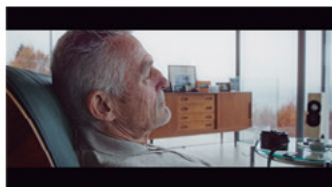
W11



W8



W5



Clique aqui e saiba mais sobre
a Boenicke Audio.

german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br

contato@germanaudio.com.br



SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Outra novidade é o Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung, que permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela, para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

Uma das entradas HDMI, já no padrão 2.1, suporta games 4K com taxa de atualização variável (VRR) e tecnologia FreeSync.

ÁUDIO

A Samsung este ano inova com uma tecnologia chamada de Som em Movimento, utilizando alto-falantes espalhados pela tela que acompanham o movimento das cenas. Além disto, utilizando-se o novo Soundbar Samsung, ao invés dos falantes internos ficarem desligados, eles passam a fazer parte do conjunto. O som do Soundbar é somado aos alto-falantes da TV e todos trabalham em conjunto para uma melhor experiência sonora.

QUALIDADE DE IMAGEM

Como a tecnologia 8K é relativamente nova, reproduzo abaixo trecho de nosso teste da Q900T (leia na edição 250) sobre a resolução das TVs 8K.

Podemos notar a diferença entre 4K e 8K em uma tela de 65 polegadas?

Os críticos debateram se o olho humano pode ver a diferença entre HD e 4K em tamanhos de tela abaixo de 65 polegadas, e as apostas são ainda maiores para 8K. O 8K realmente pode oferecer uma diferença visível em uma tela menor que 85 polegadas? A Sociedade de Engenheiros de Cinema e Televisão (SMPTE) e a emissora japonesa NHK dizem que podemos. De acordo com um

relatório do SMPTE, a resolução de 8K é onde a TV atende às limitações do olho humano, e não 4K, como muitos sugerem.

A NHK apóia essa afirmação, apontando para um estudo conduzido em que os espectadores analisaram as mesmas imagens em uma TV 4K e 8K do mesmo tamanho e em tamanhos variados. As imagens eram de objetos cotidianos, como um vaso com flores, e os participantes foram convidados a identificar qual imagem se parecia mais com o que eles vêem na vida real. A evidência foi esmagadoramente em favor do 8K. Os participantes escolheram a versão 8K todas as vezes.



O painel 8K da Samsung Q800T mostra pixels realmente minúsculos. É necessário aproximar o rosto a um palmo para notá-los. São 4 vezes mais pontos que as TVs 4K e 16 vezes mais que Full HD.

A Samsung introduziu em 2020 um novo componente de “aprendizado profundo” (deep learning) em seu processamento de imagens de Inteligência Artificial que permitiu a construção de um banco de dados muito maior e eficaz para reconhecimento de imagens ao fazer o upscaling para 8K. Os resultados são surpreendentemente, mesmo com fontes HD. A eficácia com a qual o processador 8K da Samsung adiciona 31 milhões de pixels extras às imagens HD, eliminando simultaneamente o ruído da imagem original é fenomenal.

Os cliques gravados em 8K são de um detalhamento e riqueza de detalhes impressionantes. Temos a sensação de ver o mundo com uma lupa. O nível de preto é muito bom, graças ao sistema de iluminação direta e dimerização por zonas (full array local dimming). O vazamento de luz entre áreas brancas e escuras é mínimo e não chega a incomodar. Por outro lado, a dimerização por zonas é um pouco agressiva e pode retirar alguns detalhes de sombras ou áreas muito escuras.

Após a calibração da TV utilizando nosso equipamento, o contraste ficou excelente e as cores lindas. Vivas, naturais e com saturação exata, sem pender para o exagero, sempre mantendo uma naturalidade incrível.

Com mídias HDR a Q800T, aumenta ainda mais o impacto e dinamismo das imagens. Além disso, como a Q800T pode ser muito mais brilhante do que a maioria das TVs, ela mantém mais detalhes do que a maioria dos rivais nas partes mais brilhantes de conteúdo HDR.

É inegável que imagens 8K, com seus 33 milhões de pontos, apresentam uma resolução e detalhamento incríveis. Também tem brilho de sobra para uso em ambientes muito iluminados. E que venham logo as transmissões em 8K! ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Clips 8K: Pendrive fornecido pela Samsung
- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR

- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital

ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	10
Acabamento	10
Características de Instalação	10
Controle Remoto	09
Recursos	12
Automação e Conectividade	11
Qualidade de Imagem em SD	12
Qualidade de Imagem em HD e UHD	14
Qualidade de Áudio	08
Consumo e Aquecimento	10
Total	106

Samsung
www.samsung.com.br
 Preços sugeridos:
 QLED 8K Q800T 65": R\$ 17.999
 QLED 8K Q800T 75": R\$ 26.999
 QLED 8K Q800T 82": R\$ 64.999

**ESTADO
DA ARTE**
SUPERLATIVO



TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

Jean Rothman

A TV Samsung Q800T possui 4 padrões de imagem pré-definidos: Dinâmico, Standard, Natural e Movie.

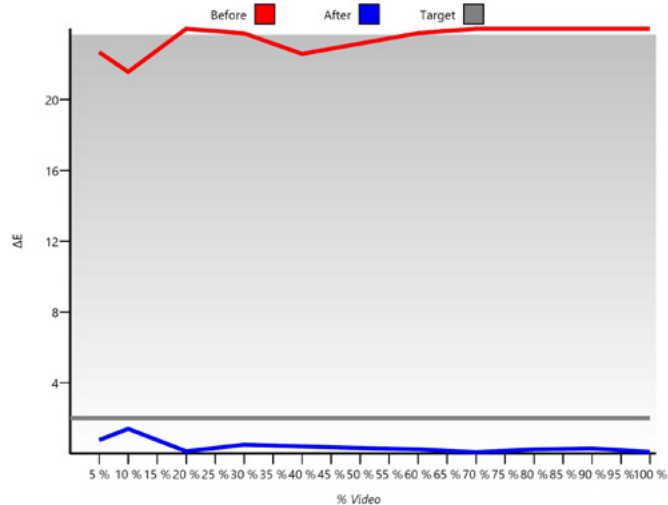
O modo “Dinâmico” tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes. Tonalidade semelhante foi obtida nos modos “Standard” e “Natural”.

O modo “Movie” esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições fazendo a calibração para 6.500K.

O controle “backlight” foi ajustado para uma luminosidade de 35fL (Foot Lambert, unidade de luminância) em ambiente escuro.

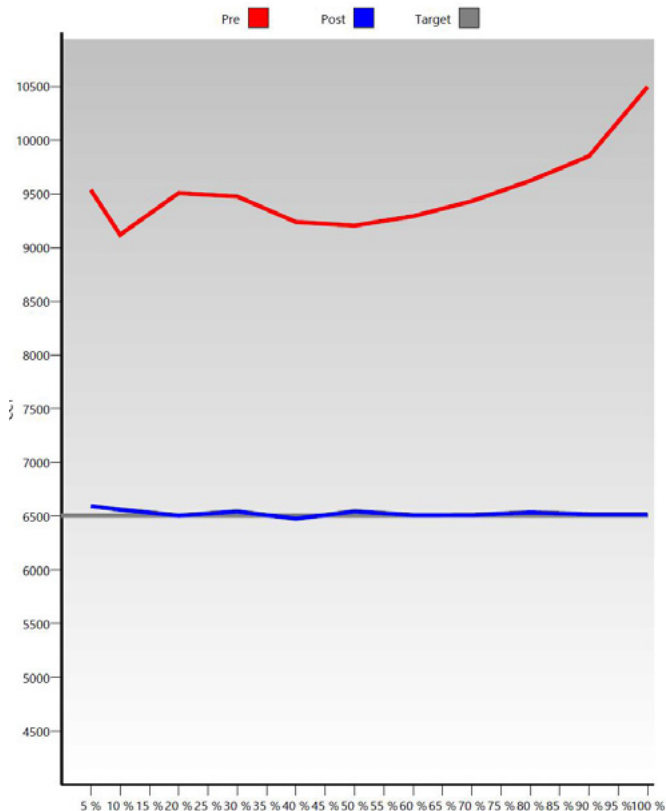
Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 24.1, e o maior dE individual de 26.8 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra - abaixo de 3 é considerado visualmente indistinguível do resultado ideal). Após a calibração obtivemos um dE médio de 0.4, excepcional resultado demonstrando excelente linearidade na escala de tons de cinza.

Grayscale



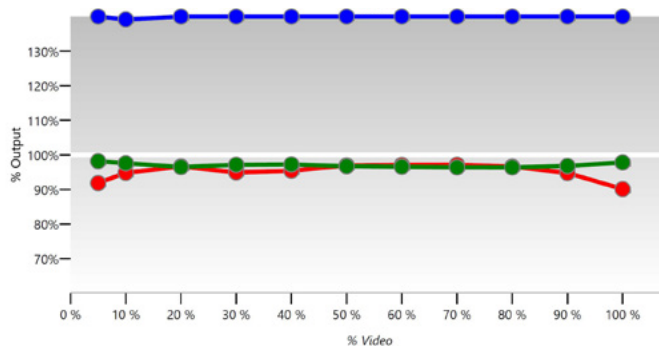
As cores apresentaram extrema saturação de azul (B) e baixa saturação de vermelho (R) e de verde (G). Essa diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 11.5 e após a calibração obtivemos dE 0.5, excelente resultado cromático.

Temperatura de Cor

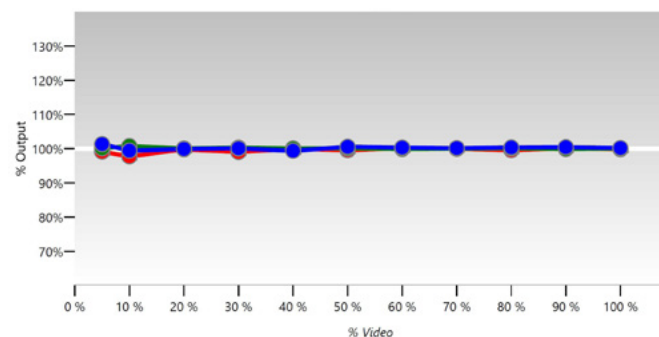


RGB Chart

Antes

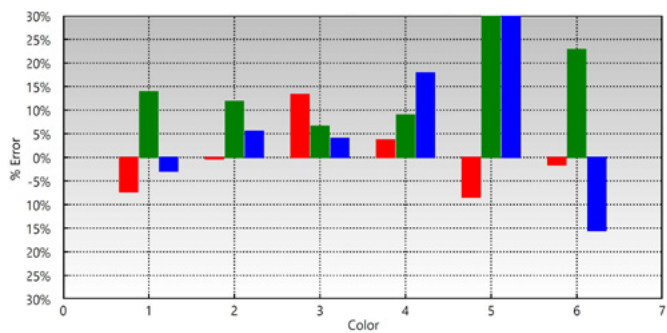


Depois

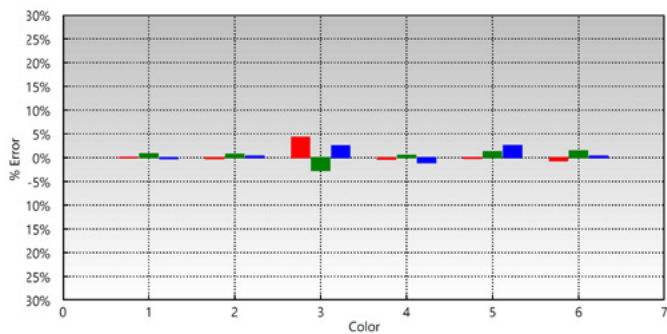


Desvio Cromático

Antes

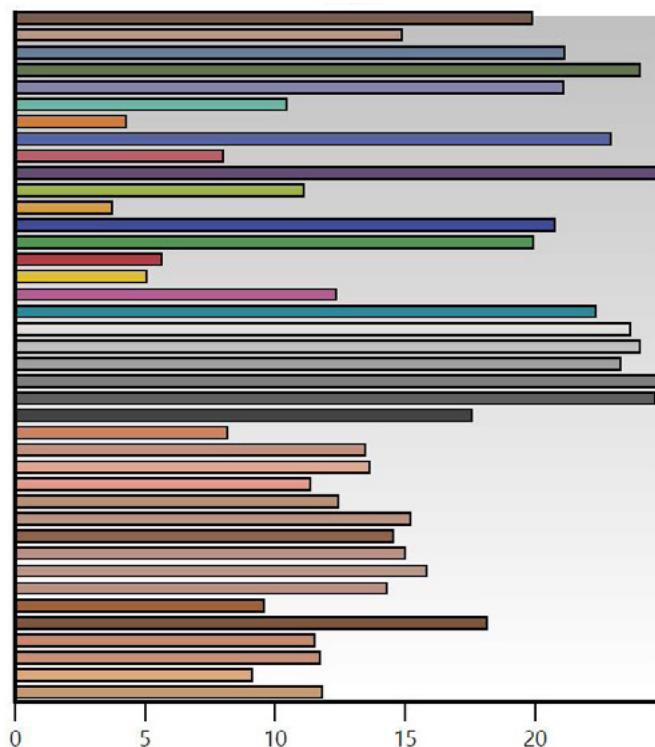


Depois

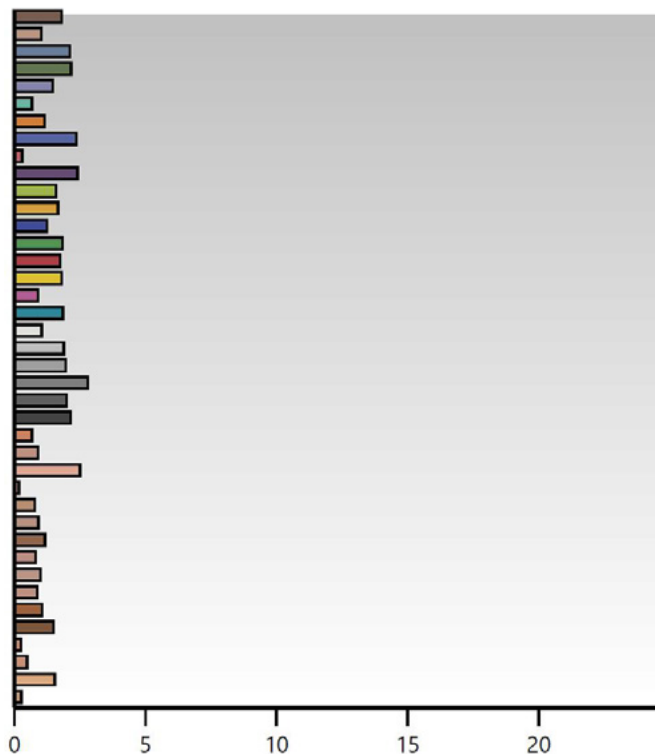


ColorChecker ΔE Performance

Antes

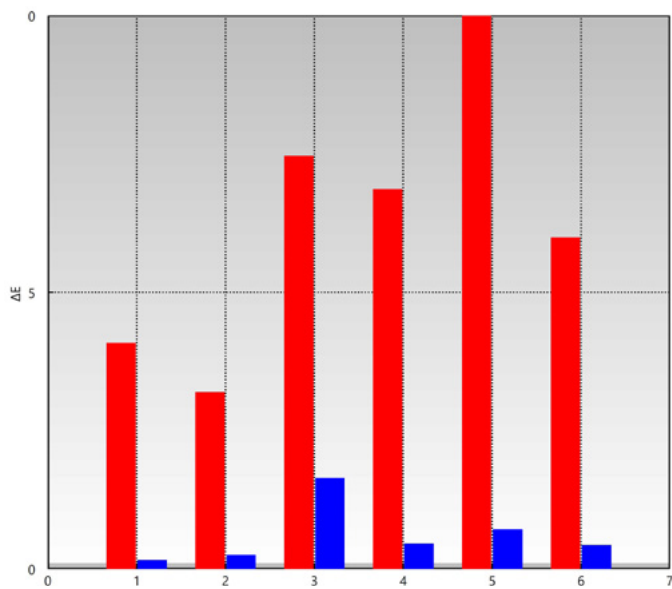


Depois



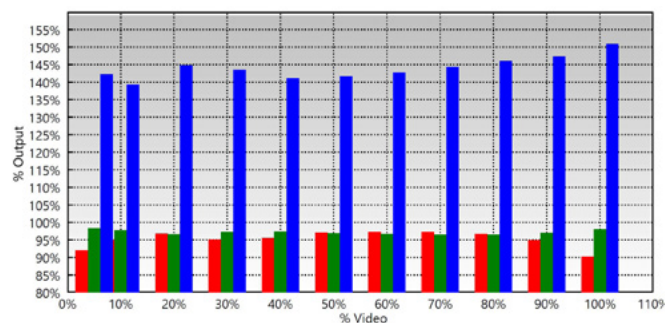
ΔE Performance

Cores Primárias e Secundárias

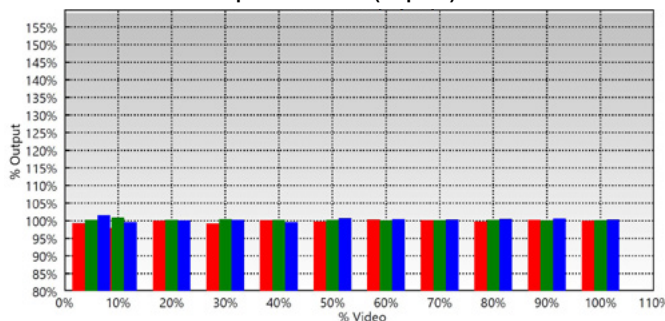


Cor	ΔE (Erro)	
	Antes	Depois
Dark skin	19.9	1.8
Light skin	14.9	1.1
Blue sky	21.2	2.2
Foliage	24.1	2.2
Blue flower	21.1	1.5
Bluish green	10.5	0.7
Orange	4.3	1.2
Purplish blue	22.9	2.4
Moderate red	8.0	0.3
Purple	25.8	2.4
Yellow green	11.1	1.6
Orange yellow	3.8	1.7
Blue*	20.8	1.3
Green*	20.0	1.9
Red*	5.7	1.8
Yellow*	5.1	1.8
Magenta*	12.4	0.9
Cyan*	22.4	1.9
White*	23.7	1.1
Neutral 8	24.1	1.9
Neutral 6.5	23.3	2.0
Neutral 5	27.4	2.8
Neutral 3.5	24.7	2.0
Black	17.6	2.2
D7	8.2	0.7
D8	13.5	0.9
E7	13.6	2.5
E8	11.4	0.2
F7	12.4	0.8
F8	15.3	1.0
G7	14.6	1.2
G8	15.0	0.9
H7	15.9	1.0
H8	14.3	0.9
I7	9.6	1.1
I8	18.2	1.5
J7	11.6	0.3
J8	11.8	0.5
CP-Light	9.2	1.6
CP-Dark	11.8	0.3
Média	15.5	1.4

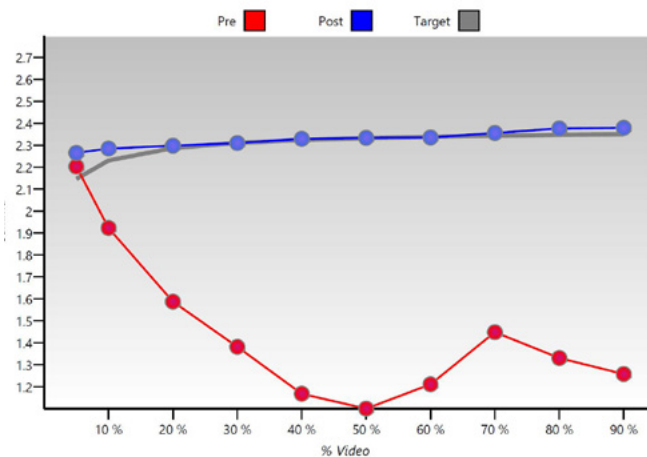
Equilíbrio RGB (antes)



Equilíbrio RGB (depois)



A curva de Gamma inicial estava muito baixa, com valor médio de 1.46. Fizemos ajustes utilizando o menu com ajuste em 20 etapas, buscando seguir o padrão BT1886. As medições pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2.33 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%) e excepcional linearidade.

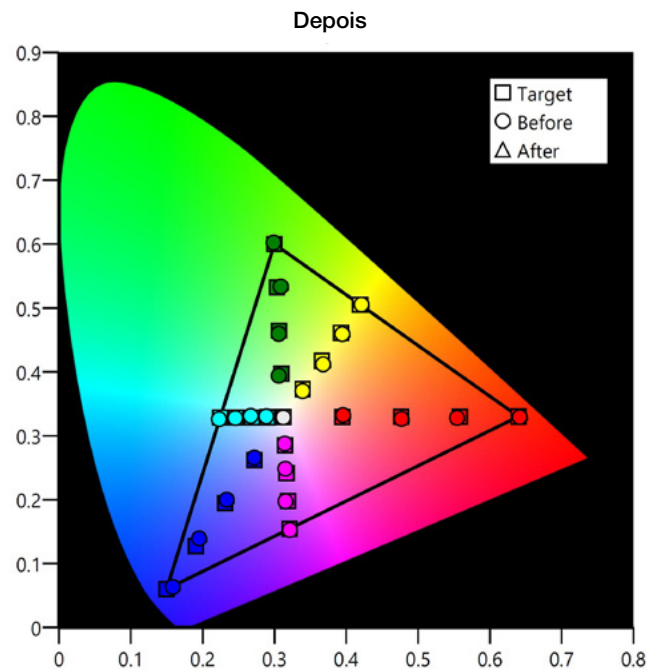
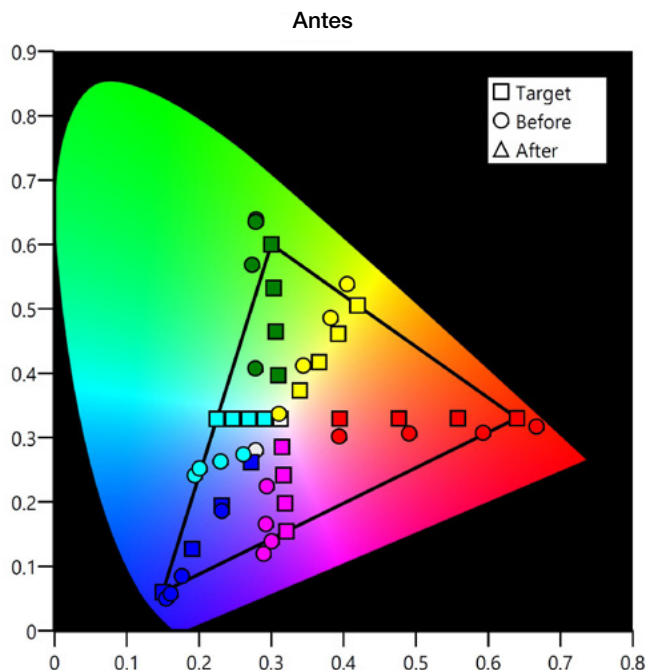


A taxa de contraste medida foi de 13.250:1, valor excelente para aparelhos LCD LED.

O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando excelente linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações.

A Samsung Q800T após calibração mostrou-se entre as melhores do mercado atualmente. Uma TV com imagem excelente, trazendo a tecnologia 8K mais próxima do consumidor.

Saturação de Cores



COLEÇÃO MUSICIAN

HISTÓRIA DA MÚSICA CLÁSSICA

A Editora AVMAG dará a oportunidade para você, que na época do lançamento, não conseguiu adquirir a coleção completa em CD.

Para isso, basta enviar-nos um e-mail, com essa solicitação. O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de SEDEX. NÃO PERCA TEMPO!!!

Adquira já pelo e-mail
revista@clubedoaudio.com.br





FATO OU FAKE

Nunca vivemos uma epidemia tão intensa de informações falsas, em todos os segmentos. Se abrimos a guarda, e não checarmos todo o tipo de informação que recebemos nas mídias sociais, corremos o risco de, em questão de dias, estar completamente “avessos” à realidade.

Eu tomei uma atitude radical: textos sem assinatura, daqueles que acabam com o: “divulguem para o maior número de pessoas”, nem perco meu tempo em ler, assim como os que citam uma enormidade de números, estatísticas e informações sem fontes confiáveis e, por último, os vídeos no YouTube de “formadores de opinião” totalmente desconhecidos e que nunca ouvi falar na minha vida.

Digo sempre, aos que insistem em me mandar este tipo de material, que não achei minha inteligência e nem meu senso crítico no lixo, para ler e ver tanta insanidade diária.

Interessante que as pessoas que defendem essa “liberdade de expressão” vivem vomitando que as mídias oficiais são só lixo e, no entanto, não conseguem sequer discernir o que estão divulgando, o quanto tem de inconsistente e de mentiras.

O nosso segmento também vive de inúmeros fakes, mas até um tempo atrás o que predominava era apenas a “fofoca” ou mentiras, que tentavam atingir pessoas ou empresas pontualmente. Algumas “colavam” e podiam fazer estragos, e outras eram passageiras, sem grandes estragos.

De uma década para cá, cresceram vertiginosamente as campanhas de denegrir todas as empresas de hi-end que foram vendidas ou se instalaram na China. Como se o simples fato de a produção ter sido transferida para lá, da noite para o dia o produto deixou de ser confiável e bom. Sempre fui extremamente cauteloso com essa

questão, pois vi realmente empresas perderem muito do padrão de qualidade e exigirem muito mais manutenção técnica e, outras, que ao contrário se tornaram muito mais competitivas pois conseguiram baratear o produto final e atingir um maior número de consumidores e, ainda, melhorar o nível de performance dos seus produtos.

Então nada pode ser visto de forma definitiva, como as mídias sociais tentam impor e denegrir. E o que mais me choca não é o grau de virulência utilizado atualmente, e sim o grau de estupidez em certas informações e discussões que leio esporadicamente. Pois algumas passam totalmente do limite de “razoabilidade” em termos de informação e conhecimento.

Citarei apenas duas (pois também pincelei no Editorial desta edição): uma muito comum nos fóruns internacionais, à respeito de que todos os powers bem construídos soam iguais e não é possível ouvir diferenças, e uma que um leitor recentemente me questionou, discutida aqui, de que o CD-Player não pode ser considerado uma mídia hi-end por ter sua resposta limitada a 35Hz!

Parece bizarro a qualquer um que tenha uma vivência consistente neste mercado, levar a sério essas duas informações. Mas o fato é que este tipo de “fake” pode criar enorme confusão a quem esteja engatinhando neste hobby.

E como se combate toda essa estupidez?

Com fatos. Procurando questionar de onde ele tirou essa conclusão, qual o seu grau de conhecimento e experiência para defender descabros.

Calar, baixar a cabeça, só irá dar espaço para que este tipo de informações distorcidas e falsas se propaguem e causem um enorme estrago e confusão.

Fui, por muito tempo, omissos em denunciar esses absurdos, pois acreditava que as pessoas têm a capacidade de aprender e corrigir erros passados. Continuo com minha fé inabalável no potencial humano, mas não posso achar que, por “milagre”, essas pessoas deixarão sua estupidez de lado e irão compartilhar apenas fatos comprovados.

Então, querido amigo leitor, fique atento para não comprar fake por fato. ■



Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas *Áudio Vídeo Magazine* e *Musician Magazine*. É organizador do *Hi-End Show* (anteriormente *Hi-Fi Show*) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Víctor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AV MAG



VENDAS E TROCAS

VENDO / TROCO

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas.
Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira). Posso aceitar troca conforme material.
R\$ 9.800.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais aclamados DACs da Atualidade. Conversão 32bit/384 KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



DAC Gryphon Kalliope



VENDO

- Cabo Ágata 2 XLR - 1,2 m.

IMPECÁVEL! R\$ 10.000.

- Par de monoblocos Pass Labs 100.5.
(seminovo). R\$ 50.000 (o par).

Fernando Andrette

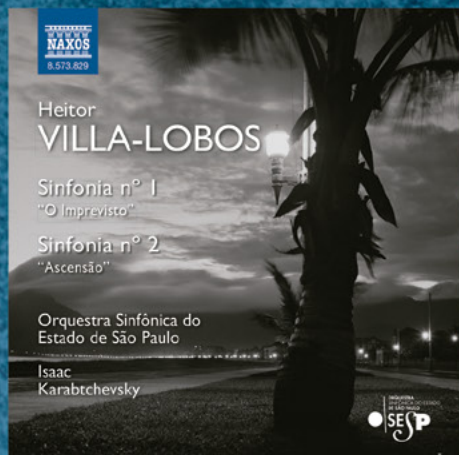
fernando@clubedoaudio.com.br

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
i "movieplaydigital"

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.


UPSAI, um bom motivo para ficar em casa com proteção, qualidade e diversão



Condicionador de energia ACF 2500S

Melhore a performance de sistemas de áudio e vídeo com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Design moderno, tomada USB, circuitos com alta tecnologia de proteção controlados por processadores de última geração, garantem energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 - 2606.4100



UPSAI
sistemas de energia